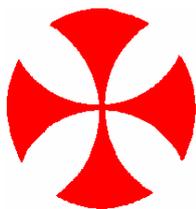


Sociedade das Ciências Antigas

Manual do
Companheiro
Franco Maçom

Aldo Lavagnini



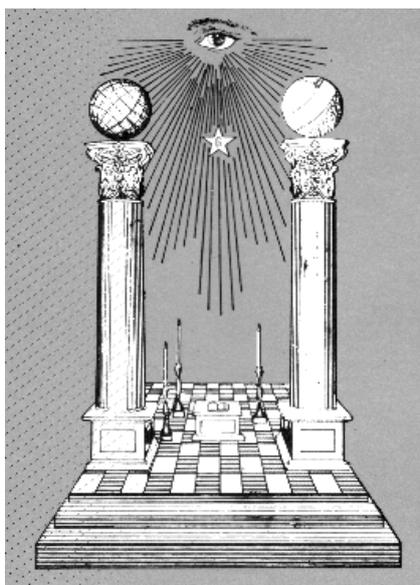
Sociedade das Ciências Antigas

***MANUAL DO COMPANHEIRO
FRANCO MAÇOM***

POR

Aldo Lavagnini

***ESTUDO INTERPRETATIVO DOS SÍMBOLOS E ALEGORIAS
DO SEGUNDO GRAU MAÇÔNICO***



TRADUZIDO DO ORIGINAL ESPANHOL:

***"MANUAL DEL COMPAÑERO FRANCO MASÓN"
BUENOS AIRES - 1955***

DEDICADO AOS IRMÃOS COMPANHEIROS

Este segundo grau no qual fostes admitido, é o resultado natural dos vossos esforços; primeiramente: tendo aprendido, tereis de provar, ou seja, demonstrar na prática, com uma atividade fecunda, os vossos conhecimentos e reconhecimentos interiores. Nisso essencialmente se insere a qualidade de Companheiro, ou obreiro da inteligência construtora, no qual se converteu como resultado de um aprendizado fiel e perseverante.

Sua iniciação efetiva nessa arte, como obreiro ou artista, o faz companheiro de todos os que praticam em comunhão de ideais e objetivos, compartilhando o pão dos conhecimentos e capacidades, adquiridos por meio do estudo e da experiência, como resultado dos esforços numa atividade útil e construtiva.

O sentimento de solidariedade ou **companheirismo** que nasce de tão íntima comunhão, é, e deveria ser a característica fundamental deste grau maçônico. O aprendiz, em virtude de seus conhecimentos ainda rudimentares, e de sua incapacidade simbólica para uma obra realmente eficiente, por não ter sido ainda provadas sua perseverança e firmeza de propósitos, não pode sentir ainda esta solidariedade que nasce do sentimento de igualdade com os que praticam a Arte; sendo que deve esforçar-se constantemente para estar **alinhado** com os Princípios, e poder chegar assim em nível com aqueles que se estabeleceram nos mesmos.

A **liberdade** é o ideal e a aspiração do Aprendiz, cujos esforços se dirigem principalmente a libertar-se dos julgo das paixões, dos erros e vícios; já que cada vício é um vínculo que o detém, retardando o seu progresso. Por meio do esforço vertical, simbolizado pelo prumo (em sentido oposto à gravidade das propensões negativas que constituem a polaridade inferior de seu ser), chega a conquistar aquela liberdade que só se encontra na fidelidade aos Ideais, Princípios e Aspirações mais elevados de nosso ser.

A **igualdade** deve ser a característica principal do Companheiro que aspira elevar-se interiormente até o seu mais elevado Ideal e, em conseqüência, ao nível dos que se esforçam no mesmo caminho e para as mesmas finalidades. Enquanto para a **fraternidade** não pode ser, se não o resultado de haver-se identificado de uma maneira ainda mais íntima com seus irmãos, quaisquer que sejam as diferenças exteriores que, como barreiras, aparentam elevar-se algumas vezes entre os homens.

Sem dúvida, o aprendizado que o Aspirante terminou simbolicamente, ao ser admitido no segundo grau, ainda não está concluído: onde quer que estejamos e em qualquer condição, em qualquer grau maçônico não deixamos de ser **aprendizes**, porque sempre temos algo a aprender. E este desejo ou atitude para aprender é a condição permanente de toda possibilidade de progresso interior.

Porém à qualidade de aprendiz deve agregar-se algo mais: a capacidade de demonstrar e colocar em prática em atividade construtiva os conhecimentos adquiridos, e por meio desta capacidade realizadora é como se chega a converter-se em verdadeiros Companheiros. Igualmente, a capacidade de alcançar um estado mental de firmeza, perseverança e igualdade não os dispensa da necessidade de seguir esforçando-se para estar constantemente em prumo com os seus ideais, princípios e aspirações espirituais.

Cada grau maçônico simboliza, pois, uma condição, qualidade, prerrogativa, dever e responsabilidade que se somam às precedentes sem que nos dispensem de cumprir com as mesmas. Portanto, à qualidade de Companheiro deve agregar-se a de Aprendiz de maneira que, sem que

cesse o esforço de aprender e progredir, esta atividade se faça **fecunda e produtiva**, segundo o expressa o sentido da palavra que indica a passagem do primeiro ao segundo grau.

Assim pois, por haver sido admitido em um grau superior, não deveis esquecer vossa instrução de Aprendiz, nem tampouco deixar de continuar estudando e meditando o simbolismo do primeiro grau: o malho, o cinzel e o esquadro não são menos necessários pelo fato de que aprendestes também o uso do compasso, da alavanca e da régua, que os complementam, porém não os substituem.

Cada grau maçônico é, sobre tudo, um novo grau de **compreensão** da mesma doutrina, um grau situado além da capacidade no uso dos mesmos instrumentos, cujas infinitas possibilidades dependem somente de nosso desenvolvimento interior. Com o mesmo malho e cinzel, fará o humilde canteiro ao princípio de sua carreira, uma pedra toscamente lapidada; o obreiro esperto um trabalho muito mais proveitoso para os objetivos da construção; um artista de maior habilidade saberá fazer dela um capitel ou outra obra ornamental. Porém o escultor que sabe expressar na mesma pedra um ideal de beleza, fará dos mesmos instrumentos um uso infinitamente superior, e o valor de sua obra será por certo muito maior.

O mesmo ocorre com os graus maçônicos, caracterizados tanto por uma maior capacidade no uso dos primeiros e fundamentais instrumentos da Arte, como por novos instrumentos simbólicos desconhecidos nos primeiros graus. Porém, o uso sempre perfeito dos instrumentos elementares, é o que torna úteis e proveitosos os demais instrumentos, que de nada serviriam, para aqueles que não tivessem aprendido ainda a manejar os primeiros.

Não esqueçais, portanto, ao ingressar nessa segunda etapa de vossa carreira maçônica, que todo vosso progresso nela, como na sucessivas, dependem de vossa crescente **capacidade** de interpretar os elementos fundamentais do simbolismo da Arte, aprendendo a vivê-los e realizá-los de uma forma sempre mais perfeita e proveitosa; já que cada grau não é outra coisa que uma melhor, mais iluminada, elevada e profunda compreensão e realização do programa de Aprendiz, que será para sempre a base do Edifício Maçônico, dado que no seu simbolismo está concentrada toda a doutrina que se desenvolve e se explica nos graus sucessivos.

PRIMEIRA PARTE

O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA MAÇONARIA MODERNA

O grau de Aprendiz, busca a resposta à pergunta (de onde viemos?) e a esse grau compete o estudo das origens primeiras da nossa ordem, as quais tivemos buscando no primeiro Manual desta série, assim também é especial a competência do segundo grau simbólico em responder à pergunta (quem somos ?), estudando a história da Maçonaria Moderna.

Os princípios da Maçonaria, conforme os conhecemos atualmente, se devem principalmente ao estado de decadência em que se encontravam, ao fim do século XVII, os antigos **grupos** de construtores, assim como as demais corporações de ofício, que tinham florescido nos séculos anteriores, alcançando o seu apogeu próximo ao fim da idade média. As causas dessa decadência foram por um lado a diminuição do fervor religioso que seguiu a Reforma, de maneira que a construção das igrejas foi cedendo seu lugar a outros edifícios profanos, tanto públicos como privados; e também por um grau maior de especialização dos operários nos respectivos trabalhos, e

a falta de conveniência por parte desses, de seguirem reunindo-se em associações organizadas para a prática de uma arte determinada.

Precisamente por esta razão, no mesmo século XVII, havia se estendido a prática de admitir nos grupos de construtores, membros honorários (maçons aceitos), ainda inteiramente estranhos à prática da arte de construir, porém que cooperavam para proverem materialmente e moralmente esses grupos. O dia em que estes maçons-aceitos começaram a prevalecer sobre os de ofícios, e se lhes concederam cargos de direção (dos quais estavam excluídos anteriormente), foi precisamente o ponto que assinalou a transformação conhecida com nome de maçonaria operativa em especulativa; ainda que o desenvolvimento de um caráter teve de ser mais gradual, entretanto de nenhuma maneira necessariamente implicado pela presença dos membros honorários, apesar do número destes.

A GRANDE LOJA DE LONDRES

Assim foi que, em 1717, os escassos membros remanescentes de quatro lojas londrinas, que tinham os seus lugares de **permanência** (segundo o costume naquela época), em quatro diferentes hospedarias, decidiram celebrar juntos na hospedaria do Manzano sua reunião anual de 24 de junho (dia de São João Batista). Nessa reunião, que depois se tornou tradicional por essa razão histórica, sem que os seus participantes pudessem dar-se conta disso, tratando de buscar uma solução para as suas condições, que nos últimos tempos se encontravam cada vez menos prósperas. Os presentes decidiram juntar-se na, que depois (em 1738) passaram a chamar uma Grande Loja, elegendo para presidi-la oficiais especiais, que deviam promover a sua prosperidade. Esses foram: Antônio Sayer, homem desconhecido e de modesta condição, inteiramente estranho ao ofício de pedreiro, que foi nomeado Grão Mestre; Jacob Lamball, carpinteiro; José Elliot, capitão; foram eleitos grandes vigilantes¹.

Dados que essas Lojas não eram as únicas então existentes (algumas das outras, como de Preston chegaram até os nossos dias) não há dúvida de que de nenhuma maneira poderia tratar-se então de eleger a um “Grão Mestre dos Maçons”, que para tal não tinham autoridade, se não apenas dessas quatro Lojas, não se podendo sequer assegurar-se que tal título foi efetivamente utilizado nessa ocasião, ainda que poderia muito bem ter sido; com esta atribuição restrita. Sem dúvida, somente depois, e por mérito de homens que, sob diversas circunstâncias foram atraídos à essa “Grande Loja”, que as denominações de Grão Mestre e Grande Loja adquiriram real significado e importância.

O desenvolvimento futuro de nossa Instituição, a partir dessa modesta reunião, não estava de nenhuma forma condicionado à mesma, e só se deve à Força Espiritual que aproveitou e vivificou esse pequeno e modesto agrupamento do qual brotou um movimento que se estendeu para toda a superfície da terra. Sempre são, pois, as idéias, as que operam no mundo, por sobre os indivíduos que se fazem seus meios, veículos e instrumentos. É na força das idéias, que animam e inspiram os homens, que se deve todo o progresso e toda a obra ou instituição de alguma importância, por traz daqueles que aparecem exteriormente como seus fundadores e expoentes.

No que particularmente se refere à Maçonaria, não há dúvida que suas origens mais verdadeiras, vão muito além desses homens de boa vontade e de medíocre inteligência que unicamente se preocuparam em salvar suas lojas da decadência que as ameaçava, por meio da união das mesmas. Deve-se buscar essas origens na Idéia Espiritual central, que oculta no seu cerne, o verdadeiro segredo maçônico, assim como das demais idéias relacionadas com aquela, das quais se fez, em diferentes momentos e circunstâncias especiais.

A essa idéia central, ainda oculta e secreta para a maioria de seus adeptos, também devemos o conjunto de tradições, alegorias, símbolos e mistérios, que tem vindo se apropriando, e em parte criando e modificando, para embelezar e dar maior brilho a seus trabalhos, cujas origens, como a de seus cerimoniais, são antiquíssimos, tendo nos sido transmitindo através de diferentes civilizações que se desenvolveram sucessivamente sobre o nosso planeta. Desse ponto de vista está perfeitamente justificado o empenho dos primeiros historiadores maçônicos, começando com Anderson, e dos que fizeram ou adaptaram os seus rituais, para relacionar nossa instituição com todos os movimentos espirituais e tradições místicas iniciáticas da antigüidade, segundo também tratamos de fazer-lo no manual do Aprendiz.

Pois se é certo que a Maçonaria Moderna tem sua iniciação nessa fortuita agremiação de quatro Lojas que juntando-se, puderam salvar-se da dissolução a que pareciam inevitavelmente destinadas - como são todas as coisas que não sabem renovar-se quando chega o momento oportuno - e que, dessa maneira prosperaram muito além de suas expectativas, não é menos certo que souberam recorrer em segredo a herança de todos os segredos, mistérios e tradições, assim como souberam fazer-se o receptáculo das grandes e nobres idéias que constituem um fermento vital e um impulso renovador no meio em que atuavam.

E se pela natureza da obra pode-se reconhecer o artista que a concebeu e realizou, julgamos a Maçonaria pela mística beleza de seu conjunto simbólico- ritual, a essa obra sem dúvida não se pode dar outro qualificado que não o de Magistral. em sua essência mais íntima e profunda, qualquer que possa ser sua filiação exterior e aparente, não pode ser se não Obra de Mestre na acepção mais profunda da palavra. Essa essência íntima é o Logos, ou verdadeira palavra que deve buscar-se em toda Loja **Justa e Perfeita**, a idéia espiritual que nela se deve realizar.

Essa mesma idéia, cujas latentes possibilidades foram depois se desenvolvendo - a maioria delas esperam ainda a oportunidade para vir à luz - tem sido a semente da árvore poderosa que representa a Maçonaria Moderna : um meio destinado ao reconhecimento e à prática da fraternidade, um crisol de idéias e um movimento libertador das consciências e dos povos.

PRIMEIROS DIRIGENTES

Nas sucessivas assembléias solsticiais de 1718 e 1719 foram eleitos Grandes Mestres da Grande Loja de Londres, respectivamente, Jorge Payne e Juan Teófilo Desagulier, o primeiro dos quais tomou novamente o malhete presidencial de 1720.

A esses dois homens se devem, o nascimento da Grande Loja e o impulso espiritual renovador, assim como as linhas ideológicas que depois caracterizaram a Maçonaria Moderna. O primeiro, ex-funcionário governamental, homem muito ativo, enérgico e de posições liberal, parece haver sido levado à sociedade, a que levou o prestígio de sua personalidade e de suas numerosas relações sociais, por sua à afeição pelas antigüidades. O segundo, nascido em La Rochelle e filho de um pastor Hugonote, teólogo e jurista, amigo pessoal de Newton e vice-presidente da Real Sociedade de Londres, contribuiu sobre tudo, especialmente em colaboração com Anderson, para o desenvolvimento de sua parte ideológica.

Esses também foram os que atraíram para a Sociedade outras eminentes personalidades como Duque de Montague quem, em 1721, aceitou a nomeação de Grão-Mestre, sucedendo G. Payne. A eleição, feita com a representação de 12 Lojas, de um membro da nobreza, foi sem dúvida muito acertada quanto ao objetivo de assegurar para a Ordem prestígio e prosperidade material: tornou-se,

pois, moda o pertencer à Maçonaria, buscando-se nela uma espécie de título de reputação e honradez.

Se fez então necessária a formulação de uma maneira mais clara e completa dos estatutos e regulamentos da Ordem, sobre a base das antigas Constituições colecionadas por G. Paynes, e das “General Regulations “ compiladas pelo mesmo no segundo ano de sua presidência. Desta forma, o Duque de Montague solicitou ao Rev. Jaime Anderson, que foi valiosamente assistido em sua obra por G. Paynes e J. T. Desagulier, para os quais colocou “as antigas constituições Góticas” em uma forma nova e melhor.

Assim nasceu o Livro das Constituições dos Franco-Maçons, tratando da história, deveres e regulamentos daquela antiquíssima e mui-venerável Fraternidade. O manuscrito foi examinado pela primeira vez por uma comissão de 14 Irmãos, nomeada no fim do mesmo ano de 1721 pelo Duque Montague, e foi aprovado em 25 de março seguinte, com as emendas sugeridas pelos mesmos, depois do que ordenou a sua impressão, estando 24 Lojas representadas na assembléia.

O livro foi publicado e foi apresentado solenemente por Anderson na assembléia da Grande Loja que se verificou no dia 17 de janeiro de 1723, sendo então confirmado e proclamado Grão-Mestre o Duque de Wharton, quem se havia feito nomear como tal no dia 24 de junho do ano anterior, numa assembléia convocada irregularmente por ele mesmo. Foi sucedido pelo Conde de Dalkeith, continuando-se depois com o mesmo costume de eleger-se para o cargo de Grão-Mestre um membro destacado da nobreza.

A CONSTITUIÇÃO DE ANDERSON

A Obra de Anderson foi sempre considerada nos ambientes Maçônicos com muita benevolência, sem indagar-se até que ponto seu livro das constituições correspondia com a Obra “Las Antiguas Constituciones Góticas” que não nos foram transmitidas, e passando por cima das faltas, erros, omissões e invenções que pudessem conter.

A história legendária das origens Maçônicas que aqui se relata, repousa, como é natural, sobre A Bíblia, livro que para os povos anglo-saxões foi sempre objeto especial de veneração. Caim e seus descendentes como os descendentes de Seth, se consideram como os primeiros edificadores, mencionando-se a continuação a Arca de Noé, que mesmo sendo de madeira foi fabricada segundo os princípios da geometria e das regras da Maçonaria.

Noé e seus três filhos foram, assim, “verdadeiros Maçons que, depois do dilúvio, conservaram as tradições e artes dos antediluvianos e a transmissão ampla a seus filhos. Depois do qual, se menciona os Caldeus e os Egípcios e aos descendentes de Jafet que emigraram as ilhas “Gentiles”, como todos igualmente hábeis na Arte Maçônica. Considera-se os israelenses, ao sair do Egito, como todo um povo de maçons, bem instruídos sob a liderança de seu Grão-Mestre, Moisés, que as vezes os reuniu numa loja geral e regular”.

Finalmente se fala na construção do Templo de Jerusalém, por Salomão, sendo Hiran o Mestre da Obra. Também a Nabucodonosor, depois de haver destruído e saqueado esse mesmo Templo, lhe é atribuído haver posto o seu coração na Maçonaria, construindo as muralhas e os edifícios da sua cidade, auxiliado pelos hábeis artífices da Judéia e de outros países que haviam sido levados cativos para a Babilônia.

Também cita-se os gregos, a Pitágoras, os Romanos e os Saxões, que com natural disposição para a maçonaria, apressaram-se a imitar os Asiáticos, Gregos e os Romanos na instalação de Lojas, traçando-se uma história sumária sobre o desenvolvimento da Arte maçônica na Inglaterra.

Somente na segunda edição da obra, redigida no ano de 1738, se dava escassas notícias sobre a fundação da primeira Grande Loja que teve lugar em 1717, dizendo-se somente na primeira edição que naquela época, em Londres e em outros lugares floresciam diversas e dignas lojas individuais que celebravam um conselho trimestral e uma junta geral anual para nelas conservar sabiamente as formas e os usos da mui antiga e venerável Ordem, cuidar devidamente a Arte Real e conservar a argamassa da Fraternidade, afim de que a Instituição parecesse uma abóbada bem ajustada.

DEVERES MAÇÔNICOS

Segue uma compilação dos Deveres de um Franco-Mação “retirados de antigos documentos”, que tratam :

- (1) de Deus e da religião,
- (2) do chefe de estado e dos seus subordinados,
- (3) das Lojas,
- (4) dos Mestres, Vigilantes, Companheiros e Aprendizes,
- (5) dos trabalhos das Oficinas,
- (6) da conduta em Loja bem como fora da mesma, em passos perdidos, em presença de profanos, no lar e na vizinhança.

No que concerne a Deus e à Religião dizem : “um maçom está obrigado, como tal, a obedecer a lei moral; e, se bem compreende a Arte, nunca se será um ateu estúpido, nem um libertino irreligioso.

“Ainda que, antigamente, os maçons estiveram obrigados, em cada país, a praticar a correspondente religião, qualquer que fosse, estima-se atualmente oportuno que se lhes imponha outra religião, fora daquela sobre a qual todos os homens estão de acordo, deixando-lhes toda a liberdade no que concerne as suas opiniões particulares. Assim, pois, é suficiente que sejam homens bons e leais, honrados e probos, qualquer que sejam as confissões e convicções que os constituam”.

"Assim a maçonaria será o centro de união e o meio para estabelecer uma sincera amizade entre pessoas as quais, fora dela, sempre estiveram mantidas mutuamente afastadas”.

Sobre o assunto da autoridade civil escreve : "O Maçom é um sujeito tranqüilo diante dos poderes civis, em qualquer lugar em que resida ou trabalhe; nunca deve estar implicado em complôs e conspirações contra a paz e contra a prosperidade da nação, nem comportar-se incorretamente com os magistrados subalternos, porque a guerra, o derramamento de sangue e as insurreições foram em todo o tempo funestas para a Maçonaria ...

“Se algum Irmão viesse a insurreccionar-se contra o estado, deveria se cuidar de favorecer sua conversão, ainda que tendo piedade dele, com um desgraçado. Sem dúvida, se não está envolvido em nenhum outro crime, a leal fraternidade, ainda que desaprovando sua rebeldia, fiel ao governo estabelecido, sem dar-lhe motivo de desconfiança política, não poderia expulsá-lo da Loja, já que suas relações com ela são indispensáveis “.

E sobre a conduta na Loja nos recomenda : “que vossos desgostos e pleitos não passem nunca do umbral da Loja; mais ainda : evitar as controvérsias sobre religião, nacionalidades e política, pois,

em nossa qualidade de maçons não professamos mais que a Religião Universal antes mencionada. Por outro lado, somos de todas as nações, de todos os idiomas, de todas as raças, e se excluirmos toda política é por razão de que nunca contribuiu no passado para a prosperidade das Lojas, nem o fará no futuro “.

A ESSÊNCIA DA MAÇONARIA MODERNA

Destes estratos se depreende a orientação estabelecida naquele tempo pelo movimento que produziu a maçonaria moderna cujos princípios fundamentais podem ser formulados, como se segue:

- 1) um reconhecimento implícito da Universalidade da Verdade acima de toda opinião crença, confusão ou convicção.
- 2) a necessidade de obedecer a lei moral, como característica e condição “sine qua non” da qualidade de maçons.
- 3) a prática da tolerância em matéria de crenças, opiniões e convicções.
- 4) o respeito, o reconhecimento e a obediência às autoridades constituídas, desaprovando-se toda forma de insurreição ou rebeldia, ainda que não se considere como crime que mereça a expulsão da Loja.
- 5) a necessidade de fazer nas Lojas um trabalho construtivo, buscando o que une os Irmãos e fugindo daqueles que os dividem.
- 6) A prática de uma fraternidade sincera e efetiva, sem distinção de raça, nacionalidade e religião, deixando fora das Lojas toda luta, questões ou diferença pessoal.
- 7) Considerar e julgar os homens por suas qualidades interiores, espirituais, intelectuais e morais, muito mais que pelas distinções exteriores da raça, posição social, nascimento e fortuna.

A promulgação destes princípios realmente universais (que constituem a essência do humanismo e cuja perfeita aplicação faria desaparecer todas as diferenças entre os homens, todo motivo de luta e de inimizade, fazendo reinar em toda a parte a Harmonia e a Paz), no livro de Anderson foi o que atraiu à Sociedade um número crescente de simpatizantes e ocasionou sua rápida expansão e difusão em todos os países.

Todos os idealistas se sentiram no dever de colaborar com ela, encontrando na mesma um campo de ação e uma riqueza exterior, apropriados para expressar e realizar suas particulares idéias e propósitos. Assim foi como convergiram a ela os homens mais distintos da época e se concentraram muitos esforços até então isolados e separados.

MULTIPLICAÇÃO DAS LOJAS

Por um duplo impulso da exposição dos Princípios e de prestígio pessoal de seus Grandes Mestres, assim como dos que se haviam agrupados ao movimento, as Lojas se multiplicaram rapidamente: as doze Lojas que haviam tomado parte na eleição do duque de Montague ascenderam a 20 no fim do ano, e 49 Lojas foram representadas na assembléia de 1725.

Mas não deve crer-se que nesse número foram compreendidas todas as Lojas então existentes: muitas das que existiam em 1717 não aderiram ao movimento iniciado pelo nascimento da Grande Loja por várias razões, entre elas a de crer usurpada a autoridade dela, e preferiram permanecer independentes. Algumas Lojas não aprovaram as novidades introduzidas no Livro das Constituições, sustentando a obrigação da crença em Deus e a fidelidade as práticas religiosas; isto, assim como outras razões, produziu, como veremos, um cisma que conduziu a fundação de outra Grande Loja.

Além de incrementar-se na Inglaterra, Escócia e Irlanda, o número de Lojas, passou de pronto a multiplicar-se sobre o continente, estendendo-se o movimento em todo o mundo civilizado.

As primeiras Lojas que se constituíram fora da Inglaterra, a base do modelo Inglês (já existia antes e depois da fundação da Grande Loja), foram constituídas em geral por maçons isolados; desejosos de propagar o ideal maçônico, em virtude do direito que acreditavam ser inerente a essa qualidade.

Toda vez que um maçom isolado, desejoso de formar uma Loja, não podia juntar-se com outro, ou com outros dois para formar uma loja simples, iniciavam um profano que julgavam digno de pertencer a Ordem; os dois juntos procediam a iniciação de um terceiro, formando-se assim a Loja simples, que sucessivamente podia fazer-se justa e perfeita.

Assim, pois, no primeiro período, a maioria das Lojas se formaram simplesmente em virtude desse natural direito maçônico, independente de toda carta patente ou da autoridade de uma Grande Loja, cuja autoridade não reconhecida por todos, reservando-se outras Lojas, e fazendo expedir mais tarde uma patente regular.

Um local qualquer, disposto para a ocasião, com a condição de que pudesse fechar-se e estar abrigado das indiscrições profanas, era tudo o que se necessitava para as reuniões, traçando-se no solo cada vez, com giz, os desejos simbólicos que os transformavam no Templo dos mistérios maçônicos.

Assim, pois, muitas destas Lojas, que contribuíram na formação de maçons e a rápida propagação da Ordem em sua nova orientação, puderam forma-se e dissolver-se sem desejar nenhum traço ou recordação. Por conseqüência é muito difícil fixar com segurança a data do começo da Maçonaria Moderna nos diferentes países: como sempre, as origens se acham envoltas na obscuridade.

O trabalho das Lojas, segundo dos costumes ingleses, consistia essencialmente nas recepções ou iniciações, que se fazia com grande cuidado e atenção, já as que se alternavam com muita freqüência festividades e ágapes fraternais consolidando-se ao redor de uma mesa comum o espírito de igualdade e da solidariedade entre seus membros. Não se havia introduzido o costume de tratar diferentes temas, e especialmente se fugir de todas as discussões que pudessem comprometer a harmonia e o bom entendimento entre os irmãos. Sem dúvida, sempre se praticava alguma forma de beneficência.

Por essa razão as Lojas se constituíram especialmente nas hospedarias que costumavam ser freqüentadas por pessoas distintas. Ali se alternava a vida exterior de sociedade com os íntimos trabalhos de ritual. Como a Inglaterra, também a França encontramos as primeiras Lojas das quais se tem notícias históricas, instaladas em hospedaria. Duas delas foram constituídas, respectivamente em 1725 e 1729, em Paris, na casa de um hospedeiro inglês cuja hospedaria levava o nome de "Au Louis d'Argent"; a última delas obteve em 1733 a carta patente número 90 da Grande Loja de Londres. Nesse mesmo ano as Oficinas que pertenciam a Grande Loja chegaram ao número 109.

Nessas Lojas também se pronunciaram homens eminentes, e durante o Grão-Mestrado do duque de Wharton os maçons impuseram a mostrar-se em público com suas insígnias simbólicas.

O DESENVOLVIMENTO NA INGLATERRA

A Loja de York foi talvez a mais importante entre as que não reconheceram a autoridade da Grande Loja londrina e se mantiveram apartadas. Considerada como a Oficina mais antiga, fazendo remontar suas origens ao ano 600, na qual o Rei Edwin havia se assentado "como Grão-Mestre". Em 1725 assumiu o título de "Grande Loja de York ", dizendo que seu Grande Mestre devia ser reconhecido como tal em toda Inglaterra; mas no fundo nem teve outras Lojas sob sua dependência até 40 anos depois.

Essa Grande Loja, que professava e praticava os mesmos princípios que a Grande Loja de Londres, não foi a mesma a causa de dificuldades; mas o que foi bastante a que se opôs em 1751 e se constituiu praticamente em 1753. Nasceu ela principalmente pela iniciativa de um irlandês, Lorenzo Dermot (na Irlanda, desde 1724, já se havia fundado uma Grande Loja semelhante da de Londres), iniciado em Dublin em 1740, na qual, visitando uma Oficina londrina em 1748, não ficou muito satisfeito com as inovações que encontrou nos rituais. Formou então um movimento que teria por objetivo uma maior fidelidade aos usos antigos, e sete Lojas se uniram em Londres desde 1751, fundando uma Grande Loja da qual foi Grande Secretário.

A nova Grande Loja distinguia os seus membros com o nome de Ancient Masons (velhos maçons), em contraposição com os "Modern Masons" (maçons modernos) da qual se constituiu em 1717, baseando sua constituição sobre outra que se supunha datada do ano de 926.

Não prosperou essa Grande Loja menos que a outra, a qual fixou uma séria competência (dado que a denominação de antigos angariava maiores simpatias que a dos modernos), chegando a ter em 1813, quando finalmente se uniram as duas Grandes Lojas, entre as quais quase não havia nenhuma diferença, 359 Oficinas sob sua jurisdição.

Foram constituídas por estas duas Grandes Lojas muitas Lojas regimentais, formadas por militares e que se trasladavam com eles, e também algumas Lojas marítimas, a bordo dos navios de guerra.

Além das Grandes Lojas citadas existia em Edimburgo a Grande Loja da Escócia, fundada por 34 Lojas em 1736.

A MAÇONARIA NA FRANÇA

Depois da Inglaterra a França foi o primeiro país no qual fincou suas raízes a Maçonaria Moderna. Lojas maçônicas isoladas fundadas por ingleses, parecem haver existido neste país desde antes de 1700 ; mas tal fato não tem veracidade histórica.

As primeiras quatro Lojas parisienses, sobre as que se tem notícias certas, se reuniram em 1736, estando presentes cerca de 60 membros, e procedendo-se pela primeira vez a eleição de um Grande Mestre na pessoa de Charles Radcliff, conde de Derwentwater, fundador que foi da primeira Loja na hospedaria Au Louis d'Argent. Devendo este abandonar o país, foi eleito em 1783, em uma segunda assembléia, como Grande Mestre ad vitam, Louis de Pardaillon, duque de Antin, quem aceitou o cargo, apesar de o Rei Luis XV ter ameaçado com a Bastilha ao francês que a aceitara.

Principia nessa época as primeiras graves hostilidades contra a Maçonaria, tanto de caráter político como religioso. As primeiras suspeitas nasceram quando ela já não se limitava a reunir entre si elementos estrangeiros, se não que admitia igualmente a membros da nobreza e cidadãos ordinários, fraternizando mutuamente com toda aparência de conspiração. Então as Lojas foram vigiadas e se chegou até a suspende-las, aprendendo-se os Maçons e a todos que os hospedassem; sem dúvida, tudo isto não obstruiu seu processo, e as lojas seguiram reunidas, aumentando-se as precauções e até o lance a que se expunham, mas atrativo em pertencer a mesma.

Tampouco impediram seu processo da bula de Clemente XII e os meios que se usaram para difamar a Maçonaria e colocá-la em ridículo, como já se havia feito na Inglaterra; quando em 1743 morreu prematuramente o duque de Antin, havia na França mais de 200 Lojas, 22 das quais atuavam em Paris.

Remonta a essa época, e precisamente a 21 de março de 1737, o famoso discurso de Andrés Miguel Ransay, Grande Orador da Ordem, pronunciado durante uma recepção, e que tanta importância teve depois por suas múltiplas repercussões, as quais ocasionaram por um lado a concepção e criação daquela famosa obra que foi a Enciclopédia, e pelo outro movimento conhecido com o nome de Mestres Escoceses, que principiaram em juntar um quarto grau privilegiado (isto também havia sido feito pela Grande Loja dissidente fundada na Inglaterra em 1751, com o nome de Real Arco), que depois se multiplicou em uma série de graus suplementares que queriam reproduzir as antigas Ordens cavaleirescas, crescendo até os 33 graus atuais do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Essa última novidade não foi a princípio muito bem acolhida, e um artigo das Ordenanças Gerais da "Grande Loja Inglesa da França" (como assim se chamava então) não reconhecia os Mestres Escoceses, quanto aos direitos ou privilégios acima dos três graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre. Sem dúvida, doze anos mais tarde, repudiando-se o nome da Grande Loja Inglesa, substituído pelo nome simples de "Grande Loja da França", e revisando-se os Estatutos de Lojas, o privilégio de permanecer cobertos nas posses, assim como o direito de inspecionar as Lojas restabelecendo a ordem quando fora necessário.

O conde de Clermont, que em 1743 havia sido eleito em substituição ao duque de Antin, não levou a sério o cargo aceito, e até transcorridos os primeiros quatro anos não se atreveu a ostentar o título de Grande Mestre. Para esquivar sua responsabilidade elegeu em princípio um substituto que não foi mais ativo que ele, e depois um intrigante mestre de dança que levantou veementes protestos, e recusa pela maioria dos componentes da Grande Loja a reunir-se sob sua presidência. Apesar de haver sido, em 1762, revogado seu cargo e substituído pelo Deputado Grande Mestre e não obstante a boa vontade deste, não se pode evitar a anarquia, que levou as Lojas a autonomia mais completa, dissolvendo-se praticamente a Grande Loja; esta, por mandato do rei, foi suspensa em 1767, quatro anos antes da morte do conde de Clermont.

Nessa ocasião foi novamente convocada, sendo eleito como Grande Mestre o duque de Chartres. E como desde um princípio não se faziam demasiadas ilusões os maçons franceses sobre suas funções essencialmente honoríficas, se nomeou também, como Administrador Geral, ao duque de Luxemburgo, destinado a substituí-lo efetivamente.

O duque de Luxemburgo, que teria então 33 anos, tomou como muito zelo e ardor seu cargo, elaborando um plano completo de reorganização, convocando em Assembléia, para aprová-lo, os representantes de todas as Lojas da França. Ficou assim constituída a Grande Loja Nacional, sendo representadas permanentemente nas mesmas, por meio de disputas (eleições), todas as Lojas, juntas a autoridade central direta que tomou o nome de Grande Oriente da França. Também se pôs fim ao

privilégio dos Mestres de Lojas, que se consideravam até então vitalícios, estipulando-se que todas as oficinas elegeriam anualmente seus oficiais.

Como nem todas as Lojas reconheceram essas reformas, se formou também, em oposição ao Grande Oriente, a Grande Loja de Clermont, que reconhecia igualmente como Grande Mestre o Duque de Chartres.

Também tiveram existência na França, nessa época, vários ritos e ordens mais ou menos relacionadas com a Maçonaria, entre aos quais o rito do "Elu Cohen" fundado por Martinez de Pasquallis (**Elu Cohen significa sacerdote eleito**), que teve entre seus adeptos o célebre Louis Claude de Saint-Martin, chamado de o Filósofo Desconhecido. Igualmente deve ser notado o rito de Menfis-Misraim ou Maçonaria Egípcia fundada por José Bálamo, mais conhecido com o nome de Conde de Cagliostro, que admitia a mulher e compreendia 96 graus.

Várias associações destinadas a dar à mulher a participação nos trabalhos maçônicos foram criadas cerca do século XVIII; e em 1774 a Maçonaria concordou oficialmente em reconhecer a Maçonaria de Adoção, com o rito especialmente elaborado para a mulher, constituindo-se então muitas Lojas femininas.

Desde 1773 a 1789 tomou a Maçonaria na França um impulso formidável, passando de 600 o número das Lojas, sem contar cerca de 70 Lojas regimentais.

Se fizeram iniciar na Maçonaria homens mais conhecidos da época, entre eles Voltaire, com idade de 80 anos, que foi recebido em 1778, apresentado por Franklin e Court de Gebelin, sendo a assembléia presidida pelo célebre astrônomo Lalande. Com a revolução a Maçonaria suspendeu na França suas atividades. Se lhe atribui erroneamente haver participado diretamente na revolução, se bem é certo que participou na revolução intelectual que a precedeu, com a afirmação do trinômio liberdade-igualdade-fraternidade que, interpretado profanamente, pode ter sido causa indireta de muitos excessos. Mas um conhecimento mais profundo da verdadeira essência da Instituição, e de como deva realmente interpretar-se esse trinômio, colocam-na acima de toda efetiva responsabilidade daquele cataclisma, do qual foi também uma das vítimas.

PRIMEIRO ANÁTEMA

O primeiro anátema contra a Maçonaria foi lançado como vimos, em 1738, pelo papa Clemente XII, havendo preocupado muito o clero de então, de que "homens de todas as religiões e de todas as seitas, satisfeitos com a pretendida aparência de certa classe de honradez natural, se aliam em estreito e misterioso laço". O segredo maçônico (cuja verdadeira natureza tratamos de por em evidência nestes manuais) foi o ponto de acusação contra a Ordem. Os homens em geral, e ainda mais as autoridades, divagam e desconfiam e tem medo de tudo aquilo que não compreendem: a crença no mal (o verdadeiro pecado original do homem) lhes faz supor que ali deva esconder-se algo mal e indesejável, e portanto atribuem facilmente más intenções ainda que onde não há o menor traço delas. Assim nasce a suspeita, e dessa passa facilmente à acusação, à condenação e à perseguição.

A encíclica não teve o mesmo efeito em todos os países: ainda que os Estados Pontifícios e a Península Ibérica, a qualidade de maçom se castigou até com a pena da morte (e não faltaram à Maçonaria seus mártires), na França, pelo contrário, nem essa encíclica nem a seguinte (que o Parlamento francês recusou registrar) foram tomadas em consideração: prelados e sacerdotes continuaram sendo recebidos nas Lojas, dado que tal qualidade lhe abria facilmente suas portas.

Uma segunda bula papal, publicada em 1751, por Benedicto XIV, foi também causa, nos países acima mencionados, de perseguições sangrentas, considerando-se isto como se fôra um crime, o privilégio de pertencer a Ordem.

PRIMEIROS ANÁTEMAS

O primeiro anátema contra a Maçonaria foi lançado como dissemos, em 1738, pelo papa Clemente XII, houve muita preocupação do clero de que “homens de todas as religiões e de todas as seitas, satisfeitos com a pretendida aparência de certa classe de honradez natural, se aliam *no estreito e misterioso laço*”. O *segredo maçônico* (cuja a verdadeira natureza tratamos de pôr em evidência nestes manuais) foi o ponto de acusação fundamental contra a Ordem. Os homens em geral, e ainda mais as autoridades, teimam desconfiar e ter medo de tudo aquilo que não chegam a compreender: a *crença no mal* (o verdadeiro pecado *original* do homem) faz supor que ali esconde algo de mal e indesejável, e portanto atribuem facilmente más intenções onde não há o menor traço delas. Assim nasce a suspeita, e desta passa-se facilmente à acusação, à condenação e à perseguição.

A encíclica não teve o mesmo efeito em todos os países: enquanto nos Estados Pontifícios e na Península Ibérica, a qualidade de maçom se castigou com pena de morte (e não faltaram a maçonaria seus mártires), na França, pelo contrário, nem esta encíclica nem a seguinte (que o Parlamento francês recusou registrar) foram tomadas em consideração: prelados e sacerdotes seguiram recebendo nas Lojas, dado que tal qualidade abriria facilmente suas portas. Uma segunda bula papal, lançada em 1751, por Benedicto XIV, foi também causa, nos países acima mencionados, de perseguições sangrentas, considerando nesses como se fosse um crime, o privilégio de pertencer a Ordem.

O EXÓRDIO NA ITÁLIA

A Maçonaria conforme o uso inglês foi introduzida na Itália em torno do ano de 1733, por Charles Sackville em Florença, em princípio unicamente entre os ingleses que visitavam as Academias, aos que não tardaram em juntarem-se vários italianos entre os mais cultos.

A idéia se propagou rapidamente, primeiro em Toscana e depois em toda a península. Fundou-se uma Loja em Livorno, na que trabalharam harmoniosamente, católicos, protestantes e judeus e que, precisamente por tal razão, não tardou em excitar as suspeitas do clero romano, preocupado pela nascente sociedade na qual via sobre tudo um perigo para sua hegemonia espiritual. E essa foi a origem da encíclica *em eminente* da qual acabamos de falar.

O anátema pontifical não pode ser contrário ao auge da Maçonaria, que seguiu difundindo-se, naquela mesma época, pelas principais cidades da Itália setentrional. Porém um Maçom florentino, Tommaso Crudili, denunciado involuntariamente pela indiscrição entusiasta de um abade companheiro de Loja, teve de pagar com a tortura e com a morte (apesar de haver sido posto em liberdade pela enérgica intervenção do duque Francisco Esteban, iniciado na Haya em 1731) o crime de pertencer a Sociedade.

Em Nápoles a Maçonaria floresceu notavelmente, constituindo-se ali, cerca da metade do século, uma Grande Loja, enquanto as demais oficinas da península dependiam de Londres. Não teve nenhuma restrição sob o reinado de Carlos VII, porém não ocorreu o mesmo com seu sucessor Fernando IV, que chegou a odiar a Instituição por sua mesma debilidade de caráter, tendo medo das provas da iniciação. Sem dúvida, os maçons napolitanos receberam durante certo tempo a ajuda e

proteção inesperada da rainha Carolina, que fez num princípio revogar o editorial, suprimindo-se as sanções penais contra os maçons (1783); porem, depois, a morte de sua irmã Maria Antonieta na revolução francesa foi causa dessa simpatia se mudar totalmente.

NA PENÍNSULA IBÉRICA

A península ibérica tem, indubitavelmente a primazia no martirologio maçônico, em que o privilégio de haver iniciado a perseguição contra os maçons corresponda melhor ao clero católico da Holanda que, desde 1734, iniciou com suas calúnias as massas ignorantes, fazendo que fosse invadida uma Loja em Amsterdã, destruindo-se móveis e cometendo violência contra as pessoas.

Por causa da perseguição que lhe foi imposta, assim que as primeiras lojas foram constituídas em 1726 e 1727, respectivamente em Gibraltar e Madri, tardou na Espanha quase meio século antes de que pudesse constituir uma Grande Loja, sob o reinado de Carlos III, mais liberal que seu predecessor, o qual havia autorizado o desterro dos maçons e dado carta branca a Inquisição.

Quase ao mesmo tempo que na Espanha, (1727) foi introduzida a Maçonaria em Portugal pelo capitão escocês sir George Gordon; porem desde de 1735 se empenhou em derramar sangue dos maçons por obra de um Frater fanático que denunciou 17 irmãos por conspirações e heresia. Desde de então os *pedreiros livres* foram caçados, condenados à morte e atormentados nas formas mais bárbaras, até o reinado de José I.

Em Madri, os primeiros maçons foram arrastados e conduzidos aos cárceres da Inquisição em 1740: oito deles foram condenados às galeras, os demais a diferentes penas. A Maçonaria foi tolerada e pode prosperar unicamente durante o mencionado reinado de Carlos III (1759-1788), depois do qual se proibiu todo trabalho maçônico até a entrada dos franceses em 1808.

No ano de 1750 também floresceu a Maçonaria por algum tempo em Portugal, sendo primeiro ministro do rei José I, Sebastião de Carvalho, depois marquês de Pombal, que foi iniciado em Londres em 1744. Esse ministro foi muito benéfico para o país ao qual deu uma constituição mais liberal, abolindo a Inquisição e desterrando os jesuítas. Porem após a morte do rei, eles se vingaram fazendo-o cair em desgraça com a rainha Maria I e, depois de ser condenado à morte e anistiado teve o ex-ministro que abandonar Lisboa na idade de 78 anos.

Renovando, a rainha Maria, a lei de João V contra os maçons, estes foram novamente perseguidos: alguns puderam escapar, porem outros tiveram que sofrer por vários anos as penas da Inquisição. Apesar disso, algumas Lojas seguiram trabalhando em certos barcos ingleses ancorados no porto, um dos quais se fez célebre como a *Fragata Maçônica*. Em que não se ousara proceder de uma maneira direta a execução dos maçons apreendidos, muitos deles morreram nas masmorras.

NA ALEMANHA E ÁUSTRIA

Se bem que Lojas maçônicas de caráter mais transitório existiram na Alemanha anteriormente (sem falar, naturalmente, das antigas corporações de construtores de igrejas), a primeira que teve certa a importância e duração parece ter sido a que foi fundada em Hamburgo em 1737, com o nome francês de *Société des acceptés Maçons Libres de la Ville d'Hambourg*. O barão de Oberg, Venerável da mesma, teve no ano seguinte a fortuna e a honra de iniciar na Ordem ao príncipe herdeiro Frederico da Prussia. Enquanto o pai dele, então reinante, sempre se opôs a introdução da Maçonaria em seus estados, Frederico se fez desde o princípio seu protetor, e ao subir ao trono em 1740 declarou publicamente sua qualidade de Maçom.

A iniciativa do jovem imperador se deve a fundação em Berlim da Loja *Os três Globos*, que em 1744 foi elevada a categoria de Grande Loja. Desde então a maçonaria pode desenvolver-se livremente naquele país e se estabeleceram Lojas nos principais povoados alemães.

Em Viena foi fundada em 1741, pelo bispo de Breslau, a Loja *Os três Cânones* a que pertenceu o imperador Francisco I, que foi iniciado em La Haya, em 1731, por Desaguliers, recebendo mais tarde na Inglaterra o grau de Mestre. O imperador protegeu a Maçonaria da qual se fez protetor numa ocasião, quando, em 1743, foram arrastados por ordem de Maria Teresa os membros de uma Loja. Durante a segunda metade do século, na Alemanha como na França, houve um especial fervor na criação de graus suplementáreis aos três simbólicos e maçônicos propriamente ditos, relacionando a Maçonaria com a Ordem do Templo, a qual se pretendeu reconstruir, e com outras tendências místicas da mesma época.

Nasceu assim entre outras, a *Ordem da Estrita Observância*, fundada em 1754, pôr J.B. von Hund, que se bem não sobreviveu a morte de seu fundador (em 1776), não deixou de ter certo êxito e ampla ressonância, também fora da Alemanha, durante sua breve existência, e seguiu exercendo sua influência em outras ordens, como na Martinista, que a sucederam. Todas essas ordens, de efêmera duração, tiveram sem dúvida uma influência decisiva na criação do Rito Escocês, primeiro em 25 e logo em 33 graus, cuja a instituição foi falsamente atribuída ao mesmo imperador Frederico, que parece não ter possuído outros graus que os três primeiros, desaprovando ademais a introdução de outros graus. Entre os homens mais celebres que, no século XVIII, se iniciaram na Maçonaria na Alemanha, e escreveram entusiasmadamente sobre a Ordem, citamos Lessing e Goethe que foram recebidos nela em 1771 e em 1780, respectivamente.

NOS DEMAIS PAÍSES DA EUROPA

Na Bélgica a primeira Loja segundo o uso inglês foi a Perfeita União, estabelecida em 1721, que converteu-se depois na Grande Loja Providencial.

Na Holanda já havia Lojas em 1725, que se regularizaram dez anos mais tarde sob a jurisdição da Grande Loja de Londres. Em 1757a Grande Loja Providencial tinha treze oficinas e em 1770 se fez independente.

Na Suíça a cidade de Genebra e sua região foram os primeiros onde se formaram Lojas Maçônicas; a vida da Sociedade foi ali muito ativa, porem não menos agitada por causa das sisões internas que esgotaram suas energias.

Na Suécia a primeira Loja foi constituída em redor de 1735 pelo conde Axel Ericson Vrede-Sparre, que foi iniciado em Paris quatro anos antes. Como consequência da encíclica papal, o rei Frederico I ameaçou castigar com a morte a participação em reuniões maçônicas, retardando assim o desenvolvimento da Instituição. Depois, sem dúvida, os reis da Suécia se distinguiram em proteger a Ordem, sendo atualmente uma de suas características que os monarcas daquele pais unem a essa qualidade de Grão Mestres. Uma Grande Loja se constituiu em 1761, reorganizando-se em 1780 com um rito especial de 12 graus, que rege na atualidade.

Na Polônia, introduzida em 1739, foi proibida pouco depois e tardou em propagar-se até o ultimo quarto do século. As Lojas reconheciam em primeiro a autoridade do Grande Oriente da França, e em 1785 se fundou em Varsóvia um Grande Oriente nacional, que chegou a ter em poucos anos mais de 70 oficinas.

Falam que a Maçonaria foi introduzida na Rússia por Pedro o Grande, iniciado numa Loja de Londres. De todos os modos é certo que, em 1731, o capitão Juan Phillips foi nomeado Grão Mestre Provincial da Rússia pela Grande Loja da Inglaterra, ao qual sucedeu em 1740 Jaime Keith, que então servia no exercito russo. Vários aristocratas russos, comerciantes e marinheiros se fizeram então maçons.

Mais tarde a idéia maçônica recebeu um notável impulso pelo celebre gravador Lorenzo Natter, que em Florença conheceu o Lorde Sackville. Nesta época de florescimento, a Maçonaria russa foi muito influenciada pelos sistemas e ritos alemães, e duas figuras dominantes foram nela, o professor Eugênio Schwarz e o escritor Nicolas Novikov.

Característica da Maçonaria Russa foi o desenvolvimento de benéficas atividades em favor das massas populares, combatendo o analfabetismo e a falta de cultura, mediante a impressão e difusão de muitas obras de autores estrangeiros, fundação de escolas, hospitais e outras instituições, e iniciativa de beneficência.

A segunda metade do século dominavam dois sistemas rivais, o inglês e o sueco, cuja a união se logrou em 1776. A Maçonaria, num princípio protegida por Catarina II, foi depois repudiada por essa Imperatriz, e sua atividade se restringiu notavelmente a fins do século, sendo depois proibida por completo durante o reinado de Pablo I.

Desde de então a vida da Maçonaria na Rússia foi muito precária e ocasional: teve a efêmera esperança de poder ressurgir sob o regime de Kerensky, porem encontrou no Bolchevismo um inimigo ainda mais implacável que a monarquia derrotada, motivando-se esta última perseguição pelo fato de tratar-se de uma instituição *tipicamente burguesa*.

Também se estendeu a Maçonaria inglesa, em seu primeiro século de vida, em Constantinopla, Egito, Pérsia e Índia, até chegar a África do Sul. Em Calcutá a primeira Loja foi fundada em 1728 por sir Jorge Pombret, e a esta seguiram depois muitas outras nas principais cidades daquele país. Cerca da metade do século XVIII havia Lojas em todas as partes do mundo.

NA AMÉRICA

Na América a primeira Loja parece ter sido fundada em Louisburg (Canadá) em 1721. Quando em 1730 Daniel Coxe era Grão Mestre Provincial em New Jersey das colônias inglesas da América, se estabeleceram várias Lojas e a imprensa deu conta do acontecimento.

Benjamin Franklin fez em 1734 a primeira edição americana do *Livro das Constituições* de Anderson, e no mesmo ano foi eleito Grão Mestre. A atividade maçônica se expandiu assim rapidamente.

A divisão inglesa entre *Antigo e Moderno Maçons*, não deixou de refletir-se em suas colônias, particularmente na América, onde assumiu um caráter especial pelos acontecimentos políticos que culminaram na Guerra da Independência, contando-se entre os *modernos* especialmente os funcionários, conservadores e partidários do governo inglês, e entre os *antigos*, os impulsores da Independência.

Apesar de que os trabalhos das Lojas não tiveram um caráter verdadeiramente político (os Templos sempre foram lugares de reunião onde os mesmos adversários se acolhiam fraternalmente),

nas Lojas dos “antigos” foi concebida e se concretizou a idéia da União Americana. A maioria dos que levaram a cabo a independência desse país foram maçons, como o demonstra o fato de que 53 dos 56 que entregaram a declaração de Independência ostentaram tal título.

Washington foi iniciado em 1752, e durante toda sua existência tomou parte muito ativa na vida maçônica: todos os atos de sua vida pública levam impressos os imortais princípios da Instituição. Quando foi eleito Primeiro Presidente dos Estados Unidos, prestou seu juramento sobre a Bíblia da St. John’s-Lodge, e em 1793, quando se colocou a primeira pedra do Capitólio, apareceu com as insígnias de Venerável honorário de sua Loja.

A atividade maçônica não sofreu nenhuma interrupção durante a campanha da Independência, senão que constituíram nos partidos muitas Lojas regimentais que contribuíram notavelmente a manter a união e o espírito de solidariedade entre seus membros, fazendo mais íntimos os laços da disciplina exterior.

Também entre os adversários de ambos campos, o reconhecimento da recíproca investidura maçônica deu lugar a muitos atos de generosidade e, assim como em outros países tal circunstância punha em perigo vida e liberdade, aqui não, poucos deveram uma ou outra coisa ao fato de serem maçons.

Estes fatos, à parte que teve a Ordem no movimento de independência, explicam a extraordinária difusão que teve depois a Maçonaria nesse país, no qual se contam atualmente 82 por 100 dos maçons do mundo inteiro.

A MAÇONARIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

A princípios do século XIX se observa em qualquer lugar um novo florescer do Ideal Maçônico. Enquanto nos Estados Unidos se constitui definitivamente o Rito Escocês em 33 graus (1801), que tão boa acolhida devia ter depois em todo o mundo (apesar de estar hoje demonstrado que o rei Frederico da Prússia, ao qual se atribui sua fundação, na data de 1786, pouco antes de seu descenso, nada teve a ver no assunto), na Inglaterra as duas Grandes Lojas rivais se fundem em 1813, na Grande Loja Unida que desde de então seguiu sem interrupção a frente dos maçons da Grã Bretanha.

Na França, ressuscita com o advento napoleônico, em que dominada pela vontade então imperante, que lhe impuseram seus Grãos Mestres, aspirando fazer da mesma um instrumento do governo. Por esta razão, em que se encheram de funcionários, nem todos os antigos maçons voltaram a renovar seus trabalhos. E ao estender-se a dominação francesa lhe deu curto parênteses de liberdade nos países onde estava então perseguida: em Espanha, Portugal, Áustria e Itália.

Durante as diferentes guerras que tiveram lugar nesse agitado período da história européia, foram muitos os episódios nos quais se revelou a influência benéfica da Maçonaria, eliminando os ressentimentos e ódios nacionais, e estabelecendo por cima destes os fundamentos de uma Fraternidade Universal e de uma comum compenetração que talvez seja a única base de uma paz duradoura entre as nações.

Muitos são os rasgos de heroísmo com os quais os maçons, sobre os campos de batalha, conseguiram com o perigo da sua, salvar a vida e dar liberdade a inimigos, que se revelaram como *irmãos*. E isto se verificava igualmente nos dois campos contudentes, sem exceção.

Este sentimento de Humanidade, bem pode constituir-se uma acusação pelos que estão cegados pela visão estreita de um nacionalismo mal entendido, constitui uma das melhores demonstrações da influência, *sempre benéfica* da Instituição: não fazem, por certo, o mesmo os que comungam uma mesma religião, quando se encontram e se reconhecem como tais no campo de batalha.

NOVAS PERSEGUIÇÕES

Com a queda de Napoleão, empenharam novamente na Espanha e Portugal as mais cruéis perseguições contra os Maçons, onde a Sociedade teve que viver uma vida secreta e extremamente agitada. Se bem que desde 1868, com o duque Amadeo de Saboya e com a Republica proclamada depois, pode na Espanha desenvolver-se livremente por alguns meses, as perseguições e hostilidades se renovaram logo, em que pese não numa forma tão bárbara e violenta como as anteriores. O mesmo sucedeu em Portugal, onde o Grande Oriente Lusitano, constituído desde 1805, não pode trabalhar livremente até 1862.

O anti-maçonismo se estendeu nesta época em toda Europa: na mesma Inglaterra, o ministro Liverpool pediu em 1814, sem conseguir, sua supressão. Esta se fez efetiva na Áustria até 1768, assim como na Rússia praticamente seguiu sendo por mais de um século (apesar de várias tentativas esporádicas e das 30 Lojas, aproximadamente, que puderam existir durante a guerra), depois de um curto período de florescimento, entre 1803 e 1822.

Os papas Pio VII, Leão XII, Pio VIII e Pio IX, continuaram confirmando os anátemas de seus predecessores, e numa forma mais violenta o fez em 1884 Leão XIII, definindo-a, em sua encíclica *Humanum genus*, como *opus diabuli*. As palavras do chefe da Igreja tiveram, como é natural, larga ressonância no clero romano, que iniciou, de todas as maneiras possíveis, uma vasta campanha contra a Maçonaria, a qual unicamente se deve (apesar do caráter eclético da Instituição, que nunca pode ser anti-religiosa) a um caráter decididamente anti-clerical.

Todas estas acusações mostram uma falta de conhecimentos da verdadeira natureza e intentos de nossa Augusta Sociedade, apesar de que seus princípios foram várias vezes declarados publicamente, em obras das quais não há dúvida se encontram exemplares na mesma Biblioteca Vaticana. É suficiente dizer que o papa Leão XIII atribui a Sociedade comprometer seus membros, obrigando-os a uma obediência absoluta, para estar seguros de que aqui não pode referir-se à Maçonaria conhecida pelos maçons, senão mais bem a Companhia de Jesus, cuja a imitação nossa Instituição não foi por certo forjada.

O efeito não deixou de fazer sentir nos países católicos: na Bélgica se declarou uma perseguição aberta aos maçons, além de serem excomungados, foram danados material e moralmente. Na França se formaram bandos de fanáticos que iam recorrendo a diferentes populações, com o objetivo de renegarem os maçons, porém não conseguiram o êxito pretendido. E quando em 1861, numa circular relativa as sociedades, o ministro Pessigny, se atreve a por no mesmo nível a Maçonaria com as sociedades católicas, eminentes arcebispos levantaram sua voz contra essa tolerância que consideravam como *monstruosa impiedade*, sem obter mais sinal de êxito.

Unicamente durante o reinado de Luís Felipe, até 1848, a Maçonaria teve na França um período de relativa decadência.

OS "CARBONARIOS"

Em vários Estados da Itália, a Maçonaria continuou sendo perseguida nesta época, que preparou a unidade e independência do país: desta os maçons se fizeram especialmente campeões, e é muito provável que foram alguns deles que fundaram a sociedade secreta dos *carbonari* (carbonários), de caráter exclusivamente político, que foi então erroneamente confundida com a Ordem.

Nasceram os carbonários (1) no sul da Itália, propondo-se a liberação e independência da península do jugo estrangeiro, adaptando uma linguagem simbólica no qual suas oficinas se chamavam *cabanas*, suas reuniões *vendas*, seus agregados *bons primos*, sendo o dever destes a *caça dos lobos do bosque*, ou seja a luta contra a tirania. Em seu apogeu, na segunda metade do século passado, a sociedade chegou a ter na Itália quase um milhão de aderentes.

Os mesmos *carbonários* faziam, sem dúvida, remontar as origens de sua sociedade para o ano 1000 aproximadamente, surgindo então com finalidades de ajuda recíproca, no meio da geral preocupação do fim do mundo, na parte mais setentrional da Itália (cerca dos Alpes orientais). Outra sociedade política, de inspiração maçônica a *Giovana Itália* (Jovem Itália) fundada por José Mazzini, o imortal autor daquele livrinho que se chama “Os deveres do homem”, cujo o ideal estava compreendido no trimônio *Dios-Patria-Humanidade*, e que foi o principal preparador moral da independência daquele país.

EXTENSÃO DA MAÇONARIA NO NOVO CONTINENTE

Tampouco os Estados Unidos ficaram isentos da onda anti-maçônica que cercara a Europa sobre nossa Instituição, com muito efeitos diferentes. Foi causa deste, o assunto Morgan, originado pelo fato de que, em 1826, alguns maçons imprudentes cometeram o erro de raptar, com o único fim de dissuadir-lhe de seu intento, a um certo William Morgan, canteiro de ofício, que queria publicar um livro sobre a Maçonaria, com todos os detalhes dos rituais, símbolos e sinais de reconhecimento. Seu raptos foram condenados e Morgan reaparece alguns anos depois, se celebraram em todas as partes comícios de protestos, culpando os irmãos de assassinato. Se publicaram muitos periódicos anti-maçônicos e os maçons foram boicotados nos empregos públicos e privados. Por esta razão muitas Lojas cessaram voluntariamente seus trabalhos.

Porém a opinião pública não tardou em dar-se conta do erro, e quando o presidente Andrew Jackson defendeu abertamente a Ordem Maçônica proclamando-a como *uma Instituição que tem por objetivo o bem da humanidade*, se realizou novamente seu prestígio, e desde 1838 seu progresso e extensão seguiram ganhando continuidade. No primeiro quarto do século XIX a Maçonaria se estendeu igualmente em toda a América Latina, onde empenhou em fincar suas raízes desde do século precedente, porém sem alcançar a extensão lograda nos Estados da União Norte Americana. Assim a encontramos estabelecida em 1815 em São Tomas, em 1819 em Honduras, em 1821 em Cuba, em 1822 no Brasil (onde neste fato foi recebido maçom o imperador dão Pedro I, depois nomeado Grão Mestre), em 1823 em Haiti, em 1824 em Colômbia e em 1825 no México. É digna de notar especialmente a fundação, em 1814, em Buenos Aires, por iniciativa de São Martin e outros maçons, da Loja “Lautaro”, cujos os membros se fizeram promotores do movimento libertador que conduziu a independência dos diferentes estados da América do Sul. Nos anos sucessivos foi estabelecendo-se também na Austrália, remontando-se ao século anterior sua introdução nas ilhas de Java e Sumatra.

A SEGUNDA METADE DO SÉCULO

Apesar das excomunhões da Igreja e da intensa campanha clerical contra ela, a Maçonaria seguiu estendendo-se na segunda metade do século, progredindo em quase todos os países. Na Itália tomou

nova força quando, depois da “Expedição dos Mil”, Garibaldi foi eleito Grão Mestre *ad vitam*. O mesmo escreveu, em 1867, que os maçons eram a “parte escolhida do povo italiano”. Dois anos depois da tomada de Roma, em ocasião da morte de Mazzini, apareceram pela primeira vez, em 1872, os estandartes maçônicos pelos quais da *Cidade Eterna*.

Na França, depois de ter, nos estatutos de 1849, proclamado obrigatória “a crença em Deus e na imortalidade da alma”, mais tarde (depois da terceira República, na qual a Maçonaria levou a cabo uma atividade realçadamente política, fazendo um alto labor patriótico) em 1877, foi revisado este artigo, suprimindo-se esta clausula, e com a mesma também suprimindo-se a invocação A.: L.: O.: G.: D.: G.: A.: D.: U.:.

Este acontecimento atraiu sobre o Grande Oriente da França a estigmatização das Potências Maçônicas anglosaxônicas, encabeçadas pela Grande Loja Unida da Inglaterra, que considerando minadas com esta supressão as mesmas bases da Instituição, recusaram reconhecê-lo. Três anos depois se verificou uma cisão entre as Lojas dependentes do Supremo Conselho, constituindo-se estas em “Grande Loja Simbólica Escocesa”: mais tarde o Supremo Conselho achou oportuno conceder a autonomia a todas as Lojas nos três graus simbólicos, terminando-se em 1897 a cisão com a constituição de uma “Grande Loja da França”.

Enquanto na Áustria estava proibida toda atividade maçônica, na Hungria puderam constituir-se várias Lojas, que se reuniram em 1870 na Grande Loja, enquanto paralelamente se desenvolvia a atividade de um Supremo Conselho para administração dos graus superiores. Todos os Supremos Conselhos do Rito Escocês se reuniram num *Convento* em Lausana, em 1875, com o objetivo de proceder a unificação universal do Rito, adaptando-se às Grandes Constituições que atualmente o regem. Depois desta data os Supremos Conselhos seguiram reunindo-se em cada quinquênio.

Sem dúvida, na mesma Suíça este Rito não pode estender-se, reconhecendo a Grande Loja Alpina, constituída em 1844, unicamente aos três graus simbólicos.

Na Alemanha um dos acontecimentos mais salientes da Maçonaria, que não cessou de progredir durante todo o século, foi a admissão dos *judeus*, que estavam antes excluídos naquele país pelas Grandes Lojas locais. Tampouco nesse país deixou de exercer-se a campanha anti-maçônica, porém em troca, seguiu vendo-se honrada a Ordem pelo favor de príncipes e imperadores que alcançaram a dignidade de Grão Mestres.

Não pode omitir-se nesta simples exposição da vida maçônica no século passado uma breve informação da campanha difamatória de Leo Taxil, da qual muito se aproveitaram os adversários de nossa Instituição, e cujo epílogo pretende demonstrar com toda clareza quão fundamentadas são as acusações que se fazem à Ordem.

Foi este o pseudônimo de um tal Gabriel Pages que, depois de ter sido educado por Jesuítas numa casa de correção, se fez anti-clerical e por breve tempo foi maçom, ficando unicamente no primeiro grau e não visitando sua Loja mais que três vezes. Publicou, a partir de 1885, uma série de obras anti-maçônicas, que causaram grande impressão e nas quais (como confessou mais tarde) se propôs unicamente explorar a credulidade alheia.

Nessas obras, quase de todo fantástica, disse que os maçons se dedicam ao culto do diabo, e muitos outros absurdos pelo estilo. Vários eclesiásticos caíram na rede, que culminou em 1896 com um êxito sem precedentes no Congresso anti-maçônico de Trento, com mais de 700 delegados, no qual Leo Taxil foi calorosamente aplaudido. Porém todos que creram tiveram uma merecida lição,

quando no ano seguinte declarou publicamente haver logrado com suas obras “a maior mistificação da época moderna”.

Sem dúvida os mistificados não se deram por vencidos, e seguiram e seguem em sua campanha difamatória, da qual é certo que nossa Ordem, em que não oponha mais que o silêncio, não pode deixar de sair definitivamente vencedora, *pela simples força da Verdade* que proclama e é, assim como por seu labor construtivo. Assim é como no mesmo campo dos adversários da Maçonaria se observa já uma troca de tática, enquanto os mais inteligentes reconhecem que a calúnia e a difamação não podem perdurar muito tempo (1).

A MAÇONARIA ANGLOSAXONICA

A maçonaria se acha hoje espargida sobre todo o globo, entre os povos de todas as raças. Sem dúvida, o povo anglo-saxão, o iniciador da idéia em sua atuação moderna, tem uma supremacia indiscutível de superioridade numérica e organizadora, pois em comparação com os maçons anglosaxões os demais constituem uma exígua minoria. Inglaterra segue a frente do movimento como custódia e defensora da antiga tradição, e sua Grande Loja Unida é a continuação direta da que se constituiu em 1717. Formam parte da mesma membros da família real, da nobreza e do clero e homens de todas as crenças e todas as profissões, trabalhando em perfeita harmonia com a tolerância mais completa de suas opiniões individuais. Se contam, dependendo da Grande Loja Unida, mais de 900 Lojas com quase um milhão de maçons, repartidos em 70 Grandes Lojas Provinciais, entre as quais 26 se acham nas colônias. A Grande Loja sustenta muitas instituições de beneficência.

1 Não cremos que se deva dar demasiada importância a sua temporária eclipse quase completa na Europa, devido a instalação e o triunfo dos regimes totalitários. Cremos melhor que a Maçonaria ganhará deste parêntese de inatividade, e que ressurgirá inteiramente renovada, e mais forte eficiente, para enfrentar-se com a tarefa social que a incube.

Nos Estados Unidos cada Estado tem sua Grande Loja, com um total de 17.000 Lojas e mais de três milhões de maçons. Se praticam todos os ritos, com predominância do Rito Escocês de 33 graus, e há Lojas por onde quer. Os Templos Maçônicos colossais, que se acham nas principais cidades, dão uma idéia do domínio e magnitude do movimento. Se dá nas Lojas americanas uma importância fundamental a idéia da *fraternidade* de todos os homens, independentemente de suas respectivas crenças e opiniões, reunindo-se volumosas somas para instituições culturais e de beneficência. No Canadá há mais de 1000 Lojas repartidas em 9 grandes Lojas. Na Austrália as Lojas se constituíram inicialmente a obediência das três Grandes Lojas da Inglaterra, Escócia e Irlanda, formando depois sete Grandes Lojas independentes com vários centenas de Lojas.

A MAÇONARIA EUROPÉIA

Na França segue atuando (1) o *Grande Oriente* e a *Grande Loja* em forma independente porém sem hostilidade, com um total de mais de 600 Lojas e 100 capítulos. Além disso há um Supremo Conselho para a administração dos graus superiores dos membros dependentes da Grande Loja, enquanto este tem como mesmo objetivo um Grande Colégio dos Ritos.

Também na França se acha estabelecida a organização maçônica internacional ou *Co-maçonaria* conhecida com o nome de “Direito Humano”, com centenas de oficinas espalhadas por todo o mundo, praticando o Rito Escocês em 33 graus. Esta organização considerada irregular pelas demais potências maçônicas, se caracteriza pela admissão da mulher em seus trabalhos, em paridade

com o homem. O movimento se originou em 1882, com a iniciação de Maria Deraises feita pela Loja *Os Livres Pensadores* na Província de Paris, a qual 11 anos mais tarde se fez promotora da nova organização. Atualmente o movimento está estritamente ligado com a Sociedade Teosófica.

1. Até a conquista alemã em 1940 que, como é sabido, impôs a supressão da Ordem.

Outras Lojas adaptaram os mesmos princípios admitindo a mulher em seus trabalhos, e uma Grande Loja Mista se separou em 1914 da *Co-maçonaria*.

Na Espanha havia, antes da guerra recente a instauração do regime Franquista, mais de cem Lojas organizadas em Grandes Lojas regionais, dependendo de um só Grande Oriente e outras tantas no Grande Oriente Lusitano, com tendência decididamente democrática, sendo todas estas Lojas outros tantos centros de educação liberal, como natural reação a opressão secular da Igreja. As de Espanha favoreceram abertamente a efêmera república socialista, contra os “rebeldes” quem de antemão decretaram a supressão da Ordem.

Na Itália havia, em 1922, mais de 500 Lojas sob a dependência do Grande Oriente, constituído a imitação da organização francesa, e um número menor a obediência da Sereníssima Grande Loja Nacional, dependendo de um Supremo Conselho em antagonismo com o Grande Oriente. Ao fim deste ano se originou um movimento entre as Lojas desta última obediência, chegando a maioria destas a unir-se com o Grande Oriente. Sem dúvida, seguiram subsistindo os dois corpos antagonistas, até que, ao cabo de dois anos, se desencadeou a ofensiva do fascismo contra a Maçonaria, cuja a supressão decretara Mussolini, apesar de haver em geral a Maçonaria favorecido o movimento fascista, e de haver uma maioria de maçons até entre os membros do Grande Conselho do partido.

Atualmente numa forma provisória, o Grande Oriente da Itália se reconstituiu em Londres, esperando o dia em que seja possível renovar livremente sua atividade na península cisalpina. Circulam, sem dúvida, notícias no sentido de que a Maçonaria siga existindo na Itália dentro do regime fascista, e especialmente entre os oficiais do exército.

Na Suíça a Grande Loja Alpina constitui uma aliança de Lojas simbólicas autônomas, cuja atividade se desenvolve principalmente no campo prático favorecendo as instituições nacionais e ocupando-se dos grandes problemas internacionais. Um *plebiscito* de inspiração nazista, que queria acabar com a Ordem na república helvética, foi decidido, pouco antes da última guerra, em favor da mesma.

Na Bélgica havia 24 Lojas sob a dependência de um Grande Oriente e um Supremo Conselho para os graus superiores, seguindo um caminho análogo da Maçonaria Francesa. O Grande Oriente da Holanda tinha em suas dependências mais de 100 Lojas muitas delas nas colônias; a Maçonaria holandesa se aproxima da inglesa por seus princípios e fidelidade ao ritual, perseguindo o ideal da fraternidade e da paz universal.

A Maçonaria Alemã compreendia, antes do triunfo “nazista”, 9 Grandes Lojas reunidas em federação (*Grosslogenbund*) com várias centenas de Lojas e dezenas de milhares de maçons. Se caracterizam por sua variedade e pela importância dada ao lado especulativo, filosófico e educativo, da Instituição. Havia muitas Lojas decididamente *crístãs*, considerando “a mais alta manifestação divina na vida e nos ensinamentos do Mestre de Nazareth”; e além disso um Grande Loja chamada Ordem Maçônica do Sol Nascente, com sede em Hamburgo, considerada pelas demais como *irregular*. Depois de mais de um século de proibição, pode a Maçonaria reativar na Áustria seus

trabalhos, constituindo-se em 1918 a Grande Loja de Viena que funcionou regulamente até anexação da Áustria feita pela Alemanha.

Outra Grande Loja se constituiu em 1920 em Checoslováquia, enquanto na Hungria a Grande Loja que pode antes desenvolver-se livremente, chegando em 1919 a ter 93 oficinas, foi suprimida definitivamente em 1920, sendo seu edifício ocupado pela força pública.

Nos países escandinavos domina o Rito Sueco em 12 graus de inspiração mística cristã, adaptado também pela Grande Loja Nacional da Alemanha. Se admitem, por conseqüência, unicamente os cristãos e o Grão Mestre é o príncipe reinante com o título de *Vicarius Salomonis* (nome do ultimo grau).

Esta concretização da Maçonaria, é eminentemente aristocrática e contava recentemente com cerca de 50 Lojas na Suécia, 16 na Noruega e 12 na Dinamarca.

Na Rússia a Maçonaria existiu secretamente a princípios do século XX. Tendo sido descoberta pela polícia, teve que suspender seus trabalhos; depois de uma curta revivescência durante a guerra, no que chegou a ter em 1947 cerca de 30 Lojas, foi novamente suprimida com o triunfo e a instalação sangrenta do regime bolchevique, como “o engano mais contrário e infame que faz ao proletário um burguesia inclinada para o radicalismo”.

Na Romênia existia também uma dezena de Lojas fundadas pelo Grande Oriente da França e reunidas na Grande Loja independente.

Em Belgrado existiam, a princípios do século, várias Lojas de diferentes sistemas que em 1912 se submeteram a um Supremo Conselho. Em 1919 se constituiu a Grande Loja de Sérvios, Croatas e Eslovenos Iugoslavos a semelhança da Suíça. A Maçonaria servia foi injustamente acusada de tomar parte no atentado de Sarajevo, que originou a guerra européia.

Na Grécia havia antes de sua ocupação pela Alemanha e Itália um Grande Oriente com cerca de 20 Oficinas e na Bulgária uma Grande Loja, nascida em Sofia de uma Loja regularmente instalada pela Grande Loja da França antes da primeira guerra européia.

Em Constantinopla havia, antes do advento da nova política nacionalista, vários grupos de Lojas de diferentes nacionalidades, além do *Grande Oriente da Turquia* que se constituiu depois da guerra européia, cessando recentemente sua atividade, de uma maneira aparentemente “espontânea”, para comprazer ao regime imperante.

ASIA E ÁFRICA

Na Síria a Maçonaria é muito próspera, contribuindo notavelmente à fraternidade e ao bom entendimento entre os homens de diferentes raças e crenças.

Entre os diferentes povos da Ásia, a Maçonaria se acha muito difundida especialmente na Índia, onde as Lojas foram implantadas pelas três Grandes Lojas da Inglaterra, Escócia e Irlanda. Nos templos maçônicos se igualam admiravelmente as diferenças de raças, casta e religião, e a Instituição realiza nesse país um labor verdadeiramente benéfico.

A Maçonaria inglesa foi introduzida igualmente na China e, em 1888, no Japão.

No Egito há uma Grande Loja Nacional e mais de 50 oficinas. Outra Grande Loja existe na República da Libéria, desde de 1850. Noutras partes da África há lojas dependentes das organizações maçônicas estabelecidas na Inglaterra, França e Holanda.

NA AMERICA LATINA

No México a Maçonaria se acha atualmente num período de reorganização: há em todo país vários centenas de Lojas sob a obediência de diferentes Grandes Lojas, entre as quais as principais são a Grande Loja Vale do México e a Grande Loja Unida Veracruz. Há um supremo Conselho que trabalha em harmonia com a Grande Loja Vale do México e outras Grandes Lojas que competem com esta na mesma jurisdição do distrito Federal.

Recentemente muitas LL.: independentes, e outras que anteriormente se separaram, foram *regularizadas* no Vale do México.

Além desse Supremo Conselho reconhecido, há no país outros três, de cada um dos quais depende certo número de corpos filosóficos: o do Norte (Monterrey), o do Sul (Yucatan) e um Supremo Conselho Nacional na capital.

Deve também sinalar-se o Rito Nacional Mexicano em nove graus, que suprime a formula A.: L.: G.: D.: G.: A.: D.: U.: substituindo com outra (Ao triunfo da Verdade e Progresso do Gênero Humano), assim como o uso da Bíblia. Admite a mulher e ha apartado outras inovações, nem todas igualmente felizes no ritual.

Se pratica o princípio da “autonomia das lojas” e há muitas Lojas independentes que trabalham amistosamente e admitem visitantes de qualquer obediência. O rito dominante é o escocês. Os trabalhos se dirigem para a solução dos grandes problemas sociais e o melhoramento das condições da vida do povo.

Se atribui injustamente a maçonaria mexicana de haver determinado a luta religiosa no país; a maioria dos maçons se mantiveram neutros nessa luta, que deve considerar-se como reação natural ao domínio da Inglesa nos séculos passados.

O desejo de unificar a Ordem, sentido por muitos Ir .: de diferentes obediências, e que pudera realizar-se por meio de um Grande Oriente, como órgão central coordenador, não pode, todavia, levar-se ao fim por falta de uma adequada cooperação.

Em Cuba há uma Grande Loja e um Supremo Conselho fundados em 1859 com um número aproximado de 200 oficinas. Em Porto Rico há igualmente uma Grande Loja com 37 Lojas; em Haiti um Grande Oriente fundado em 1824, com 64 lojas e um número quase igual de capítulos e aéropagos; em São Domingo um Supremo Conselho, fundado em 1861, com uma dezena de Lojas. Um Supremo Conselho da América Central foi fundada também em São José de Costa Rica em 1870: em 1899 se constituiu uma Grande Loja que conta com uma dezena de oficinas. Igual número contam a Grande Loja de Panamá e a de Salvador. Também em Guatemala há uma dezenas de Lojas sob a jurisdição de uma Grande Loja que substituiu a Grande Oriente de Guatemala, fundado em 1887.

Na Colômbia existe um Supremo Conselho desde 1827, há além dessa, recentemente não menos de três Grandes Lojas antagônicas, que em 1938 anunciaram sua unificação. Também em Bogotá, por

iniciativa da maçonaria colombiana, se lançou nestes anos a idéia de uma *Confederação Maçônica Latino Americana*.

Na Bolívia e Venezuela o número de Of.: aparece muito reduzido, dependendo na primeira de um Supremo Conselho fundado em 1833, e na segunda de um Grande Oriente fundado em 1865 e de duas Grandes Lojas mais recentes.

No Brasil a Maçonaria estava até pouco tempo, muito estendida e ativa, com cerca de 400 Lojas e um número considerável de oficinas dos graus superiores, dependentes de um Grande Oriente e de um Supremo Conselho que se fundiram em 1882. A Maçonaria se fez promotora neste país da luta contra a escravidão.

No Peru e no Chile, como na Suíça, a Maçonaria se limita unicamente aos três graus simbólicos: há duas Grandes Lojas (a primeira das quais se remonta ao ano 1831 e a segunda a Maio de 1862) que contam com mais de 50 oficinas entre dois países. Estes realizam um trabalho muito sério e ativo em benefício de seus respectivos países.

No Uruguai há um Supremo Conselho e um Grande Oriente, fundados em 1855, com vinte Lojas aproximadamente. Com a participação do G... A... U... continua o Oriente do Uruguai, foi constituído também em 1859, um Grande Oriente Argentino, que se dissolveu em 1886 e se reconstituiu em 1895, do qual dependem atualmente mais cem Lojas. Além disso há aqui como em outras partes da América, várias Lojas a obediência de Grandes Lojas e Grandes Orientes estrangeiros.

O DOMINIO MUNDIAL DA MAÇONARIA

Muito se escreveu e falou recentemente, através de inimigos de nossa Instituição e de sua orientação libertadora das consciências, sobre o domínio internacional que a Maçonaria exercia ou quis exercer, como fim principal de sua organização. Se diz especialmente que, na organização maçônica, com seus altos graus nos diferentes países, se encontra a obediência oculta da chamada “internacional hebraica”, que tem por fim derrubar todos os governos e de maneira especial as monarquias, estabelecendo uma República Universal com o domínio dos judeus sobre toda a terra.

Se citam a este propósito os “Protocolos dos Sábios de Sion”, nos quais particularmente se afirma esta oculta conexão entre a Maçonaria e o judaísmo, e que encontraram um eco em vários ambientes nacionalistas, especialmente na França e Alemanha, aproveitando vivamente a ocasião os anti-maçons para lançar novos dardos contra a Instituição. Alguns deles, como Ludendorff, chegaram as afirmações mais ridículas, como por exemplo a da equivalência do avental maçônico com a circuncisão judaica.

No mesmo campo de nossos adversários, se levantaram vocês para declararem lealmente o absurdo dessas invenções e lendas que se apoiam na ignorância do que é realmente nossa Instituição. No mesmo Congresso anti-maçônico de Trento, foram pronunciadas as palavras “Falsa é a idéia de um direção central de todas as Lojas do mundo: falsa é a idéia de chefes desconhecidos e falsa também é a dos segredos não esclarecidos todavia...”.

Enquanto aos judeus é suficiente dizer que constituem uma exígua minoria na Instituição, e que foram e seguem sendo excluídos em vários ritos, como por exemplo o Sueco, e estão por conseguinte muito longe de poder exercer uma decidida influência. A Bíblia obrigatória em quase

todos os países e aberta no Evangelho de São João, prova a evidência do caráter mais cristão que judaico da Maçonaria Moderna, assim como prova certo grau superior.

E no que se refere à unidade de mando necessária para este domínio, pode assegurar-se que não existe: as diferentes organizações maçônicas nacionais se limitam unicamente a reconhecer-se mutuamente sobre a base dos princípios comuns a seus trabalhos e atividade, e este recíproco reconhecimento está muito longe de ser universal.

Também a Associação Maçônica Internacional de Genebra, não tem maior autoridade que a Sociedade das Nações tinha sobre seus componentes, e tampouco logrou em reunir efetivamente a todos os Grandes Corpos que representam oficialmente a Ordem.

Alem disso, este suspeito mando ou domínio, estas ordens que os maçons receberam ocultamente e obedeceram cegamente, são fatos contrários a essência e aos princípios da Sociedade, que quer libertar os homens e não fazer deles outros tantos escravos. Liberta-los especialmente dos erros, do vícios e dos prejuízos, encaminhando-os para a senda da Verdade e da Virtude.

O único e verdadeiro “laço universal entre os maçons está constituído pelos Princípios que os unem, na medida que cada maçom individualmente os reconhece e põe em prática, e o único “domínio” que a Maçonaria aspira, é a da Verdade, fazendo obra de Fraternidade, de Paz e Cooperação, entre os homens e os povos.

SEGUNDA PARTE

O SIGNIFICADO DA CERIMONIA DE RECEPCÃO

Cita-se algumas vezes a palavra iniciação no segundo e terceiro graus, assim como nos seguintes; este termo impróprio, dado que não se pode ser iniciado na Maçonaria mais que uma vez, quando se ingressa nela no grau de Aprendiz. Depois do qual, um caminho de progresso em diferentes etapas, cada uma das quais precisamente corresponde a um grau maçônico, ou seja, uma mais perfeita compreensão e realização do significado da iniciação maçônica.

Por esta razão, em muitos dos Mistérios Antigos, assim como corporações construtoras, há uma só e única cerimonia com a qual se admitia os candidatos nos ensinamentos esotéricos, ou bem, no grêmio dos que participam da Arte.

Na Maçonaria não havia, segundo alguns, até por algum tempo depois da fundação da Grande Loja de Londres, mais que dois graus, depois do qual, com o desenvolvimento ritualístico, se viu a conveniência da divisão ternária, que ficou como uma das principais características de nossa Ordem. Em que na prática, o descuido em que se acha o formoso grau do que tratamos neste Manual, demonstre como os três graus não são ainda efetivos. Qualquer que seja a realidade a este propósito, e apesar de que algumas vezes pode perder-se de vista a necessária graduação do verdadeiro esforço nas etapas sucessivas, só com as quais pode conseguir-se um verdadeiro resultado em qualquer caminho, dita graduação se impôs em todos os tempos e toda a forma de atividade, em todo campo prático ou especulativo.

Em qualquer arte ou ensinamento, em qualquer hierarquia social, iniciática ou religiosa, necessariamente houve e haverá constantemente, sob diferentes nomes e ainda sem nomes especiais, Aprendizes, Companheiros e Mestres; correspondendo o primeiro grau ou etapa ao ingresso ou período de noviço, o segundo a prática que faz o artista (e portanto um verdadeiro companheiro no

grêmio ou hierarquia em que se encontra), e o terceiro ao domínio completo ou magistério da Arte, que dá a capacidade de ensinar, dirigir e guiar aos demais.

Assim pois, a divisão em três graus fundamentais é tão necessária e natural que sempre se chega a ela, praticamente de uma maneira ou de outra. Não menos necessária aparece (o que não corresponde ao presente “Manual” examiná-lo detidamente) a adição de graus suplementares, que constituam uma melhor realização do programa dos primeiros, e apesar de se repudiar, ou não se queira reconhecê-los, sempre reapareceram numa forma ou noutra. A Maçonaria sempre os teve, ainda que nem sempre se distinguiram exteriormente.

A necessidade de uma Cerimônia de recepção em cada grau se faz evidente com o progresso da organização: a perfeição destas cerimônias é quase sempre um resultado natural do esforço e da prática constante, de um trabalho coletivo no qual toda inovação deve ser examinada e provada por muitos, antes de que possa adotar-se ou repudiar-se em definitivo, um trabalho, enfim, que tende mais bem que a crer ex nihilo e a priori, a realizar um Plano preexistente, que não pode ser outro que o mesmo Plano do Grande Arquiteto, qualquer que seja a concepção ou interpretação individual deste termo simbólico.

A cerimônia de recepção neste segundo grau, completamente estranho, com toda probabilidade, às corporações medievais das quais tomou diretamente sua origem a Maçonaria Moderna, foi o resultado de um trabalho de elaboração coletiva que se fez na primeira metade do século XVIII. Um resultado muito feliz por certo, que mostra uma perfeita competência de seus autores incógnitos, como se pode julgar pelo o que iremos expondo nas páginas seguintes, assim como por sua imediata aceitação e difusão universal.

O MESTRE INSTRUTOR

Nas corporações de canteiros e pedreiros, o noviço para sua aprendizagem sob o guia de um mestre da arte ao qual se confia para que faça dele um obreiro capacitado, obrigando-se este a servi-lhes por certo números de anos, sendo todo o trabalho realizado durante este tempo por conta de seu mestre.

Uma vez que o aprendiz cumpriu o tempo fixado e seu mestre estava satisfeito dele, este o apresentava aos demais como um obreiro devidamente preparado, e ao qual se podia confiar qualquer trabalho, e desde deste momento podia ser contratado livremente recebendo o salário que lhe correspondia. Viajava então para praticar a arte e aperfeiçoar-se na mesma e, a medida que crescia sua habilidade no uso dos diferentes instrumentos, chegava a emancipar-se gradualmente das regras que havia respeitado em seus primeiros passos, adquirindo a genialidade que fazia dele um artista.

A cerimônia de recepção no segundo grau maçônico reflete em seu simbolismo estas etapas de trabalho e de experiência que constituem o programa iniciático do companheiro, a mística fórmula que deve este compreender e realizar por meio do esforço pessoal, que é a base de todo o progresso. Igualmente em toda a forma de ensinamento teórica ou prática, e de maneira especial no ensinamento iniciático, o noviço ou discípulo tem que se submeter ao guia particular de um Mestre Instrutor que dirija e vigie seus passos e esforços sobre a senda de progresso, até que alcance a capacidade de caminhar por si mesmo, sem a necessidade de que seus passos sejam continuamente vigiados.

Assim se fazia nas iniciações antigas, confiando-se todo neófito a um guia particular que lhe instruíra e respondia por ele, e por meio da instrução recebida e das capacidades adquiridas, quando seu instrutor o achava conveniente, lhe dava ou reconhecia o segundo grau que fazia do misto um ponto ou “vidente”, preparado e capacitado para realizar a segunda parte do programa, encaminhando-se gradualmente por seus próprios esforços e sob a guia de sua própria Luz interior, para o Magistério.

O mesmo deveria fazer-se em todas as Lojas Maçônicas, quando se queira levar a cabo um labor efetivo, sem deixar nunca aos Aprendizes entregues a si mesmos, ou ao cuidado geral do Segundo Vigilante. Uma vez reconhecidas suas capacidades e tendências particulares, o Mestre da Loja deveria confiar cada Aprendiz a um Mestre Instrutor, ocupado diretamente de sua instrução e progressos. E só quando a juízo deste os avanços são efetivos e há compreendido o essencial da Doutrina Maçônica do primeiro grau, e seria proveitoso os estudos dos novos símbolos que se relacionam com o segundo. Então deveria propor, na Câmara respectiva, para um aumento de salário.

Como o curto prazo dos simbólicos cinco meses que se lhe assina a estância no primeiro grau, é em geral insuficiente para que se adquiram os conhecimentos indispensáveis para sacar proveito de um novo estudo, é desejável, para o bem da Instituição e dos mesmos interessados, que se prolongue este prazo a um ano quando menos, pois só com esta condição se evitará que se encham de elementos maçonicamente inexperientes, as colunas de Companheiros e Mestres. De que pode servir ao Aprendiz adquirir privilégios e conhecimentos deste grau quando todavia não estudou e meditou o suficiente o simbolismo e o significado do grau de Aprendiz?

EXAME DO CANDIDATO

É, pois de importância essencial, o exame do candidato, como *conditio sine qua non* para que se lhe permita ascender o segundo grau. E este exame não deve se limitar-se a uma pura formalidade, com se faz em algumas Lojas, sendo o conhecimento fundamental do que se relaciona com o primeiro grau a base necessária de todo progresso ulterior.

Este exame se faz, como se costuma, na Câmara do Aprendiz, para que todos se dêem conta do progresso dos candidatos, e sirva ao mesmo tempo de lição e estímulo para os demais, com o guia do Catecismo que se acha anexo a toda Liturgia.

Quando o exame comprova no candidato uma compreensão e um amadurecimento suficientes, segundo a opinião unânime de todos os componentes da Segunda Câmara, se procede então a Cerimônia de Recepção.

O exame do candidato corresponde, pois, no segundo grau, a estância no quarto de reflexão do primeiro grau, sendo naturalmente, por não tratar-se mais de um profano, as condições muito diferentes. Em vez da solidariedade e da semi-obscuridade de um pequeno quarto negro, o candidato se encontra aqui num Templo iluminado, no meio de seus irmãos, que ouvem e julgam suas contestações, que mostram o que é e sabe. E em vez de ser despojado de seus metais, deve aqui luzir e fazer presentes a todos seus novos conhecimentos e aquisições.

PREPARAÇÃO

Assim como a preparação do candidato ao grau de Aprendiz há de ser material e moral, a preparação ao grau de Companheiro será especialmente moral e intelectual. Não tem, pois, uma verdadeira razão simbólica o descobrimento do peito nem do pé do lado direito, nem do joelho

esquerdo, nem a corda enroscada ao redor do braço, que se usam nas Lojas anglosaxonicas, para a recepção neste grau, (por simetria com a iniciação do Aprendiz); tampouco tem razão de existir a venda sobre um dos olhos para o que já viu a Luz.

A venda da ilusão que cega e ofusca ao entendimento do profano deve cair para sempre de seus olhos, e agora se pede que os abram mais ainda para ver as coisas como realmente são em sua íntima essência, por debaixo da aparência exterior.

A preparação mais verdadeira foi em toda a sua carreira de aprendiz, na qual seu progresso em virtude maçônica, por meio do esforço constante, dirigido segundo seu mais elevado Ideal lhe conduz mais perto da Verdade, a uma compreensão mais profunda da realidade das coisas. Desta compreensão adquirida por seus próprios esforços, deve dar prova no interrogatório ao que se submete na Segunda Câmara, necessariamente diferente do exame preliminar que o fez passar na primeira.

No interrogatório do profano admitido na iniciação, se pede especialmente que esclare suas idéias sobre o vício e a virtude. No segundo estado deve fazer-se o mesmo com as faculdades da alma com as que se descubra a Verdade e a prática a Virtude. Pois assim como o Aprendiz deve chegar a verdade por meio da Virtude, o Companheiro é chamado a praticar a Virtude por meio de seu conhecimento da Verdade.

As perguntas são em geral cinco, variando mais ou menos segundo os rituais e o grau de compreensão iniciática de seus autores. A pergunta sobre a natureza e essência da vida não muito apropriada para este grau, sendo reservada aos Mestres esclarecer os Mistérios da Vida e da Morte. Em nossa Liturgia para o grau de Companheiro, as cinco perguntas se relacionam com o pensamento, a consciência, a inteligência, a vontade e o livre arbítrio, definindo-se nos termos seguintes cada um destes íntimos reconhecimentos de suas faculdades que se requerem do aspirante a Companheiro.

O PENSAMENTO

O pensamento é a faculdade que temos de conhecer as coisas e nos relacionar-mos intimamente com elas: a faculdade por meio do qual nossa mente plasma uma imagem das coisas exteriores, que percebe por meio dos sentidos, e na base a qual forma conceitos e idéias mais ou menos particulares ou gerais, concretas ou abstratas, com mais ou menos claridade segundo seja a intensidade da impressão e da reflexão.

Dado que tudo no Universo é vibração, podemos dizer também que o pensamento é vibração da mente, assim como o som é do ar, a luz do éter, com a eletricidade, o calor, etc. Estas vibração mental afeta uma forma e um aspecto particulares, com os quais os reconhecemos interiormente nesta consciência (1).

Por conseguinte, o pensamento é o produto da atividade de nossa mente estimulada pela ação exterior dos sentidos ou interior da vontade, e desta atividade adquirimos consciência em diferentes graus, segundo se manifesta interiormente a luz de nosso eu e interiormente o percebemos nessa luz. Assim como há pensamento consciente há também pensamento subconsciente, que está mais além do raio da consciência, o qual se desenvolve na forma mais ou menos automática, relacionando-se sempre com o pensamento consciente, do que representa como uma penumbra, um reflexo ou ressonância obscura, porem não por esta razão inteligente.

(1) Um refinamento particular da visão física, chamado clarividência astral ou mental permite reconhecê-los também exteriormente, fazendo que os pensamentos apareçam como realidades visíveis. Ver a este respeito a abundante literatura teosófica.

A CONSCIÊNCIA

O estudo do pensamento leva naturalmente ao da consciência, a qual se refere a segunda pergunta, sendo esta causa direta ou indireta de todo pensamento, seja consciente, seja reflexo ou subconsciente.

Consciência (no latim conscientia) vem de conscire que significa “dar-se conta”, “perceber”, “fazer-se sábio”, “adquirir conhecimento” de algo. É a faculdade central e primordial de nosso ser, o que chamamos nosso eu e que é o fundamento permanente de todas nossas experiências. É o fulcro interior e o centro de gravitação indistintamente de todas as manifestações de nossa personalidade. A celebre frase de Descartes “cogito, ergo sum” expressa, no fundo uma inexatidão. Na realidade não somos porque pensamos, senão melhor, pensamos porque somos: o fato de ser é fundamental, sendo anterior a nossa capacidade de pensar. Em vez de ser uma necessária demonstração de nossa existência, pensar numa consciência da mesma: e o fato de ser, anterior a toda outra consideração. Se não fossemos, tampouco poderíamos pensar que pensamos, nem portanto que somos. Enquanto somos, pensamos, e adquirimos consciência de nossos pensamentos.

Base de todas nossas faculdades, nossa consciência é a luz interior que nos ilumina, “aquela luz que ilumina a todo homem que vem a este mundo”, que dizer a percepção da realidade objetiva. Sem ela seríamos simplesmente autômatos inconscientes, incapazes de pensar, saber, julgar, querer, eleger e dirigir-mos. Seu desenvolvimento, ou melhor dito liberação e expressão, caracteriza no homem o desenvolvimento de suas mais elevadas possibilidades.

A INTELIGÊNCIA

Estreitamente relacionada com o pensamento e com a consciência, se acha a inteligência, palavra que provem do latim intelligere, que dizer, inter-legere ou inter-ligare “ler dentro” ou entreligar”. É pois, a faculdade de ler ou penetrar dentro da aparência das coisas, entre-ligando-as e reconhecendo o laço ou nexos interior que as une e manifesta sua “gênese” origem nas diferentes analogias.

Por meio de sua Inteligência - ou consciência aplicada ao pensamento - o homem chega a conhecer a verdadeira natureza do mundo que o rodeia, de si mesmo e todas as coisas que caem sob seus sentidos; compara estas coisas, as classifica, as distingue e as relaciona umas com as outras e se forma assim conceitos e idéias sempre mais abstratas e gerais, retirados do particular e concreto. Assim, pode descobrir, reconhecer e formular as Leis e Princípios que governam o Universo, assim como os que governam seu próprio ser interior, sua própria vida íntima psíquica, intelectual e espiritual.

A inteligência, é pois, o uso consciente que fazemos de nossa faculdade de pensar, sendo este uso consciente do pensamento o que nos distingue dos seres inferiores (que também pensam, porem com um grau inferior de consciência, e portanto, de inteligência), e ao mesmo tempo caracteriza e mede o desenvolvimento ou grau de manifestação da consciência.

Desde da inteligência instintiva, quase automática, que caracteriza o reino mineral, determinando a afinidade atômica e governando a formação dos cristais assim como a atividade físico-química, passamos a um grau superior de inteligência (igualmente instintiva, porem menos automática) no

reino vegetal, cujas funções são mais complexas e mais livres, em que seja difícil falar de liberdade nos reinos inferiores, segundo o sentido humano da palavra.

Certo grau rudimentar de liberdade se manifesta naquela inteligência que produz a afinidade eletiva, que é a causa da seleção e evolução das espécies, seja no reino vegetal como no animal. Chegamos assim aos instintos da vida animal, e, destes, a inteligência humana, caracterizada pela razão consciente que pode ascender do concreto ao abstrato, da percepção puramente física, ao discernimento de uma realidade metafísica.

A VONTADE

Companheira da inteligência e de seu desenvolvimento, em seus estados sucessivos, a Vontade é a faculdade de desejar e querer. A vontade é a gêmea da Inteligência: enquanto esta é a faculdade passiva e luminosa de nosso ser, a que determina e guia nossos juízos, a Vontade é aquela faculdade ativa por excelência, que nos impulsiona a ação, traduzindo-se em esforço construtor ou destrutivo, segundo a particular direção da Inteligência. As duas faculdades estão assim constantemente relacionadas e se determinam e influenciam mutuamente.

O Pensamento, dirigido pela Inteligência, prepara a linha ou direção na qual se canaliza e segundo a qual atua a Vontade, enquanto esta, por sua vez determina e dirige a atividade intelectual do pensamento, sendo a Consciência o centro motor estático determinante das duas.

Assim como há consciência e subconsciência, pensamento consciente e pensamento inconsciente e, portanto, inteligência racional como instintiva, há também uma vontade instintiva ou automática ao lado da vontade inteligente ou racional. A primeira é a que constitui nossos desejos e nossos impulsos, em comum com os animais e seres inferiores, enquanto a segunda é o resultado da reflexão, o fruto de uma determinação inteligente.

Por sua íntima natureza, o progresso destas duas faculdades deve estar constantemente relacionado. A marcha do aprendiz, indica este processo: a cada passo do pé esquerdo (passividade, inteligência, pensamento), deve corresponder um igual passo do pé direito (atividade, vontade, ação) em esquadro, ou seja em acordo perfeito com o primeiro.

O LIVRE ARBITRIO

Como coroamento e consequência necessária do estudo das faculdades humanas, chegamos ao problema do determinismo e do livre arbítrio, um problema sobre o qual muito se discutiu doutos e sábios em todos os tempos, pois de sua solução depende a irresponsabilidade ou responsabilidade do homem e, portanto, a utilidade de todo esforço.

A solução deste problema é de importância fundamental para o maçom, pois se o homem não for livre em suas ações e determinações a Maçonaria, como Arte Real da Vida, não teria razão nenhuma de existir. O Companheiro, que reconheceu interiormente a verdadeira natureza de suas faculdades, se acha agora perfeitamente capacitado para resolver-se.

É sem dúvida, que a vontade, e por consequência a atividade do homem e o fruto de suas ações, se acham determinados pelo o que ele pensa, julga e vê interiormente. Assim pois, o que o faz único e como obra em determinadas circunstância, o que eleger constantemente (seja esta eleição consciente ou inconsciente, depende de sua maneira de pensar, de sua claridade de mente, de seu juízo e de seus conhecimentos.

Por conseqüência, livre arbítrio e liberdade individual existem para o homem em proporção do desenvolvimento de sua Inteligência e de seu Juízo.

Para o homem inteiramente dominados por suas paixões, instintos, vícios e erros, não existe o livre arbítrio, como existe para o homem iluminado e virtuoso. Os instintos e as paixões determinam constantemente seus atos assim como os do animal e o ata ao julgo de uma fatalidade que é a conseqüência ou concatenação lógica das causas e dos efeitos, ou seja a dupla reação interior e exterior de toda ação.

Mas para quem se esforça constantemente em dominar-se e dominar suas paixões, elegendo constantemente o mais reto, justo e elevado, o livre arbítrio, no sentido mais amplo da palavra, é uma realidade, pois por meio desse esforço se liberta dos vínculos que atam ao homem instintivo a seus erros e paixões: conhece a Verdade e a Verdade o faz livre.

Portanto, assim como o homem passa do domínio do instinto ao domínio da inteligência, e da cega obediência a suas paixões a uma clara e inteligente determinação ou, em outras palavras, de erro e a Verdade e do vício a Virtude, assim passa igualmente do domínio da fatalidade que é própria de sua natureza instintiva ou inferior, ao domínio da liberdade, própria de sua natureza divina ou superior, e esta se afirma constantemente sobre aquela.

Este é o caminho da liberdade que a Maçonaria indica aos homens nas diferentes viagens ou etapas de seu simbólico progresso. Caminho e progresso que se realizam por meio do esforço individual sobre a Senda da Verdade e da Virtude, as duas colunas que dão acesso ao Templo da Divina Perfeição de nosso Ser.

AS CINCO VIAGENS

Assim como um primeiro discernimento entre o vício e a virtude e entre o erro e a verdade, foi necessário ao Aprendiz antes de poder viajar ou progredir do Ocidente ao Oriente e das trevas para a Luz, assim também o reconhecimento de suas faculdades, por meio das quais o Companheiro começa a contestar a pergunta Quem somos? é condição necessária para empreender as viagens ou etapas de progresso que o esperam nesta segunda fase de sua carreira maçônica.

As viagens são em número de cinco, como as faculdades que acabamos de examinar, e há um estreito paralelo entre estas faculdades e os instrumentos que ao aspirante (já potencialmente Companheiro) deverá levar em cada viagem, ou melhor dizendo, nas quatro primeiras que se efetuam (como o do Aprendiz) do Ocidente ao Oriente passando pelo Norte, e logo de regresso do Oriente ao Ocidente pelo Sul.

Como o Aprendiz, o Companheiro também deve proceder do mundo concreto, ou do domínio da realidade objetiva, ao mundo abstrato ou transcendente, o mundo dos Princípios e das Causas, atravessando a região obscura da dúvida e do erro (o Norte) para voltar pela região iluminada pelos conhecimentos adquiridos (o Sul), constituindo cada viagem uma nova e diferente etapa de progresso e realização.

A PRIMEIRA VIAGEM

Na primeira viagem ou etapa de seu progresso, o novo companheiro leva os dois instrumentos com os quais fez seu trabalho de aprendiz, trabalho que agora o incube de prosseguir com a nova habilidade que foi o resultado de toda a aprendizagem.

O malho e o cinzel, por meio dos quais o pedreiro desbasta a pedra bruta, “aproximando-a a uma forma em relação com seu destino”, são para o maçom as duas faculdades gêmeas da vontade e da determinação inteligente, sobre a qual a primeira tem que aplicar-se para produzir um resultado aproveitável na Obra de Construção Individual, meta de seus esforços.

O primeiro destes dois instrumentos utiliza a força da gravidade, com a massa metálica de que se compõem, para produzir um efeito determinado: a desagregação ou fratura de outra massa de pedra ou matéria bruta, menos homogênea e resistente que a massa metálica que sobre a mesma que se aplica. É uma força ou Poder cujo efeito seria constantemente destrutivo, senão se aplicar com extremo cuidado e inteligência.

Assim é daquelas naturezas humanas nas quais o lado energético ou volitivo tomou um desenvolvimento exagerado e indevido, em relação com o poder diretor da inteligência. Possuídos por uma idéia exclusiva a que animam com todo o fogo de sua natureza passional, porem sem o discernimento necessário para uma sábia lição, estes seres constituem um perigo constante para a estabilidade do edifício social, se outros não sabem dominá-los e dirigir útil e construtivamente suas energias. São, como se chamam no termo oriental, as naturezas rajásicas nas quais prevalece o elemento ativo do enxofre e constituem a casta dos chatrias, a qual pertencem os revolucionários e guerreiros, as naturezas impulsivas e rebeldes de todas as raças.

Em comparação com o malho, o cinzel tem uma massa metálica limitada; porém sua têmpera e agudez o fazem distinguir nitidamente do primeiro, enquanto se grava numa forma determinada sobre a matéria bruta na qual o aplicamos, cortando-a em vez de quebra-la e faze-la em pedaços, como o faria por si só o malho.

Por outro lado, a resistência e homogeneidade da massa metálica de que se compõem o fazem especialmente adaptável para suportar, em seu extremo superior, os golpes do malho, e transmiti-lo como efeito útil sobre a matéria em que obra, separando da mesma um fragmento determinado, melhor que destrui-la cega e não inteligentemente.

Sem dúvida, o cinzel sem o malho, que aplica sobre ele mesmo a energia da massa de que se compõem, seria igualmente ineficiente e incapaz de produzir por si só aquele trabalho a que esta destinado, em colaboração com o segundo. Assim ocorre com aquelas naturezas puramente intelectuais, que elaboram continuamente planos e projetos, porém, por falta de energia, nunca põem prática, condenando-se a inércia e sujeitando-se passivamente as condições e circunstâncias, as vontades que as utilizam e das que se fazem servir-lhes como instrumentos, assim como das pessoas e coisas que as rodeiam.

Prevalecem nestas naturezas tamásicas (1) o elemento passivo e feminino do sal, e constituem a casta dos vaysias, comerciantes, artistas e empregados, nos quais domina a inteligência elaborativa e que, sabiamente dirigidos e utilizados, formam a força silenciosa, inteligente e trabalhadora de uma nação. Na primeira viagem aprende o Companheiro, como conclusão de seus esforços como Aprendiz, o uso combinado dos dois instrumentos, ou seja o uso harmônico da vontade impulsiva e da determinação inteligente, com as quais se acham em condição de fazer da matéria prima de seu caráter, ou da pedra bruta de sua personalidade profana (quitando-lhe suas asperezas e partes supérfluas) uma pedra lavrada, ou seja uma obra de arte.

A capacidade de usar em perfeita harmonia, com suficiente reflexão e discernimento, estas duas faculdades gêmeas, constituem as naturezas sávticas nas que prevalece o elemento equilibrante ou mercúrio (satva), ou seja a inteligência iluminada pelo discernimento do Real. Este nos põem por cima da luta entre os pares de opostos e realiza em nós a Pedra Filosofal: a perfeita união do Amor e da Sabedoria, que nos dá o cetro do Poder verdadeiro e durável, prerrogativa da casta dos brahmanes, ou diretores espirituais da sociedade (2).

(1). Mais propriamente deveria dizer-se satva-tamásicas, e pela anterior satva-rajásica, ou seja, respectivamente, a inteligência passiva (sem poder diretivo independente), e dominada pelos impulsos, a paixão e a ambição.

(2). Uma correspondência simbólica mais perfeita que a anterior, baseada sobre as três gunas, das quatro castas hindus, se encontra em sua correlação com os quatro elementos, correspondendo o Ar aos Brahmanes, o Fogo aos Chatrias, a Água aos Vaysias e a Terra aos Sudras.

A SEGUNDA VIAGEM

Os instrumentos levados na segunda viagem pelo Obreiro que se iniciou nos princípios da Arte são de uma natureza inteiramente diferente das dois com que fez seu primeiro trabalho: enquanto os primeiros são dois instrumentos pesados para um trabalho material, aqui teremos dois instrumentos mais ligeiros de precisão para um objetivo intelectual: a régua e o compasso.

Com estes, além de verificar e dirigir o trabalho feito com os anteriores (como o fazem o escultor e o artista consumados, transformando a pedra bruta em arte) o Companheiro se adentra nos primeiros elementos daquela Geometria, que é um dos objetivos de seu estudo e que nos dá a Chave da Arte da Construção, ajudando-nos para interpretar os planos do Divino Arquiteto dos mundos.

A régua e o compasso não são simplesmente dois instrumentos de medida, em que a medida da terra ou mundo objetivo, seja o significado originário da palavra Geometria, senão melhor criativos e cognitivos, dado que, por meio deles podemos construir quase todas as figuras geométricas, começando pelos dois elementares, que são a linha reta e o círculo.

Todas estas figuras tem para o maçom uma importância construtiva no domínio moral e intelectual. A linha reta que nos traça a régua, é o emblema da direção retilínea de todos nossos esforços e atividades, na qual devem inspirar-se nossos propósitos e aspirações: o maçom nunca deve separar-se da exatidão e inflexibilidade da linha reta de seu progresso, que o indica constantemente o mais justo, sábio e melhor e que nunca deve desviar-se de seu Ideal como da fidelidade aos Princípios que se propôs seguir, representados pelos pontos pelos quais a linha esta formada.

O círculo mostra e define ao alcance do raio de nossas atuais possibilidades, ou seja o campo de ação dentro do que devemos atuar e dirigir-nos sabiamente, na direção inflexível indicada pela linha reta que passa constantemente por seu centro. Aprendemos assim a uniformizar constantemente nossa conduta ao mais nobre e elevado, adaptando-nos ao mesmo tempo a nossas condições e necessidades atuais e fazendo o melhor uso das oportunidades e possibilidades que se nos dispensam no raio de nossa ação.

Em outras palavras, a união do círculo com a reta, traçados respectivamente pelo compasso e a régua, representa a harmonia e o equilíbrio que devemos aprender a realizar entre as possibilidades infinitas de nosso ser e a realidade das condições finitas e limitadas na qual nos encontramos,

conciliando o domínio do concreto com o abstrato, para uma sempre mais perfeita e progressiva manifestação do Ideal no material.

Alem disso a Régua indica uma perfeita união que traçamos ou realizamos em cada momento, no presente (como uma linha entre os dois pontos nos quais esta compreendida) entre o passado e o porvir, sendo mesmo o presente a necessária consequência do primeiro e preparação do segundo.

Assim pois, em que tudo o que agora fazemos ou encontramos sobre nosso caminho esta passivamente determinado pelo o que fomos e o passado que temos esquecido, a eleição ativa que fazemos no presente de nossa linha de ação, é a que determinará seu êxito definitivo como resultante da força passiva do passado e de nossa própria atitude no presente.

Por conseguinte, não são tão importantes para nós as coisas e condições em que nos encontramos atualmente, como é nossa atitude interior acerca das mesmas, que é a que determina o que saldará em definitiva delas. Qualquer que seja a condição ou circunstância em que nos encontramos, representa um ponto desde o qual devemos traçar (por meio da régua de nossa conduta) uma linha reta para outro ponto que dependerá por completo de nossa livre eleição, em que pode ser esta influenciada por nossos esforços, desejos e aspirações passadas.

E, enquanto ao compasso, suas duas pernas e os dois pontos sobre os quais se aplicam nos permitem reconhecer e traçar a relação justa e perfeita que existe constantemente entre nosso eu e o mundo ambiente que nos rodeia, medindo com discernimento o alcance daqueles pontos que elegemos para traçar sobre os mesmos, com a ajuda da régua de que temos falado, nossa linha de conduta em harmonia com o Plano do Grande Arquiteto, que é a Lei Suprema de nossa vida.

Assim aprendemos a vencer com industria e paciência todos os obstáculos que encontramos sobre nossa senda, servindo-nos dos mesmos como pontos de partida, oportunidades, meios e degraus para o nosso progresso.

A TERCEIRA VIAGEM

Conservando a régua em sua mão esquerda, o Companheiro, em sua terceira viagem, depõem o compasso para substituí-lo por uma alavanca, que apoia com a mão direita sobre a espada do mesmo lado.

Este quinto instrumento, que é como o compasso esta caracterizado pelos dois pontos sobre os que se aplica (potência e resistência) e um terceiro que o serve de ponto de apoio, tem, em comparação com o precedente, uma função eminentemente ativa, já que com seu auxilio podemos mover e levantar os objetos mais pesados, aplicando sobre os mesmos uma força apropriada. Representa por tanto, o meio ou possibilidade que nos oferece, com o desenvolvimento de nossa inteligência e compreensão (o braço extremo ou *potência* da alavanca) para regular e dominar em qualquer momento a inércia da matéria e a gravidade dos instintos, levando-os e movendo-os para ocupar o lugar que os corresponde na Construção de nosso Edifício Individual.

As duas mãos, que devem aplicar-se sobre este instrumento para que o esforço seja mais efetivo, representam as duas faculdades (ativa e passiva) da vontade e do pensamento, que devem aqui *cooperar* - como o uso do malho e do cinzel - concentrando a força se seus músculos sobre o extremo livre da alavanca.

Qual é, pois, este meio, essa faculdade maravilhosa que remove todos os obstáculos e os leva onde queremos levá-los, sem a qual as duas mãos juntas não poderiam levantar os objetos pesados sobre os quais aplicamos?

Desde um ponto de vista geral, a *alavanca* pode considerar-se como símbolo de toda a Inteligência humana em seu conjunto, que tem seu fulcro, ou ponto de apoio natural, no corpo físico, sobre o qual atua, na medida eficiente de seu desenvolvimento, para produzir todas as ações, sendo a Vontade a Força ou *potência* que sobre ela se aplica, e que a mesma Inteligência faz efetiva. A Vontade é a sua vez, expressão do potencial espiritual do Ser, manancial imanente de toda atividade, cuja particular natureza a inteligência determina. O Companheiro, em outras palavras, se serve da alavanca, toda a vez que por meio de sua inteligência determina, planeja e executa uma ação particular que manifeste objetivamente o *íntimo desejo* de seu coração (a potência animadora, aplicada sobre a alavanca).

De uma maneira mais particular, sem dúvida, podemos ver na alavanca um símbolo bastante apropriado e expressivo da Fé, a faculdade que aplica, apoiando-se no fulcro da consciência individual, o Potencial Divino - e portanto infinito do Ser até levantar e mover as alegóricas *montanhas* das dificuldades. Nos disse o Evangelho que, para produzir esse resultado, é suficiente a Fé que se encontra dentro de um grão de mostarda; isto quer dizer que as mais pequenas *sementes* de Fé pode *crescer*, quando seja aplicada inteligentemente, até produzir os efeitos mais maravilhosos que possa imaginar, realizando-se assim, de uma maneira efetiva, a fachada hipotética de Arquitectes. Quando se possui essa alavanca da Fé, até o mundo pode ser *levantado* e transformado, por meio da força ativa de uma nova idéia propulsora. Todos os homens que possam deixar na história e na humanidade uma pegada mais profunda de sua atividade, fizeram uso, efetivamente, da misteriosa alavanca, com a qual pode ser posta em movimento, e até ser utilizada, a *inércia* natural das massas, cuja primeira resistência se transforma depois em *poder propulsor*.

O pensamento sem a vontade, e a vontade sem o pensamento seriam igualmente incapazes de atualizar a Força Infinita da Fé, que para ser efetiva deve ser iluminada por um Ideal, e dirigida pelo motivo mais elevado, nobre e desinteressado, que a cada qual o seja dado alcançar, sem sombra de dúvida, por parte da inteligência, sem que haja vacilação nenhuma no objeto que nos anima.

É igualmente inútil este instrumento, senão lhe aplica a Vontade com absoluta firmeza e perseverança de propósito, assim como o Pensamento, em vez de concentrar-se sobre o mesmo com iluminado discernimento, se deixa desviar por considerações errôneas e falsas crenças que o aleijariam daquela *clara visão* em que consiste a clarividência do iniciado.

A *régua* com a qual entrou pela primeira vez na segunda Câmara, não deve portanto separar-se nunca do Companheiro em seus esforços por meio deste novo utensílio que o ajudará a realizar o que de outra maneira seria impossível, *multiplicando* suas forças em proporção direta das necessidades, ou seja do objeto ou objetos sobre os quais se aplica. A régua é, pois, aquele instrumento de direção sem o qual nunca poderemos fazer uma obra definida e efetivamente construtora: nossa vida se torna um caos (como seria um Universo sem Leis) quando possuímos uma régua justa e segura para todos nossos esforços e ações.

A QUARTA VIAGEM (1)

O iniciado seguira levando a *régua* em sua quarta viagem, acompanhando-a esta vez com o esquadro, o sexto e último instrumento cujo o uso deve aprender nestas peregrinações que tem por

objeto outorgar-lhe aquela experiência, que necessita para poder encaminhar-se para o Magistério em sua própria arte.

Assim como a união coordenada da régua com o compasso indica a capacidade de dar cada passo, em vista do objeto que nos propomo-nos, com perfeita retidão, dentro do limite de nossas atuais possibilidades, assim igualmente sua ação com o esquadro representa a necessária *retificação* de todos nossos propósitos e determinações, segundo o critério e Ideal que nos inspira, assim como as ações que realizam aqueles.

Particularmente, o esquadro unido a régua ensina ao maçom que *o fim nunca justifica os meios*, só pode obter-se um resultado satisfatório quando os que se empenham estejam *em harmonia*, com a finalidade em que unidos se propõem. Assim, por exemplo, é um erro crer que pode obter-se e gerar a paz por meio da guerra, dado que a guerra se apoia em pensamentos de ódio, inimizade e violência, enquanto para a primeira se necessita sobre tudo amizade, simpatia, compreensão e cooperação.

1) Deve-se notar que nas viagens de número par (2 e 4) se levam instrumentos *passivos*, e nas ímpares instrumentos *ativos*.

Considerado isoladamente, o *esquadro* é um símbolo equivalente ao místico Tua dos egípcios, quer dizer, a união do nível com o prumo, por meio dos quais se constrói o muro e se levanta um edifício, em prumo com as Leis que governam toda construção, depois de verificar cuidadosamente a perfeita retidão dos ângulos triados das pedras que se empenham, de maneira que possam estas ocupar exata e rigorosamente o lugar que a cada qual corresponda. Assim é que pode também substituir por estes dois instrumentos combinados.

A régua em união com o esquadro, representa também a perfeita medida dos materiais que usamos na elevação do edifício, que além de estar ajustado em todos seus ângulos, há de ser bem proporcionados em suas três dimensões, segundo o lugar onde se aplicam para lograr com seu conjunto a homogeneidade, estabilidade e harmonia do edifício que se levanta, e cuja ausência acusaria obreiros inexperientes, aos que não pode confiar-se um trabalho de importância.

A *pedra cúbica*, ou seja a individualidade justamente desenvolvida em todas as suas faces, não é precisamente o que se necessita para o Edifício Social: uma pedra deste gênero constitui a exceção, e seria condenada ao isolamento por não poder aproveitar-se na união com as demais. O que melhor se necessita para o propósito construtor da Maçonaria, é uma pedra em perfeito esquadro em suas seis faces, qualquer que seja o desenvolvimento comparativo das mesmas, com tal, que haja proporção e paralelismo entre seus diferentes lados, respectivamente verticais e horizontais, para que possam utilmente aproveitar-se e por-se no lugar que lhe corresponde, com a ajuda do nível e do prumo.

Não devemos, pois, os maçons, buscar uma uniformidade absoluta em nossas idéias, idéias e convicções, conformando nossa visão as limitações estreitas de um tipo preestabelecido, com os quais nos converteríamos noutros tantos ladrilhos, que se bem são bem úteis e pode aproveitar-se nas construções correntes, não o seria igualmente para um edifício grandioso e imponente, como é aquele Templo Simbólico que levantamos, com nossos esforços unidos, a Glória do Divino Arquiteto do Cosmos cuja a perfeição e beleza dependem igualmente da inteligente variedade dos materiais que se empregam, assim como da sábia coordenação e combinação dos mesmos, de acordo com um Plano Magistral no qual há lugar para pedras das formas e dimensões mais complexas e variadas.

Devemos, por conseguinte, desenvolver e trabalhar a pedra de nossa personalidade naquela forma que melhor se adapta, segundo sua particular natureza, para ocupar o lugar mais apropriado no Edifício da Humanidade e da Criação, e expressando nela, como melhor podemos, aquela parte que nos é dado fazer patente do Gênio Sublime do Artífice, do qual somos outras tantas manifestações.

A QUINTA VIAGEM

Este Gênio Individual no qual se revela a verdadeira capacidade do artista é o que o Companheiro trata de buscar na quinta viagem que, a diferencia das precedentes, se cumpre sem o auxílio de nenhum instrumento e numa direção oposta a qual se seguiu até agora: *para trás* e sob a ameaça de uma espada posta sobre seu peito.

Que significa esta troca completa de direção e de atividade? É uma nova etapa de progresso que se cumpre de uma maneira misteriosa, em oposição com as Leis e Regras seguidas até aqui, ou é um verdadeiro *regresso* inevitável para todos, apesar dos esforços realizados para alcançar nosso ser mais elevado? Por que razão abandonou o Companheiro também a *régua* simbólica com a qual fez sua entrada na segunda Câmara?

Esta viagem, e a maneira misteriosa como se cumpre, tem muitos sentidos e encerra uma profunda doutrina, intimamente relacionada com o número cinco que faz esta viagem particularmente peculiar no grau de Companheiro.

Em primeiro lugar, se cumpre *sem nenhum instrumento*. Isto significa que, fazendo-se adestrado no uso dos seis instrumentos fundamentais da construção, a saber, o malho, o cinzel, a régua, o compasso, a alavanca, e o esquadro que correspondem as seis principais faculdades, tem agora que buscar sua sétima faculdade central, que corresponde a letra G (a sétima letra do alfabeto latino), cujo o perfeito conhecimento o conduzirá ao Magistério. Representa, em outras palavras, o novo campo de estudo e de atividade que se abre ao artista experimentado no uso dos diferentes instrumentos, para expressar *uma fase superior* de suas habilidades, e ao iniciado, uma vez que há dominado sua natureza inferior e se adestrou no uso de suas diferentes faculdades, com aquisição de novos poderes que representam a multiplicação de seus talentos.

Indica, portanto, um novo gênero de trabalho, em que deve adestrar-se, e no qual todos os instrumentos empregados até agora, ainda a mesma régua, são supérfluos, dado que se trata de atividade puramente espiritual, qual é a meditação que conduz a *contemplação* da Realidade, a qual chagará ascendendo os cinco degraus de que a continuação falaremos.

O abandono da régua representa aquele estado de completa liberdade que se consegue uma vez que se ha dominado os sentidos e as paixões inferiores e o individuo se abre a percepção daquela Luz Interior (simbolizada na Estrela Flamejante) que faz inútil toda regra externa.

Chega, pois um momento, na evolução individual, no qual todas as regras, ensinamentos e ajudas exteriores, que até então foram de suma utilidade, já não servem, e quase constituem um obstáculo para seu progresso ulterior. Devem então abandonar-se, convertendo-se o Artista no *instrumento* do Gênio Divino que atua nele, buscando uma perfeita expressão do Ideal em que se manifesta, e fazendo-se igualmente o Iniciado veículo e expressão daquela Luz que aparece e daquela Voz que se faz ouvir dentro de seu próprio coração.

A RETROGRADAÇÃO

A retrogradação característica da quinta viagem tem também vários sentidos, que se oferecem a nossa meditação. Fundamental entre eles nos parece a necessidade de *revisar* o caminho recorrido, correspondendo em certa maneira a nossa faculdade da memória, com a qual analisamos retrospectivamente os diferentes acontecimentos de nossa vida. É uma revisão completa de toda nossa atividade e de nossos esforços (de todo nosso *curriculum vitae*) a que se impõem neste momento evolutivo, para poder passar adiante.

Outro sentido não menos importante é a da retrogradação aparente que se cumpre inevitavelmente em vários aspectos da vida individual, como a primeira conseqüência da liberdade desacostumada, efeito do abandono de todas as regras e limitações. Há, muitas vezes, efetivamente, uma recaída em vícios, defeitos e erros que pareceriam serem definitivamente superados; sem dúvida, se trata de fenômenos transitórios, pois chega um momento em que o movimento de retrocesso tem que deter-se, empenha então um novo progresso, sobre uma base mais firme, mais sólida e segura.

Como o número cinco representa também a queda do homem (ou seja a involução do Espírito ou do eu nos laços da ilusão, que o fazem num primeiro momento escravos da aparência material das coisas), é natural que haja também nesta viagem este sentido da *queda ou involução*, que se manifesta na vida do Iniciado como preliminar necessário de uma mais completa *regeneração* espiritual.

Compara-se, também, esta retrogradação do Companheiro em sua quinta viagem, a retrogradação aparente do sol que, depois do Solstício de Verão, empenha um movimento no sentido inverso, em relação com o anterior, distanciando sempre mais, em sua declinação, do hemisfério boreal, incrementando assim a noite e o frio, que se fazem mais evidentes segundo nos afastamos do equador em direção do polo, até a noite de seis meses que caracteriza a região circumpolar.

Finalmente esta retrogradação tem um sentido filosófico digno de nota, já que a medida em que nos acercamos a realidade, reconhecemos que esta sempre se manifesta e procede *no sentido inverso* da aparência.

Um exemplo físico desta Verdade encontramos no duplo movimento aparente do Sol ao redor da terra e do Zodíaco, que é na realidade a aparência invertida do movimento de rotação e revolução da terra; enquanto o sol se levanta para nós ao Oriente e se põem ao Ocidente, passando pelo Sul, e nos faz ver em sentido inverso, nos doze meses, os doze signos do Zodíaco, na realidade é a terra que gira sobre si mesma e ao redor do Sol, do Ocidente ao Oriente, e passando de Libra a Aries nos seis meses de luz crescente e de Aries a Libra nos meses de luz decrescente.

Assim havendo realizado o Companheiro, suas quatro primeiras viagens, segundo o movimento aparente do sol, realiza a última inversamente, segundo o movimento real da terra, ingressando definitivamente no campo da realidade, e cessando assim de ser escravo da aparência externa.

A ESPADA SOBRE O PEITO

Nesta revisão do caminho recorrido, a espada apontada sobre seu peito recorda ao novo companheiro seu ingresso no Templo, na cerimônia de iniciação como Aprendiz. Este é, efetivamente, um dos sentidos simbólicos da mesma.

Como na iniciação do Aprendiz, a espada sobre o peito indica fundamentalmente a *dor* que sempre nos faz “dirigir para dentro”, pensar, reflexionar, discernir e *saber*. Não pode existir sabedoria que

não se faça de alguma maneira amadurecido com a dor; assim como também todos nossos sentidos e faculdades nasceram e se manifestaram evolutivamente sob seu estímulo benéfico.

Para o Companheiro, a espada do Experto que o impulsiona em seu movimento retrógrado, representa sobre tudo, aquela irrefreável desejo que nasce em seu mesmo coração e o impulsiona a abandonar todas as regras que seguiu até então, para conquistar a liberdade que lhe aparece como Bem Supremo e como a coisa mais desejável. Ao mesmo tempo, nasce uma espécie de remorso que esconde em si o constante anelo de progresso inerente em todo ser humano, e que o segue constantemente naquela recaída, que é a primeira consequência da liberdade que acreditou poder conquistar abandonando as regras seguidas até então; este mesmo remorso, esta *voz da consciência* que representa a espada, e faz sentir sempre mais forte a regra interior que será para ele desde agora Lei Suprema de sua conduta.

Portanto mais que uma ameaça, a espada representa uma *indicação*: mostra ao Companheiro onde tem de buscar de agora em diante a *régua perdida*, a lei de sua conduta, e o novo instrumento (o sétimo instrumento necessário na Grande Obra de Construção Individual) que em seu próprio coração, nas profundezas de seu eu, no centro de seu Ser, deve haver efetivo, com o reconhecimento de sua verdadeira natureza, e com a intuição que o faz canal e veículo da Inspiração Divina. Este é o sentido real da espada que se acha apontada sobre seu peito, já não para ameaçá-lo, senão para guiá-lo a reconhecer o privilégio de sua Divina Liberdade e fazer de tal privilégio o uso mais sábio e mais inteligente.

Assim, pois, mostra a espada ao novo Companheiro a necessidade de *conhecer-se a si mesmo*, para que possa assim contestar a pergunta *Quem somos?*, que é o problema iniciático deste grau.

OS CINCO DEGRAUS

Enquanto que as primeiras três viagens terminam próximas ao Segundo Vigilante, ao término da quarta e da quinta viagens o aspirante é conduzido junto ao Primeiro Vigilante, que lhe pede, primeiro, o *toque* e logo a *palavra* de Aprendiz. Isto significa que *antes* de receber, o aspirante deve dar tudo que possui ou conhece; além disso com o *toque* demonstra ter passado pelos primeiros três anos ou etapas de seu progresso, representados pelas três viagens, e com a *palavra* reafirma o Ato de Fé, representado pelo sentido dessa *palavra*, a qual adquire uma importância especial depois da quinta viagem.

Ao passar da coluna do Norte para a do Sul, ou da *perpendicular ao nível*, onde termina para ele a orientação do Segundo Vigilante e inicia-se a orientação do Primeiro Vigilante, estando entre ambos, já se observa desde da quarta viagem, depois de ter provado na terceira viagem, com o uso da alavanca em união com régua, *ter* conseguido a perfeição como Aprendiz, pondo em ação e fazendo operativa a Fé, que é a qualidade que especialmente deve desenvolver-se neste grau, em união com a retidão dos propósitos.

O esquadro que se une à *régua* na quarta viagem, mostra também o domínio do nível, que se impõem sobre o prumo, que dizer, a necessidade de um perfeito equilíbrio e de uma constante estabilidade e firmeza em seus propósitos e aspirações, qualidades muito bem expressas pelo simbólico Edifício que se constrói com o auxílio destes instrumentos. O prumo se transforma assim no Tau sagrado, sobre o qual há de brilhar a Estrela de sua Chispa Divina.

Para subir ao trono do Primeiro Vigilante precisa subir os cinco degraus, emblemáticos das cinco etapas ou viagens até agora recorridos. Estes degraus podemos representá-los de diferentes cores, em correspondência com o elementos e experiências das provas iniciáticas.

A primeira é negra, e corresponde a prova da terra. Recorda ao aspirante a Câmara de Reflexão, na qual foi introduzido para a necessária preparação ao grau de Aprendiz, e lhe mostra a necessidade de visitar o interior da terra, penetrando na realidade das coisas que se esconde atrás de sua aparência ou forma exterior.

A segunda é azul e corresponde à prova do ar. Recorda a primeira viagem do Aprendiz e a necessidade de enfrentar-se com os prejuízos e os erros, as correntes contrárias do mundo, permanecendo firme em seu juízo e em seus convencimentos espirituais, como uma torre que não vacila e não se desapruma sobre o ímpeto dos furacões mais violentos.

A terceira é branca e corresponde a prova da água. Recorda a segunda viagem do Aprendiz, e que deve o iniciado dominar e acalmar constantemente as ondas das paixões que brotam em seu coração, mantendo-se constantemente sereno e tranqüilo em meio os combates, das lutas e das violências exteriores.

A quarta é vermelha, e corresponde à prova do fogo. Recorda a terceira viagem do Aprendiz e mostra ao iniciado seu dever de libertar-se igualmente da fria indiferença e da exaltação impulsiva e necessariamente passageira, fazendo que seu entusiasmo seja um fogo sereno e constante que, como o do organismo em perfeita saúde (livre da frieza da morte e do ardor da febre) produz um benéfico calor vital permanentemente ascendido na invencível aspiração para o Melhor.

A quinta é incolor e policroma, correspondendo a *quinta essência*. Se refere ao novo elemento que se apresenta em forma especial ao consideração do Companheiro, correspondendo ao Princípio Universal no que se originam os quatro primeiros elementos e no que se resolvem. É o princípio da Luz e da Palavra, o veículo do Verbo, no que segundo nos diz o Ev.: de S.: J.:, se encontra a origem primeira de todas as coisas e de todos os seres: “Todas as coisas por ele foram feitas e sem ele nada do que foi feito existiria”.

A ESTRELA FLAMEJANTE

Chegado ao quinto degrau de sua simbólica ascensão, o Iniciado adquire aquela iluminação ou visão espiritual, que faz dele um vidente e o capacita para discernir a Estrela Flamejante que brilha diante e por cima dele, na parte mais íntima de seu ser.

Esta Luz ideal, proveniente de seu Ser Espiritual o ilumina agora com toda a claridade e guia com acerto seus passos na Senda do Progresso, que o converterá em “mais que homem”, no verdadeiro Mestre em toda a extensão da palavra.

A Estrela (emblema do homem perfeito ou do Arquétipo Divino do Homem, do verdadeiro Filho de Deus feito ou emanado diretamente Dele, e por sua imagem e semelhança) tem cinco pontas que correspondem aos quatro elementos e a quinta essência dos que acabamos de falar, ou seja dos metais ordinários ou faculdades comuns do homem: o prumo de seus instintos materiais, o estanho de sua compostura vital, o cobre de seus desejos e o ferro de seu templo, aos quais se unem o mercúrio filosófico da Inteligência Soberana que todo o amálgama e o domina.

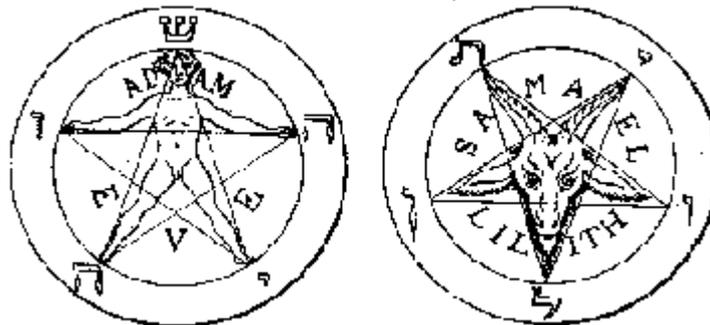
Representa em si aquele místico *pentagrama* que foi eleito pelos Magos como o símbolo do Poder Soberano do Iniciado, ante o qual toda a natureza se inclina e obedece, reconhecendo aquela Imagem Divina que, refletindo a verdade e a Nobreza, faz fluir o melhor de si, com sua única presença, todos os demônios dos prejuízos e dos erros, dos instintos e das paixões.

Como todo emblema, é suscetível de reversão e, enquanto sua posição direita mostra o Pentagrama Luminoso do Ideal, o homem que adquiriu um domínio perfeito e equilibrado sobre si mesmo, podendo-se escrever no mesmo a figura humana direita, com a cabeça para cima, Quando sua posição se inverte, o erro e o pecado, a Ilusão da matéria simbolizada pelo sexo que toma seu domínio sobre a cabeça, triunfam e fazem ao homem o escravo de seus lúbricos instintos e das paixões animais, que também representa uma cabeça de bode inscrita num pentagrama invertido.

A LETRA "G"

Dentro da Estrela Flamejante se encontra um signo ou hieróglifo, que se identifica muito bem com a letra G do alfabeto latino, em que seu significado originário fora talvez um pouco diferente. A letra G se acha exatamente no centro do pentagrama, e é digno de nota que, inscrevendo no mesmo a figura humana, tal centro corresponde exatamente as partes genitais.

É, pois, em extrema evidência, a relação fundamental desta letra com o *gênesis* e a “geração” em todos seus aspectos, representando em primeiro lugar o Centro Criador, origem de toda manifestação as diferentes expressões da Força Criadora, manifestada tanto no homem como nos demais seres vivos, por meio dos órgãos da geração.



A Força Criadora, que se acha no centro de todo ser e de toda coisa, e que produz na ordem natural orgânica a *geração*, tem uma importância fundamental no duplo processo da involução e evolução, como o demonstra também a lenda bíblica da queda do homem, associada com o uso indevido desta Força, procedente da misteriosa Árvore da Vida. Efetivamente, segundo seja usada, esta Força, pode conduzir ao homem tanto a *degeneração* como a *regeneração*; esta última é privilégio do Iniciado, que havendo dominado os sentidos, canaliza a força geradora para o objetivo supremo da criação: o engendramento ou produção dentro do mesmo homem de um ser superior, o verdadeiro Mestre.

Este argumento da degeneração e regeneração será tratado mais extensamente noutro “Manual” desta Série, com o qual essencialmente se relaciona. Ao companheiro unicamente o compete saber que, segundo o seu uso reto ou distorcido, esta Força conduz ao homem a liberação do Espírito ou a Escravidão da Matéria, ao domínio nele da Realidade ou da Ilusão. Medite pois, sobre seu profundo sentido, reconhecendo no mesmo um Princípio Divino que, ainda pervertido pela ignorância, tem o Poder de enobrecer ao homem e impulsioná-lo sempre mais acima, sobre a simbólica escada do sonho de Jacob, que une a Terra da materialidade e da ilusão com o Céu da realidade espiritual.

GEOMETRIA - GÊNIO - GNOSE

A mesma raiz de geração se acha expressa no grego Geo que significa “terra” no sentido de “geradora” ou “mãe dos viventes”; desta palavra vem geometria, que significa literalmente “medida da terra”, ou seja, em seu sentido mais amplo: “estudo das Leis ou Princípios Matemáticos Fundamentais, que constituem a *medida interior* da criação manifesta ou mundo fenomenico (terra)”.

O grego gê é de um valor quase igual ao do latim natura, que tem a mesma etimologia (originalmente gna-tura), significando a “engendradora” ou “produtora” por excelência, e portanto a “mãe” do universo visível. Por consequência, geometria é sinônimo de “naturimensura”, ou seja “estudo da medida interna da natureza, e dos Princípios Matemáticos aos quais se reconduz e por cujo meio se faz manifesta a criação”.

Aqui não se esgota, sem dúvida, seu significado: Geometria ou *ge-meter*, é também um equivalente de Deméter ou “Diva Mater”, enquanto significa a Mater Genetrix da natureza. Precisamente assim deveriam entender os antigos helenos ao usar esta palavra que claramente nos apresenta a origem de todas as coisas visíveis na pura Ciência das Formas, que é também a ciência das medidas e das proporções, dado que *mãe e medida* são palavras neste caso etimologicamente equivalentes.

É, pois, evidente, a estrita relação significativa entre *geração e geometria*, sendo esta última a medida da primeira, enquanto nos mostra os Princípios Matemáticos que presidem a Criação Universal das coisas. Igualmente evidente se faz a nossa consideração etimológica e filosófica a conexão da *geração com gênio e gnosés*, outro dos importantíssimos significados da letra G.

No Gênio (palavra derivada da mesma raiz *gê* ou *gen*) encontramos pois a mais elevada e sublime manifestação da geração: a criação ou produção do que pode haver de mais belo, atrativo e agradável, de tudo o que eleva ao homem e o conduz mais próximo de sua natureza divina. A Ciência, a Arte e a Religião, em todos os seus aspectos, são igualmente obra do Gênio do Homem, do *engenho ou genialidade* humana do que no homem é *mais que homem* e tende a fazer dele um *Magistrado*.

O cultivo do Gênio (de seu próprio *gênio* ou genialidade inata) deve ser, pois, o objeto fundamental do Companheiro, já que unicamente na medida na qual seu próprio Gênio se manifesta, pode verdadeiramente aspirar ao Magistério e chegar a realizá-lo. Este é o sentido de sua *regeneração*, por meio da letra G, ocultada e revelada na estrela flamejante de seu Ideal.

A etimologia de *gnose* mostra o estreito parentesco entre as duas classes de ideais que se agrupam nos dois verbos “engendrar “conhecer”. A raiz *gno* (em sânscrito *jñā*) do grego *gnose* e do latim *gnosco* ou *cognosco*, *nomen* (de *gnomen*), *notus* (de *gno-tus*), *nobilis* (de *gno-bilis*), é muito semelhante a raiz *gê* ou *gen* (sânscrito *jā* ou *jan*) da qual temos visto derivar-se *geometria*, *generatio*, *gen-ius* e *na-tura*. Efetivamente, todo processo de conhecimento é uma interna “geração de idéias”, uma geração que se produz na *mente*, outra palavra que mostra a idêntica relação entre as duas classes de idéias, portanto deriva do grego *metron* “medida”, com o sanscrito *manas e matra* e com o latin *memini*, *minutus*, *mensura*, etc., da mesma raiz *ma-me* ou *man-men* da qual deriva “mãe” (em latim *mater*, grego *meter*, sânscrito *matara*), por ser a mente verdadeira “mãe das idéias”.

Gnose é, pois sinônimo de conhecimento ou “ciência” (de *sci-re* conhecer, saber”), referindo-se melhor que ao conhecimento profano e a ciência ordinária, àquela verdadeira *ciência ou sapiência*,

que se acha constantemente comprovada pela direta experiência individual e é *consciência interior* da realidade e, portanto, patrimônio e prerrogativa dos iniciados na senda da Verdade.

A aquisição da Gnose, por meio do Gênio Individual, será por consequência. objeto dos esforços do Companheiro, esforçando-se em interpretar, com seu estudo e prática da Geometria, o Grande Mistério da Geração Universal.

GRAVITAÇÃO - GRAÇA - GOZO

A Gnose conduz a reconhecer a Lei Universal da Gravitação (de *gravis*: grave) que para o Iniciado tem um sentido mais íntimo e profundo que para o profano, já que não se limita a considerar as relações entre os corpos físicos (celestiais e terrestres) senão que abarca o domínio moral e espiritual, numa compreensão mais perfeita daquela Realidade, da qual vemos em qualquer parte as manifestações e sentimos e expressamos constantemente a presença e a vida.

A Força da Gravidade é pois, para o Iniciado, aquela Lei de Amor ou atração universal, que conduz toda coisa e impulsiona todo ser para aquele centro que cada qual reconhece e sente interiormente como *mais grave*, ou seja, que manifesta uma vida mais profunda, ativa e real.

O estudo e a perfeita compreensão desta Lei é, por consequência, de uma importância soberana para a Arte Real da Construção Individual e Universal, enquanto esta Arte tem de ser praticamente uma constante elevação ou edificação de ideais, pensamentos, palavras, propósitos e ações. Esta elevação não se pode conseguir, se não tiver sua base que se edifica sobre a Lei do Amor que une todas as coisas por laços invisíveis de sua unidade originária, e as atrai mutuamente segundo suas recíprocas afinidades para uma finalidade harmônica.

Só o Mestre, com o estudo da música e da astronomia pode, portanto, chegar a compreensão perfeita desta Lei, que da ao espiritual (o Gênio em nós) o Centro do Poder e o domínio sobre toda gravidade ou atração material. E o Companheiro se converte em Mestre na medida em que a compreende e a pratica.

A compreensão da Lei da Gravitação abre a mente do Iniciado a Graça Divina, e o faz partícipe de todas as Bênçãos, das quais a Suprema Realidade é Causa e Fonte Perene: sintonizado com a Lei do Amor se estabelece numa atitude de “não resistência” e ativa e sincera benevolência; assim chega a mais perfeita *harmonia* com o universo, e se transforma no Canal para a manifestação da Graça, da Sabedoria e de todos os Bens, uma expressão sempre mais elevada e radiosa da Vida Una, da qual é Centro, Veículo e Instrumento.

Esta *transfiguração* do ser humano, esta verdadeira metamorfose, que foi equiparada a da crisálida em mariposa, é fonte e origem do gozo ou Beatitude: aquele contentamento íntimo, aquela felicidade inefável que pertence ao ser e que é manifestada em nosso interior, segundo logramos estar em harmonia com o *mais Elevado* em nós. O Iniciado que realiza em si mesmo, realiza a Grande Obra que é constantemente o objeto final de todos os Mistérios e segue sendo Meta Suprema da Maçonaria: adquire aquela Paz Sublime que se estende sobre ele como um Manto de Glória, o Verdadeiro “velocino de ouro” objeto da expedição dos Argonautas.

De modo que quando a letra G revele-nos individualmente em seu séptuplo sentido - prêmio e resultado do perfeito conhecimento dos anteriores - cessaremos de ser homens, havendo realizado o Supremo Magistério, que leva consigo a Conquista da Imortalidade sobre a terra e o domínio completo sobre toda a natureza.

TENTAÇÃO

Havendo concluído sua quinta e última viagem, o Companheiro se encontra novamente no Ocidente, entre as duas colunas, na mesma posição de seu primeiro ingresso na segunda Câmara, de onde não lhe dão a conhecer as responsabilidades e deveres implícitos no privilégio do grau de Companheiro, perguntando-lhe se acha disposto a cumprir com eles.

Como ao Aprendiz, se lhe dá o poder e plena liberdade de elevação, sendo esta uma característica da Maçonaria em todos seus graus. Esta elevação se acha muito bem simbolizada pelas mesmas colunas entre as quais se encontra, e que tem para ele o idêntico sentido que as duas mulheres, representadas aos dois lados de um jovem na sexta carta dos naipes conhecidos com o nome de *taro*.

A mulher que se encontra a esquerda, bela, sorridente e provocativa, é a imagem do prazer e da malícia, que se esforça em atraí-lo para seu lado; a que se encontra a sua direita, serena, nobre e austera, representa o dever, e o mostra a senda da virtude.

Em cada etapa importante de seu progresso, tem constantemente o iniciado que eleger entre duas sendas, enfrentando-se com a tentação de abandonar seus esforços para o melhor, suas aspirações superiores, seguindo o caminho em aparência mais fácil, que consiste em deixar livre curso a suas paixões e apetites, em vez de discipliná-los e sacrificá-los sobre a senda do Ideal que brilha diante dele, como a Estrela Flamejante da que acabamos de falar.

Esta eleição entre os dois caminhos, em que se apresenta em todos os graus da carreira iniciática, é especialmente importante para o Companheiro, que representa o segundo grau da iniciação, enquanto neste estado a eleição num ou noutro caminho depende do grau de *discernimento* individual, sendo constantemente o progresso efetivo proporcionado ao desenvolvimento desta importantíssima faculdade.

O JURAMENTO

Eleito o Reto Caminho da Verdade e da Virtude, lhe abre novamente a senda do Oriente, até que chegue diante da área, aonde tem que dobrar o joelho esquerdo, significando com ele o domínio adquirido sobre seus instintos e paixões conservando a direita em esquadro, como prova de retidão e firmeza de sua Vontade, para tomar somente a obrigação inseparável deste grau, na que permanece segundo a cumpre.

A primeira obrigação do Companheiro é um grau maior de discrição, do que se exigiu ao Aprendiz: não deve o Iniciado do Segundo Grau calar-se unicamente em presença dos profanos sobre os Mistérios da Ordem, senão que deve cuidar de não revelar aos Aprendizes o que não lhes pertence conhecer. Quer dizer, que não deve falar aos iniciados que se encontram em seus primeiros esforços, de coisas que não podem compreender e suportar e que, por conseguinte, melhor que proveitosas, lhes seriam inúteis e daninhas: “os lábios da Sabedoria devem permanecer mudos a não ser para os ouvidos da compreensão”, proporcionando o Iniciado suas palavras a exata medida do entendimento de quem os ouve.

A segunda e terceira se referem a seus deveres para com a Ordem e seus Irmãos, dos quais promete ser fiel e leal *companheiro*, defendendo-os, socorrendo-os e livrando-os, quando estiver em seu poder, de todo perigo que os ameace.

A quarta e a quinta são seus deveres de Maçom para consigo mesmo: esforça-se constantemente sobre a Senda da Verdade e da Virtude, servindo-se dos *instrumentos* dos quais aprendeu o uso, e mantendo-se fiel ao Ideal mais elevado de sua consciência.

A disciplina do silêncio que lhe exige, a semelhança dos pitagóricos, com os quais tem o iniciado deste grau especial parentesco, o fará exercitar-se mais proveitosamente no estudo e na reflexão, progredindo na Lógica que entre as sete artes, o Companheiro especialmente deve conhecer, exercitando-se além disso, por meio da mesma, na Aritmética e na Geometria.

O grau maior de fidelidade à Ordem que lhe exige um melhor e mais profundo conhecimento de seu caráter e finalidades, o farão na mesma um Obreiro útil, verdadeiro companheiro de seus iguais e Mestres, confirmando com um propósito mais definido e uma maior habilidade sua boa vontade de Aprendiz, e cooperando com eles na Grande Obra de Construção Universal que constitui o objeto social da Instituição.

Finalmente, seus esforços constantes para o Bem e sua fidelidade ao Ideal, com aquela firmeza e perseverança que o diferenciam do Aprendiz, são as qualidades que farão evidente a parte mais nobre e elevada de seu ser, fazendo brilhar sua *própria luz interior*, a chispa Divina que constitui sua Mônada Imortal, franqueando-se progressivamente o Caminho do Magistério.

O CORAÇÃO ARRANCADO

Antes que faltar a seu juramento, o Companheiro prefere “que lhe arranque o coração, destroçando-o e jogando-o aos abutres”. Que representa este *coração arrancado* e qual é o significado simbólico dos *abutres*?

Esta penalidade alegórica, a que o Companheiro se condena no caso de infidelidade as obrigações que acaba de contrair (ou seja, dos deveres implícitos em sua nova qualidade, aos que acaba de reconhecer) tem um notável parecer com o mítico castigo de Prometeu quem, depois de haver formado os primeiros homens, mesclando a terra com a água (a semelhança do Eloin hebraico), sobe ao Céu com a ajuda de Minerva (a Sabedoria ou Princípio da Inteligência) para roubar ali, o Fogo Sagrado, a Chispa Divina que devia animá-los, e a quem por tal atrevimento, condena Júpiter, o Deus Pai da Criação, a ser atado nas montanhas do Cáucaso, de onde um *abutre* tinha que devorar-lhe constantemente as entranhas. Vulcano (o forjador dos metais nas entranhas da terra) se acha encarregado da execução da sentença; enquanto Hércules (a Força Heróica que triunfa de todos os obstáculos) se converte depois em seu libertador, *matando o abutre*, ou seja o pensamento negativo que atormentava seu coração, condenado-lhe a um estado de impotência (as cadeias que o atam).

É evidente que deve existir uma analogia entre a pena simbólica do Companheiro e este relato mitológico.

O coração é, pois, o símbolo da Vida que anima ao organismo (formado de pó e de água, que dizer, produto da evolução natural dos elementos, desde baixo até em cima, desde o mais denso ao mais sutil) assim como do Centro Interior do homem; de seu ser, se sua consciência, de seu *eu*. Aqui se manifesta a Chispa Divina, o *fogo sagrado* que Prometeu, evidentemente símbolo do impulso evolutivo, arrebatava em sua ascensão ao Céu, e que representa o discernimento da realidade superior que constitui o Mundo Divino, com a ajuda do Princípio Inteligente que é a Mente Universal, emanada diretamente de Júpiter.

Enquanto o castigo não pode ser senão consequência da prostituição das mais elevada conquista do mesmo Impulso Evolutivo, o que produziu o homem e cuja natureza o diferencia dos demais seres da natureza fazendo que preponderem nele seus ideais (a Chispa Divina) sobre suas paixões, desejos e tendências materiais (a água e a terra) que constituem seu ser inferior.

Júpiter não representa neste caso nenhum princípio de despótica vingança, senão unicamente a Lei Impessoal, segundo a qual cada indivíduo se decreta seu próprio castigo, pela inobservância da mesma. E Vulcano, o executor material do castigo, representa aqueles *metais* ou qualidades ordinárias do homem, que o escravizam ou atam ao Cáucaso da matéria, até que não se amalgamam no *mercúrio* filosófico da iniciação.

O *abutre* é o símbolo do remorso interior e do anseio que se ainda no coração do homem, com a consciência de sua escravidão e o desejo de sua liberação, que se realiza pelos esforços do Iniciado, personificado por Hércules, quem, com a força que nasce com conhecimento de sua divina origem acode a libertar ao homem inferior, que é ele mesmo, da escravidão da matéria, destruindo a ilusão devoradora da Vida de seu coração.

O Companheiro, fiel a seu Ideal, deve, pois, cuidar de não prostituir sua vida entregando-se às paixões, fazendo-a pasto ou alimento de seus desejos ou instintos inferiores, a escravidão do que e o remorso consecutivo seriam seu próprio castigo. Isto é o que significa o juramento.

CONSAGRAÇÃO

Ao juramento segue a consagração que se faz, a semelhança da do Aprendiz, “pelos golpes misteriosos do grau” que nesta Segunda Câmara são, como é natural, diferentes.

O recipiendário segue ajoelhado, sob a abóbada de aço formada por todos os irmãos presentes, evidente símbolo de seus pensamentos mais elevados que convergem por cima de sua cabeça, representando a Força Impessoal da coletividade que se acha junto a ele por laços de irmandade, que o sustenta, o inspira e o incita a progredir, em proporção de sua mesma fidelidade ao Ideal e a Instituição.

Sua posição de joelhos não constitui de nenhuma maneira um ato de humilhação em relação com os presentes, senão tão só uma disposição adequada de *receptividade* em presença do Mistério que tem que cumprir-se nele neste momento culminante da Cerimônia, e do qual o Rito da Consagração é simplesmente a representação exterior.

Assim como o batismo da igreja pode de certa maneira comparar-se com a iniciação do Aprendiz, a cerimônia da confirmação tem analogia com a consagração do Companheiro: se trata, pois, de um ato solene e sagrado, no qual se administra ao recipiendário a *crisma* ou união que o consagra em definitivo como membro fiel da Ordem, depois de uma Aprendizagem no que adquiriu um melhor conhecimento dela e pôs a prova sua firmeza e perseverança manifestando a real natureza de seus propósitos.

Não pudera, portanto, receber-se devidamente a consagração numa posição distinta: as Forças Espirituais que convergem neste momento por cima de sua cabeça, representadas pelas espadas, devem receber-se numa especial disposição interior, a qual se acompanha uma adequada posição exterior, que ao mesmo tempo é símbolo da primeira.

Os golpes misteriosos que soam sobre sua cabeça e suas costas, representam o momento final na qual ditas Forças se manifestam do interior ao exterior e de cima para baixo, e vibra então em todo sua personalidade, desde a cabeça a ponta dos pés, um som novo, uma nova tonalidade, uma manifestação mais luminosa de sua Divina Essência: o Companheiro Maçom nasceu neste momento no recipiendário, que se converteu, por seus próprios esforços, em Obreiro e Militante da Inteligência Criadora, e que, com sua atividade construtiva ao serviço de seus semelhantes, tomará parte, com esta nova investidura, na Grande Obra da Construção Universal.

A COLOCAÇÃO DO AVENTAL

A participação na Grande de Obra, de uma maneira diferente da do Aprendiz, leva consigo a necessidade de colocar-se de modo distinto o “vestuário de trabalho” representado pelo avental: a lapela triangular levantada no primeiro grau, deve agora dobrar-se dirigindo sua ponta para baixo.

Enquanto o Aprendiz, por ser, inexperiente em sua obra de desbastar a *pedra bruta* de seu próprio caráter e dominar suas paixões, tem a necessidade de cobrir-se e proteger-se também na região epigástrica (que se considera como o assento dos instintos animais), esta necessidade desapareceu para o artista que se fez experto em seu trabalho e, aprendendo dominar-se, pode descobrir sem perigo tal região.

Além disso, enquanto o triângulo com a ponta voltada para cima representa o *fogo* ou o elemento ativo do *enxofre* que tem que despertar em si e que deve animá-lo, assim como suas mais elevadas aspirações nas que tem que fixar constantemente o olhar para sustentar-se e dirigir-se, cessa esta necessidade para o Companheiro, que se *estabilizou* firme e irrevogavelmente em seus propósitos e cuja fidelidade é sua qualidade mais característica. O triângulo dirigido com a ponta para baixo representa agora a *água* ou elemento passivo do sal, quer dizer, seu nível de *equilíbrio* ou condição de *igualdade*, que á a consequência da firmeza e da perseverança em seus primeiros esforços.

Representam assim os dois triângulos, respectivamente, o *prumo* e o *nível* que caracterizam os dois graus: a Força que o primeiro busca em sua Palavra Sagrada por meio de seu conhecimento do real; estabelecimento na consciência de tal Força, presente dentro de seu próprio coração, que com sua firmeza, fidelidade e perseverança, quer conseguir o segundo.

No centro da lapela deveria representar-se, neste grau, o pentagrama ou *estrela* que o simboliza, imagem do ideal ativo presente em seu ser que se acha estabelecido na condição de equilíbrio, firmeza e igualdade indicada pela lapela dobrada sobre o avental.

Está muito difundido também o costume de dobrar de um lado, neste grau, a parte inferior do avental, para indicar que o Companheiro não é, um maçom completo. Este costume, estranha por certo às corporações medievais das quais herdou seu simbolismo a Maçonaria Moderna, representa a nosso juízo uma superficialidade, por quanto o maçom completo ou Mestre, tem outros signos e emblemas que o diferenciam do Companheiro.

O Obreiro da Liberdade e do Progresso, Companheiro de seus Mestres e de seus semelhantes, deve levar como distintivo seu avental perfeitamente estendido, dobrando unicamente a parte superior para distinguir-se do Aprendiz, como símbolo de sua ativa participação no Trabalho Construtor que é o objetivo de nossa Instituição.

A MARCHA E O SIGNO

Aos três passos cuidadosamente medidos do Aprendiz, o Companheiro acrescenta outros dois distintos dos precedentes, o primeiro dos quais o faz desviar da região do Sul, e o segundo o reconduz em linha reta sobre seus primeiros esforços. Evidente alusão, esta, ao significado simbólico de sua quinta viagem, assim como a liberdade peculiar que caracteriza este grau, cuja conquista é consequência da *fidelidade* na prática da Arte.

Os cinco passos da marcha, que recordam suas cinco viagens, se repetem nos cinco golpes do toque da bateria, assim como no signo de reconhecimento. Aqui, os dois golpes sobre o dedo seguinte, indicam *um progresso*, na “capacidade de reconhecer a qualidade real” que se esconde sob a aparência exterior de uma pessoa - progresso que se fará sempre mais evidente com sua conduta na carreira maçônica.

Enquanto aos golpes, enquanto os primeiros mostram sua fé de Aprendiz, os dois seguintes, perfeitamente distintos dos anteriores, patenteiam *a esperança* que resulta de seu estabelecimento na Verdade.

O *signal* de Companheiro (um dos mais belos e profundos que possam imaginar) não é unicamente uma recordação do juramento, como nos diz em sua primeira e mais elementar acepção.

O *esquadro* e a *estrela* (símbolos de suas duas últimas viagens) se acham aqui perfeitamente combinados: o esquadro fecha com a mão direita, descida até o coração, indicando assim que o Companheiro não se limita a frear e retificar suas expressões exteriores, senão que sua capacidade de dominar-se se estendeu aos movimentos interiores da alma, no mesmo centro de sua vida, de seu ser e de sua individualidade. E a mão esquerda, aberta e levantada, forma aquele Pentagrama que os ocultistas consideram como o símbolo do poder, do domínio da Quintaessência sobre o Tetrado dos elementos, da Inteligência sobre os instintos e as tendências inferiores.

A mão esquerda levantada mostra também o Ideal sobre o qual se fixa constantemente a Inteligência, que é a parte naturalmente passiva e feminina de nosso ser. O esquadro na mão direita representa a Vontade, o lado ativo ou masculino do ser, constantemente dirigida para expressar fiel e retamente, em atividade construtora, os desejos e as aspirações mais nobres do coração.

O movimento que se faz com este sinal não representa, tão só o ato de “arrancar-se o coração e jogá-lo aos abutres”; mas também pode ver no mesmo o *esforço ativo* para realizar o ideal na vida e nas condições materiais, que caracteriza a atividade ou *trabalho* do iniciado e do artista.

Por conseguinte, o signo do Companheiro se refere principalmente a atividade laboriosa inspirada por um Ideal superior que deve caracterizar constantemente este grau em qualquer campo de sua vida, em todas as condições e circunstâncias em que sozinho possa encontrar-se. Este é o ensinamento constante que deve dar o signo do grau a todo verdadeiro Companheiro que aspira a realizar em si mesmo o privilégio de dita qualidade, esforçando-se constantemente em fazer que sua visão se expresse em todos os propósitos e ações, traduzindo-se numa vida fecunda e ativa e num trabalho sempre benéfico para seus semelhantes.

A PALAVRA DE PASSE

A palavra de Passe recorda ao Companheiro como se consegue o acesso efetivo do primeiro ao segundo grau maçônico.

O significado de *espiga* (símbolo de sua própria *maturidade*, assim como da fecundidade e utilidade de seus esforços) a relaciona evidentemente com os Mistérios de Eleusis, e é muito provável que seja simplesmente a tradução do grego *stachys*, que tem o mesmo significado e cuja a etimologia provem da raiz *sta* “estar” considerando-se a espiga como “o que está” ou “estacionado” na posição alcançada.

Em hebraico sua etimologia a relaciona com a raiz semítica SBL que significa “verter, derramar, espargir, proceder” da qual se deriva também *shabil* “senda, caminho”, e além disso, “espiga”, significa também “ramo, corrente de água”. Neste mesmo idioma, separando-se a palavra em suas duas partes, alguns lhe dão o sentido *de produzir a pedra preciosa*, sentido que indubitavelmente tem alguma importância para nós.

Também se considera como uma hebraização de Cibeles (que representa a terra fecunda e produtiva muito considerada nos Mistérios) ou do grego *sibo lithon* ou *sebo lithon*, respectivamente “cultivo ou honra a pedra” significado análogo ao segundo que temos encontrado em sua etimologia hebraica.

Finalmente, o latim *spica* tem o significado de “agudez, penetração” e se relaciona com o verbo *spécere* “mirar” (em sanscrito *spac*, com o mesmo sentido), relacionando esta palavra, em sua acepção latina, com a capacidade de ver, penetrar o fundo das coisas, própria do iniciado.

Assim, pois, esta palavra reúne em si os significados de “estabilidade produtora, caminho fecundo, amadurecimento elevado, produção preciosa, penetração clarividente”, que todos podem atribuir-se vantajosamente como símbolos do que significa realmente o místico *passo* do primeiro grau ao segundo.

A *espiga*, que se acha representada também no céu, como a estrela luminosa da constelação de Virgo, é o símbolo comum a todos os Mistérios da antigüidade, e por esta razão, como também por ser a etimologia mais direta da palavra, deve colocar-se em primeiro lugar entre os diferentes sentidos da Palavra de Passe do Companheiro. Além disso, que nos ritos eleusis, a encontramos, por exemplo, nos de Ísis, de Atil e de Mitra: espigas e papoulas adornam os cabelos da deusa egípcia, e na mesma religião católica a espiga tem seu papel na representação simbólica da Eucaristia.

Nos Mistérios de Eleusis, se comparava o iniciado com a espiga de trigo, produto fecundo da esforço vertical e da atividade laboriosa que impulsionou o grão escondido na terra a germinar abrindo-se seu caminho no sentido oposto a força de gravidade, em direção dos rios benéficos do sol, até que chega o momento em que este esforço ascendente se termina e *amadurece* num fruto que por si mesmo foi sempre emblema de utilidade e fecundidade: formosa imagem da vida humana, do homem que cresce por seus próprios esforços, com o objetivo de madurar numa atividade sempre mais útil e fecunda para seus semelhantes.

O estado de crescimento da planta, por meio do laborioso esforço vertical (no sentido oposto a gravidade de seus instintos e paixões) corresponde evidentemente ao estado de Aprendiz, que se transforma em Companheiro, quando se *estabelece* na altura alcançada, para poder amadurecer e frutificar.

A PALAVRA SAGRADA

O estudo da Palavra Sagrada nos leva a compreender mais intimamente em que consiste esta condição de *estabilidade* e firmeza que caracteriza ao Companheiro.

A Palavra Sagrada do Companheiro é a terceira pessoa do verbo hebraico KUN que significa “estar firme, fundar, estabelecer”. Dita palavra pode, pois, traduzir-se: “(El) estabelece ou estabelecerá, fundará, confirmará”. Relacionada com a Palavra Sagrada do Aprendiz, que significa “No *El* a força” e que denota a *Fé* numa Realidade ou Poder Superior, a Palavra do Companheiro tem evidente sentido paralelo e complementar de *Esperança*, reposta nesta mesma Força ou Realidade interiormente reconhecida, que se estabelece ou confirma efetivamente num resultado particular, objetivo ao mesmo tempo da *Fé* e da *Esperança*.

Em outras palavras, para chegar a ser verdadeiramente *operativa e fecunda* a simples *Fé* do Aprendiz, deve estabelecer-se interiormente uma condição de absoluta firmeza, sem que haja sombra alguma de dúvida ou vacilação, pois só com esta condição pode produzir os resultados milagrosos que se atribuem a *Fé* e que São Paulo enumera numa de suas epístolas.

O estabelecimento interior de uma condição de absoluta confiança no Poder da Realidade e em sua prática atuação em vista de um resultado particular, conduz naturalmente a “esperança” ou *expectativa* de sua efetividade.

Assim, pois, estas duas palavras, intimamente relacionadas uma com a outra, nos iniciam no reconhecimento e no uso efetivo do Poder Supremo, da Força Universal da Criação, que sempre procede e atua de dentro para fora, manifestando exteriormente, expressando em nosso próprio mundo objetivo as condições ou consecuições interiores que se *estabeleceram* em nosso foro individual.

As quatro letras de que se compõem esta palavra significam respectivamente: “m... - p... - m... - p...”. Este conjunto nos manifesta uma curiosa correspondência com o mesmo signo do Companheiro, que por sua vez pode mui bem interpretar-se em perfeita correlação com o sentido da Palavra Sagrada.

A *mão* aberta e levantada, formando com a *palma* o signo do Pentagrama, representa muito bem a Inteligência que se eleva interiormente nas regiões transcendentais do Mundo Divino, estabelecendo-se um íntimo contato ou *relação* entre a Consciência Individual e a Cósmica. O Fogo Sagrado de Prometeu, ou seja, a Força da Realidade, pode então descer no homem, estabelecendo sem seu coração, que se acha em atitude receptiva ou passiva (muito bem simbolizada por uma *mão* horizontal ou um *peixe*), aquela condição interior, da qual se converte em veículo ou instrumento na manifestação exterior. Pois, como disse Emerson: “Esta Energia não desce no homem, senão a condição de uma inteira possessão”.

TERCEIRA PARTE

FILOSOFIA INICIÁTICA DO GRAU DE COMPANHEIRO

Contestando por seus próprios esforços a pergunta: *De onde viemos?*, o Iniciado do primeiro grau é conduzido a reconhecer a Unidade do Princípio da Vida, a Dualidade de sua manifestação nos pares dos opostos e complementares e a Lei do Ternário que faz fecunda esta Dualidade e *reproduz* ao infinito essa mesma Unidade na Multiplicação da criação.

Ao iniciado do segundo grau, analogamente lhe compete buscar uma satisfatória resposta a segunda pergunta da Esfinge, *Quem somos?*, estudando o enigma de seu próprio ser sob o tríplice aspecto de “produto da evolução da natureza”, de “ser individual dotado de autoconsciência e razão” e de

“expressão ou manifestação direta da Vida única, para a qual tende constantemente com seu progresso”.

O Companheiro se enfrenta assim com o *gnothi seautón* (conhece-te a si mesmo!) dos iniciados helenos, e nesta contestação, que deve ser *individual* para que seja individualmente satisfatória, não pode oferecer-lhe nenhuma ajuda os diferentes dogmas e crenças, positivas ou negativas, pelos quais as religiões e ciências profanas só adormecem as consciências.

Como com a *peneira* em Eleusis se separavam os grãos amarelos do trigo (consagrados a Ceres) das negras sementes de papoula (consagradas a Morfeu), assim compete ao Companheiro discernir claramente entre a clara semente da Verdade que conduz a fonte de Mnemosine, a *memória* ou conhecimento da Realidade, cuja bebida se consegue a imortalidade e a negra semente do erro que conduz ao Letes, a Fonte do *esquecimento* que produz a morte da consciência, sepultada na ilusão da matéria (1).

A contestação a pergunta: *Quem somos?*, por meio da Lógica, da Aritmética e da Geometria, e sob o tríplice ponto de vista de que temos falado, o conduz naturalmente ao estudo das propriedades dos números quatro, cinco e seis e dos conceitos filosóficos e geométricos que se relacionam com os mesmos.

Meditando sobre estes números e relacionando-os com as propriedades de seu ser, à luz dos conhecimentos adquiridos com os três primeiros, por meio daquele discernimento que *mede e determina* constantemente o progresso iniciático, chegará a orientar-se neste Caminho (simbolizado por cinco viagens) e descortinando as trevas da aparência, que como o véu de Ísis, escondem a Verdade ao entendimento profano, alcançara o Oriente, de onde resplandece a Estrela luminosa e, em seu centro, a Letra sagrada, *fonte* dessa Luz.

Porém este resultado não se consegue lendo muito sem meditar, nem escutando sem refletir, senão escutando e lendo com “discernimento”, e *aprendendo a pensar por si mesmo*, exercitando-se só, constantemente no uso de seus próprios *instrumentos* mentais, com os quais fará perfeitamente justas, planas e polidas as seis faces do Cubo simbólico de sua Individualidade.

(1) Esta relação da Verdade com a *memória* e do erro com o *esquecimento* de nossa própria natureza divina, está muito claramente ilustrada pela palavra que se usa em grego para expressar a Verdade, *aletheia*, literalmente “não esqueço”.

O NÚMERO QUATRO

Assim como o número um, simbolizado pelo ponto, indica o espaço potencial sem dimensões, e o número dois, determinando a linha, mostra a primeira dimensão, o número três, formando com o triângulo a primeira figura plana, determina, junto com o plano, o espaço bidimensional. Analogamente, o número quatro constitui com as três linhas e os três planos que se encontram no vértice de um ângulo triedro, o espaço tridimensional de nossa experiência objetiva.

Assim, pois, enquanto os três primeiros números se referem mais especialmente aos Princípios que governam o Universo e a Origem Primeira das coisas (Mundo Divino no qual existe em princípio e do qual procede e se desenvolve desde o interior ao exterior toda manifestação objetiva) o número quatro nos introduz no reino da experiência sensível, determinando as três (ou seis) dimensões do espaço.

Os primeiros quatro números determinam, além disso, as quatro figuras fundamentais do simbolismo hermético: o círculo, formado por todo ponto isolado convertido em centro de atividade, manifestando-se desde de dentro para fora: a *cruz* formada por duas linhas (duas manifestações duais ou bipolares da Unidade) que se conjugam ou seccionam retamente; o *triângulo* determinado por três pontos ou três linhas que produzem seus três ângulos ou aspectos; o *quadrado*, que com quatro pontos e quatro linhas, determina e circunscreve igualmente quatro ângulos. E a soma dos quatro forma o número *dez*, que não nos compete examinar aqui.

O TETRAGRAMA

As quatro figuras anteriores tem uma evidente correspondência com as quatro letras do *tetragrama*, nome hebraico da Divindade que não se permitia pronunciar, e cuja perfeita vocalização não pode ser conhecida senão pelo *iniciado* em sua compreensão.

A primeira letra, *iod*, a mais pequena do alfabeto hebraico, corresponde evidentemente com o *ponto*, origem e centro de todo círculo, ou seja, com princípio Originário de toda manifestação.

A segunda, *he*, representando uma expiração, corresponde com a manifestação, que conduz aos dois Princípios, complementares ou antinômicos, que integram o ângulo e a cruz.

A terceira, *vo*, formada pelo ponto que desce em linha vertical, mostra a Unidade que se produz e chega criativa no Binário (indicado por *he*) produzindo-se assim o Ternário ou triângulo, que representa as três propriedades universais da atividade, da inércia e do ritmo. É o *ponte* ou nexos que conecta a Dualidade da manifestação com o Princípio Originário e a faz fecunda e produtiva - o Amor que une ao Pai e a Mãe, engendrando o Filho.

A quarta letra, que é um *he* duplicado, expressa a manifestação visível, originada pelos dois Princípios que constituem a manifestação latente, ou seja a Cruz que se concretiza e realiza em forma contingente no quadrado.

Chegamos assim a compreender o sentido da “Tétrada, fonte perene da Natureza”, da que nos fala Pitágoras através dos *Versos Áureos*, como do Supremo Mistério da criação.

As quatro fases criadoras representadas nas quatro letras do Nome do Ser criador, correspondem gramaticalmente: ao *sujeito* de uma preposição (caso nominativo do nome ou pronome); o *atributo*, que denota a atividade ou maneira de ser própria do sujeito (verbo, ou bem adjetivo que, por sua qualidade, denota e implica a tal atividade); ao *objeto* dessa atividade ou maneira de ser (complemento direto expresso pelo caso acusativo); ao *complemento indireto*, de termo ou relação, que especifica as circunstâncias da ação.

Estes quatro elementos da oração aparecem com toda clareza no primeiro versículo do Gêneses:

1. *Deus* (sujeito).
2. *Criou* (atributo).
3. *o céu e a terra* (complemento direto).
4. *no principio* (complemento indireto).

OS QUATRO ELEMENTOS

Se correspondem também as quatro letras do Nome Sagrado com os quatro elementos, representados simbolicamente pelos quatro braços da Cruz e formados pela polarização do *mercúrio*, Akasha ou Quintaessência, nascida da união do Princípio Masculino ou Ativo (o *enxofre*) com o Princípio Feminino e Passivo (o *sal*), que correspondem, respectivamente, com a linha vertical e horizontal da Cruz.

A polarização do mercúrio (o centro da cruz) segundo a linha vertical do enxofre, produz respectivamente o fogo ou princípio de expansão (que origina a força centrífuga e toda forma de irradiação), como polaridade positiva e o ar o princípio de contração como polaridade negativa (que origina a força centrípeta e toda forma de movimento rotação ou translação). A mesma polarização, segundo a linha horizontal do sal, produz a água ou princípio de umidade, união ou solução em seu aspecto positivo, e a terra ou princípio do seco, coesão e separação em seu lado negativo; a primeira é, por-tanto, a força que dissolve em si e reúne as substâncias - formando-se ou nascendo assim sem seu seio a vida orgânica, enquanto a segunda desagrega e separa, com sua mesma coesão, as diferentes substâncias, solidificando-as e individualizando-as, como aparece no processo de cristalização.

Os quatro elementos assim diferenciados aparecem em cada uma das quatro triplicidades, das quais, segundo a Astrologia, resulta formando o *Zodíaco*, *circunscrição* ou expressão circular de todo universo.

No homem, encontramos uma análoga polaridade, correspondendo o Fogo ao peito e ao coração que produz o calor vital, o Ar e as pernas que movem o organismo, a Água ao lado direito e a função assimilativa, tipificando no fígado, a Terra no lado esquerdo e na função dissimilativa, evidenciada na parte descendente do intestino que se encontra de tal lado. Simbolicamente a mão direita corresponde ao princípio que liberta ou *dissolve* e a esquerda ao que ata ou *coagula*.

No homem (ou microcosmo), como na natureza (ou Macrocosmo), a essência Primordial (*una e trina*), resulta naturalmente *crucificado* pelos quatro elementos, assim como pelas quatro direções do espaço que tradicionalmente lhes correspondem:

- O Oriente, assento de Agni e de Prana (a função respiratória), que corresponde com o *fogo*;
- O Ocidente, assento dos Martus e de Apana (a função dissimulava), que corresponde ao *ar*;
- O Sul, assento de Indra e de Viana (a função formativa), que corresponde com a *terra*;
- O Norte, assento de Varuna e de Samana (a função assimilativa), que corresponde com a *água* (1).

(1) Estas correspondências, segundo a tradição oriental, se encontra no Maitrayana Brahmana Upanishad.

O QUATERNÁRIO

Os quatro elementos dos que acabamos de falar definem e circunscrevem o reino ou domínio do Quaternário, simbolizado pelo quadrado, que naturalmente representa a *quadratura* de todo *círculo*, ou ciclo de manifestação.

Este quaternário é aquele que delimita e constitui toda a natureza, da qual os elementos constituem os princípios ativos, que resultam das três *qualidades* (Rajas ou Enxofre, princípio de *atividade*, Tamas o Sal, principio de *Resistência*, Satva ou Mercúrio, princípio *rítmico*), e no que estas operam. São estes quatro elementos, junto com os quatro pontos cardeais e as quatro dimensões e instesianas, os quatro braços de Brahma, a Divindade Criadora, e a *cruz* que determina se faz, por

seu movimento ou atividade cíclica, *resvala e roda*, aparecendo tal como no Zodíaco: a Roda da Fatalidade que ata os seres, na medida de sua inconsciência, ao determinismo aparentemente cego da Lei de ação e reação; e a Roda da Fortuna, quando se fazem *livres*, manifestando sua consciência e livre arbítrio.

Relacionando os elementos com as estações, podemos fazer corresponder o Ar com a Primavera, que estimula os ventos, o Fogo com o Verão, quando o sol resplandece com mais força e plenitude, a Água com o Outono, que manifesta a produtividade que caracteriza esse elemento, e a Terra com o Inverno, quando a vida se retira e descansa no seio deste elemento, preparando-se para um novo ciclo de crescimento e produtividade.

No mundo moral, o Fogo corresponde naturalmente com a *vontade* e a imaginação; o ar com o *pensamento*, o juízo e a reflexão; a Água com o *sentimento*, a emoção e a sensação; e a Terra com a *percepção*, o sentido prático e a ação. O domínio do primeiro faz aos homens enérgicos, entusiastas, violentos e dominadores; o segundo os faz inteligentes, amantes do estudo e buscadores da Verdade; o terceiro elemento os faz particularmente sensitivos e impressionáveis; o quarto os fazem industriais e laboriosos, tenazes e perseverantes. O fogo se acompanha, além disso, com o temperamento bilioso, o ar com o temperamento sangüíneo, a água com a tendência linfática e a terra com o temperamento nervoso, aspiração para o mais nobre e elevado.

Correspondem, além disso, com os quatro elementos - o mesmo que com os quatro Vedas, os quatro Evangelhos e as quatro Verdades - os quatro *animais* sagrados que constituem a Cruz Zodiacal, formando a Esfinge e a Coroa dos Magos:

O Touro, iluminado por Aldebaran, representa a terra, fecunda e produtiva;

O Leão com Régulo, que representa o fogo prepotente, atrevido e voraz da paixão;

A Águia com Antares, indica a água exaltada como aspiração para o mais nobre e elevado;

O Filho do Homem, que resplandece por baixo de Altair, representando o ar que confere a consciência e o conhecimento da Verdade.

O QUADRADO

Assim como o triângulo é a expressão da trindade, o quadrado é a expressão do quaternário. O primeiro define e circunscreve o Mundo Divino; o segundo representa e sintetiza em si mesmo a Natureza. O mesmo Zodíaco, sínteses das influências cósmicas, pode representar-se subdividindo em triângulos o espaço compreendido entre dois quadrados, formando o conjunto a figura conhecida com o nome de “planta da nova Jerusalém”, usada pelos astrólogos medievais para seus horóscopos.

Um quadrado foi sempre considerado com a imagem de um Templo perfeito, e com um quadrado se representa em geral o Templo de Salomão. O Templo Maçônico, imagem simbólica do Universo, é um *quadrilongo* estendido do Oriente ao Ocidente (ou seja, na direção da luz) e compreendido entre o norte e o sul. Todos os templos da antigüidade, e especialmente os que em sua construção levam o selo de uma mão mestra, estão caracterizados por uma orientação semelhante.

O quadrado, é pois, depois do círculo, a mais perfeita entre as figuras planas, por ter quatro lados iguais e em perfeita esquadria uma com a outra, reproduzindo seus quatro ângulos os 360° da circunferência; por esta razão se fala da quadratura do círculo, porém não de sua triangulação. Esta perfeita *retidão* de todos seus ângulos é a que permite calcular sua superfície pela simples multiplicação de seus lados.

A PIRÂMIDE

A união do ternário com o quaternário realiza um perfeito quinário na pirâmide, que constitui o plano arquitetônico dos grandiosos monumentos que nos voltam a antigüidade egípcia, mudas testemunhas da Sabedoria Construtora, da que podemos nos gabar, ser como maçons, os herdeiros. Assim como o *delta* (ver a este propósito o “Manual do Aprendiz”) pode considerar-se como a projeção do tetraedro sobre um de seus lados, assim também *o quadrado como o ponto central*, símbolo da Loja Maçônica, é analogamente a projeção de uma pirâmide de base quadrada.

Na Pirâmide vemos o ternário divino que se realiza em cada uma de suas faces, correspondentes aos quatro elementos, cada um dos quais aparece em sua *triplicidade* (segundo as três *gunas* ou qualidades de atividade, inércia e ritmo) exatamente como o Zodíaco. As quatro linhas que unem as faces, mostram as qualidades comuns aos elementos de dois em dois: masculinos e femininos, positivos e negativos; e as quatro linhas inferiores representam os quatro elementos no mesmo plano (o plano do Templo Perfeito), em correspondência com as quatro direções cardinais.

O vértice superior indica a *Quintaessência*, o quinto princípio ou elemento, que corresponde ao Verbo Inteligente manifestado na Loja, da qual se originam os quatro e na qual desaparecem; e também o Princípio Originário do Universo, “por meio do qual todas as coisas foram feitas”.

A Loja é por consequência, com a Pirâmide, uma representação perfeita do Universo em seus princípios ou elementos constituintes. Além disso, é o emblema de toda construção perfeita e de toda perfeita Obra Humana ou Social. Por esta razão a *pedra cúbica*, símbolo da *perfeição* em si mesma, se só fazer terminar em uma pirâmide. E uma pirâmide é também o emblema de toda perfeita organização social, na qual cada membro ocupa seu grau e o lugar que lhe corresponde, cumprindo assim com seu dever e sua missão na vida.

Também o triângulo deve seu valor especial ao fato de formar parte de um quadrado. Imagem da *pedra cúbica*, e o plano ideal de todos os edifícios, o quadrado é, portanto, o emblema de toda realização e de toda Obra Perfeita. Nossos “aventais” tem a forma de um quadrado; quadrangular é a Ara no centro de nossos Templos; e a mesma Loja se representa por um quadrado com um ponto no meio, que corresponde a Ara e representa o Verbo, o elemento vital animador que caracteriza a atividade maçônica dentro do domínio dos quatro elementos, ou seja de suas quatro direções cardinais.

A QUINTESSÊNCIA

Este quinto elemento, superior aos quatro primeiros (a Quintaessência ou *mercúrio filosófico* dos alquimistas) nos faz passar do quaternário ao quinário, e do domínio da matéria ao da Vida e da Inteligência. Foi, pois, no quinto dia, ou seja, pela obra deste quinto elemento quando, segundo o Gênesis, apareceram os animais sobre a terra.

Falando dos quatro elementos, os temos feito originar do *mercúrio*, que representa a Quintaessência ou quinto elemento, por efeito de sua dupla polarização nos quatro braços da cruz; o mesmo *mercúrio* teve sua origem na união do *enxofre* com o sal, representados pelas duas linhas vertical e horizontal que concorrem a formá-la. Este “mercúrio” (que não deve confundir-se de nenhuma maneira com o metal do mesmo nome) corresponde, por conseguinte, ao centro da Cruz, que é o ponto de intercessão dos dois Princípios ou elementos primordiais, que levam na simbologia hermética o nome do Sol e da Lua, além disso de ser o ponto de origem dos quatro elementos ordinários.

Além de ser o princípio neutro dos quatro elementos formativos da matéria e, por conseqüência, de toda manifestação material, o *mercúrio* filosófico, também representa a vida que se funde em tal elementos, além da energia que os anima, o princípio inteligente que se expressa em dita *vida* e realiza no homem suas possibilidades superiores.

Há pois que considerar cinco fases distintas na manifestação da mesma Quintaessência: primeiro, a de sua origem; segundo, como origem dos quatro elementos; terceiro, a *energia* que os compenetra, permanecendo o centro estático equilibraste dos mesmos; quarto, a *vida* que os anima, e quinto, a *inteligência* que governa a vida orgânica e se serve da mesma para suas possibilidades superiores.

A ORIGEM DA VIDA

A origem da vida se acha assim descrito no fragmento hermético conhecido com o nome de *Tábua de Esmeralda*:

“O Sol é o Pai, a Lua é a Mãe, o Vento o levou em seu seio, a Terra é a Nutris:

O Pai de tudo, o *Telesma*, esta aqui: sua força inteira é convertida em terra”.

O Sol e a Lua, se referem respectivamente ao enxofre e ao sal, assim como a suas manifestações positivas no fogo e na água; o ar, princípio negativo do enxofre, se converte, mediante o alento, no veículo do fogo vital e da mesma vida, e finalmente a terra, assinalada pela água materna, que mantém as características do organismo e sua individualidade, concorre a dar-lhe forma e consistência.

Enquanto ao princípio da vida (o “Pai de tudo ou “Telesma”) é o mesmo *mercúrio* nascido pela união do *enxofre* com o *sal*, ou seja do Sol com a Lua.

Seria difícil condensar em tão poucas palavras uma sabedoria mais profunda: os enigmas dos quais a ciência profana busca em vão a solução, se acham resolvidos desde séculos e milênios para os *iniciados na compreensão* da natureza íntima das coisas, que dizer, para os que não se contentam com um estudo, indagação e observação puramente exterior, senão buscam a *essência* metafísica da aparência material ou fenomenica, e por meio de sua inteligência ingressam no Santuário da *Natureza Naturante*, da qual a *Natureza Naturada*, estudada pela ciência ordinária, é simplesmente a manifestação exterior ou visível.

OS CINCO TATVAS

Os quatro elementos, em união com a Quintaessência, formam os cinco *Tatvas* ou *Bhutas*, os princípios elementais da matéria física, segundo a filosofia tradicional da Índia: *Akasha*, *Vayu*, *Tejas*, *Apas* e *Prithivi*, que se traduzem ordinariamente como Éter, Ar, Fogo, Água e Terra. Não há necessidade de dizer que estes princípios não devem confundir-se com suas manifestações materiais, ou sejam os estados da matéria, que se tomam unicamente como símbolos dos mesmos.

Deles os Upanishads nos falam nos seguintes termos: “O universo é originado pelos *tatvas*, sustentado pelos *tatvas*, e se dissolve nos *tatvas*”. Estes *tatvas* tem, pois simultaneamente valor e importância como princípios cósmicos, energéticos e vitais, enquanto produzem a matéria, a anima com suas energias (emanando cada um deles uma particular *modalidade vibratória* em seus átomos e moléculas), ao mesmo tempo que presidem as diferentes funções orgânicas e regram as manifestações da vida em seus diferentes aspectos.

Akasha, o princípio etéreo do “espaço”, da a cada coisa, forma ou expressão da vida, o lugar correspondente para sua manifestação: é o veículo do Verbo ou do som (*Shabda*), em sua essencial primordial. Sua vibração se acha representada por um círculo cheio de pontos, imagem do espaço, cuja a existência se relaciona com sua manifestação. Preside os órgãos do ouvido e da voz e a função orgânica diretora da vida conhecida com o nome de *Udana*, que regula a saúde e a enfermidade. É amargo e sua cor é o branco ou índigo escuro.

Vayu (etmológicamente “vento”) é o princípio do “movimento” e da locomoção. Sua vibração se acha representada por uma esfera, quer dizer, pela forma que naturalmente se produz em toda matéria em movimento. Preside a função orgânica conhecida com o nome de *Prana* ou respiração, o órgão do tato, as mãos como órgãos de ação e todo movimento e atividade do organismo. Sua cor é azul ou verde e seu sabor ácido.

Tejas ou *Agni*, o Fogo, é o princípio de “expressão”, veículo da luz e do calor. Sua vibração representa com um triângulo, enquanto procede para cima e forma ângulos agudos. Preside a função orgânica de *Samana* ou nutrição, o órgão da vista e dos pés, como órgãos da ação. Sua cor é vermelho e seu sabor picante.

Apas (as águas) é o princípio de solução. Sua vibração se irradia para baixo e está representada por um semicírculo ou semi-lua, manifestando o movimento ondulatório próprio do líquido elemento, que se move com toda facilidade, sem perder nunca sua unidade. Preside a função conhecida como *Viana* ou formação, o órgão do gosto e o reprodutor. Sua cor é branco prata ou violeta e seu sabor salgado.

Prithivi é o princípio de coesão, produzindo a solidez característica da terra neste estado. Se representa portanto por um quadrado que corresponde a forma particular de sua vibração, que procede por ângulos retos. Preside a função vital *Apana*, ou excreção, ao olfato entre os sentidos, e ao ânus entre os órgãos ativos. Sua cor é amarelo e seu sabor doce; seu som, grave.

Cada um destes cinco elementos deve ser considerado como a expressão física de um princípio (ou modalidade vibratório-formativa) metafísico ou mental, que o corresponde, chamado *tanmatra*. E isto a sua vez não seriam outras coisas senão diferenciações do primeiro princípio universal da objetividade, chamado *Praktri* ou *Shakti*, sendo este em sua natureza essencial simplesmente o poder de *Purusha* ou *Shiva*, o princípio universal da *consciência* ou subjetividade de todo o existente.

A ROSA E A CRUZ

Também se relacionam com o quinário o símbolo da Rosa e da Cruz, emblema conhecido de um importante grau superior. A rosa - o quinto elemento, e em si mesma, por suas cinco pétalas, um quinário ou o pentagrama -, representa a vida nascida na cruz dos quatro elementos que forma a matéria, aos que anima com suas folhas (a vida vegetativa) que se estende sobre os quatro braços da cruz.

A rosa na cruz constitui uma perfeita união do quinário com o quaternário, ou seja dos cinco elementos que expressam a vida (ou *tatvas* dos que acabamos de falar) com suas manifestações materiais que integram o mundo dos objetos. Como pentagrama em meio da cruz, a rosa representa ao homem crucificado ou expresso nos quatro elementos materiais, e seus cinco sentidos, por meio dos quais se manifesta e obra sua inteligência, no reino de tais elementos. E também a Natureza que

expressa sua quántupla potencialidade criadora dentro das quatro direções ou *dimensões* do mundo fenomenico.

Quanto ao significado iniciático e místico do símbolo da Rosa e da Cruz, nos reservamos examiná-lo detidamente no VIII Manual desta série.

OS CINCO SENTIDOS

Cumpre-nos dizer algo, todavia, sobre os cinco sentidos e as cinco funções ativas, simbolizados uns e outros nas cinco pontas do pentagrama e representados, respectivamente, em nove e sete órgãos distintos. São estes, evidentemente, com as cinco funções vegetativas (respiração, digestão, circulação, expressão e reprodução) as mais características expressões do quinário, que é o número que preside a todas as manifestações da vida, especialmente animal, que se encontra no homem sob o domínio de um princípio superior.

A observação da “vida psíquica” dos animais em suas fases mais elementais, nos leva a reconhecer como primeiro sentido a percepção indistinta de uma presença em geral distanciada e relacionada com o espaço, para o qual se formou um órgão cujo o desenvolvimento pode mui bem ter sido anterior a capacidade de mover-se.

Paralelamente com este órgão se desenvolveu a capacidade de expressar-se por meio de ruídos instintivos que evoluíram finalmente na voz humana.

O órgão da vista nasceu depois, como evolução daquela sensibilidade a ação da luz, que é muito evidente também no reino vegetal, manifestando-se a ação dos diferentes raios em distintos pigmentos que se desenvolveram sob sua influência, análogos aos que se encontram também em nossos olhos.

Paralelamente a vista se desenvolveu a capacidade de *mover-se* ou estender-se em determinada direção, faculdade que manifestam também as plantas, crescendo em direção a luz, que estimula seu movimento.

O órgão do tato, apesar de que pareça o mais material, não é o primeiro na escala evolutiva, estando relacionado com a faculdade de por-se em contato e, por onde, de “ir” em determinada direção, impulsionando-o a ele uma percepção anterior de diferente natureza. Este órgão é um complemento evidente da vista e do ouvido, enquanto por meio do mesmo nos é dado assegurar-mos da realidade física ou tangível do que vemos ou ouvimos.

Assim como o órgão da vista impulsiona naturalmente a tocar o que um vê, desenvolvendo as mãos em sua dupla função de órgãos ativos e sensitivos (função especialmente característica do homem) e os pés para mover-se na mesma direção, assim também esta capacidade fez evolucionar o gosto, ao que podemos considerar como uma espécie de tato refinado que nos permite reconhecer por seus sabores as diferentes substâncias, em sua relação de afinidade com as substâncias que integram nosso organismo, distinguindo especialmente as que melhor podem aproveitar-se neste como materiais de construção.

Os órgãos de geração tem uma manifesta afinidade como o tato e o gosto, prevalecendo o primeiro dos dois (como expressão dos elementos masculinos fogo e ar, derivados do enxofre) no órgão masculino, e o segundo (expressão análoga dos elementos femininos água e terra, derivados do sal) no feminino.

Enquanto o sentido do olfato, ou seja a capacidade de reconhecer a natureza das substâncias difundidas no ar, é um dos últimos na escala evolutiva, já que tem um desenvolvimento distinto unicamente nos animais superiores, paralelamente com a função respiratória, e é provável que se ache destinado a refinar-se, especialmente na espécie humana. A faculdade ativa que o corresponde, a de emitir odor, é evidentemente a mesma função excretora relacionada intimamente com a faculdade genésica, como aparece também naquelas plantas e alguns animais (como o cervo e o almisqueiro) que a desenvolvem em forma mais atrativa, tanto que se caçam para apossar-se de seu perfume.

A INTELIGÊNCIA

Por meio dos sentidos se desenvolve a inteligência (o sexto sentido ou “sentido interior”, chamado Buddhi na terminologia indica) que corresponde ao centro do Pentagrama, ou seja a consciência individual e a faculdade de perceber e reproduzir interiormente os objetos da sensação. Com sua Inteligência, e segundo o desenvolvimento da mesma, o homem chega a conhecer mais ou menos intimamente todas aquelas coisas que por meio dos mesmos sentidos se lhe revelam.

Os hindus fazem corresponder a cada órgão da sensação ou *sentido exterior* uma análoga faculdade ou *sentido interior*, por meio do qual se efetua a percepção correspondente. Portanto nossa mente pode representar-se por uma estrela de cinco pontas que indicam seus cinco sentidos, enquanto ao centro permanece a consciência com sua tríplice faculdade de reconhecer as percepções, reconhecer-se a si mesma e reconhecer as relações entre todas estas coisas.

Esta faculdade é a da inteligência em seus diferentes graus de desenvolvimento, que caracterizam um diferente grau de elevação ou evolução sobre o reino animal.

Primeiro existe a simples faculdade de perceber por meio dos sentidos, as coisas exteriores formando-se um “reflexo” interior que reproduz a sensação como *percepção*. Várias percepções que se referem a um mesmo objeto se condensam em um *local*, ou seja na recepção interior das mesmas como unidade, que origina a *memória*. Estes dois primeiros estados se produzem no homem igual que nos animais.

Vem depois a faculdade de emitir *conceitos* concretos, reunindo-se ou sintetizando-se numa só imagem interior vários *locais* da mesma natureza, ou que tem algo em comum entre eles. Assim, por exemplo, depois de ver vários cavalos, se forma um único conceito geral do cavalo que não corresponde a nenhum destes cavalos particulares, senão que os sintetiza e os compreende todos em uma única idéia; o mesmo pode dizer-se de todas outras coisas. Esta faculdade é própria do homem e tem sua expressão natural no linguajar articulado que manifesta as *idéias* e que se diferencia portanto do linguajar não articulado dos animais que expressa unicamente as *impressões*.

O mesmo linguajar mostra o desenvolvimento desta faculdade nas diferentes raças. Assim, por exemplo, o fato de alguns povos tenham uma palavra para designar a vaca branca, outra para a vaca negra e outra para a vaca de cor, sem ter uma só palavra genérica para designar a vaca, mostra que lhes falta a idéia ou conceito geral de “vaca”. Os povos intelectualmente mais evoluídos o são também e sobre tudo na faculdade de expressar em seus idiomas conceitos e idéias gerais, em preferência dos conceitos e idéias particulares, considerados como aspectos daqueles. Isto explica também a natural prioridade do *politeísmo* sobre o *monoteísmo*, toda vez que a imaginação predomine sobre a reflexão e a razão, e como aquele sempre prevalece entre as massas populares, de

uma forma ou de outra, e só uma exígua minoria pode chegar a formar uma idéia mais universal da Divindade como *sínteses preantimônica* e Unidade Transcendente e Absoluta do todo existente.

As primeiras duas destas faculdades, a *percepção* e a *memória*, são primordialmente subconscientes, em que constituem a base necessária das faculdades propriamente conscientes. A terceira, a *imaginação* ou *concepção*, constitui o laço de união e ponte, por assim dizer, entre a consciência e a subconsciência: sua atividade caótica ou semi caótica nos sonhos e no estado de hipnose, nos faz ver com toda claridade até onde pode chegar, toda vez que não seja regulada pela consciência e dirigida pela razão.

A RAZÃO

A Inteligência se desenvolve e evolui com a faculdade de abstrair e generalizar, procedendo constantemente do particular para o geral, da visão concreta a percepção abstrata, do símbolo a realidade que nesta se revela, do domínio da forma ao da *essência*, e do fenômeno a sua causa, ou seja do Ocidente ao Oriente simbólico.

Assim chegamos ao quarto e quinto grau que representam a evolução do poder intelectual, caracterizados respectivamente pela capacidade de conceber idéias gerais e abstratas. Por exemplo, da idéia particular do cavalo e das outras idéias relativas a seres semelhantes, evoluciona a idéia geral de “animal”, e desta, a sua vez, a idéia abstrata da “vida”, comum a todos os seres manifestados, sem aplicar-se particularmente a nenhum deles.

Com esta faculdade de comparação e abstração, se acompanha a de formar juízos das coisas, ou seja, a razão que diferencia a inteligência humana da inteligência puramente instintiva dos animais.

Razão (do latim *ratio*) é uma palavra que tem originariamente vários sentidos, sendo entre eles fundamental o de “divisão, parte ou medida” que implica exatidão e precisão, aplicando-se por extensão àquela faculdade da inteligência por meio da qual apreciamos devidamente as coisas e julgamos retamente delas e de suas recíprocas relações.



De acordo com a simbologia maçônica, a Razão vem a ser o *esquadro* ou norma que se une a “faculdade compreensiva” da Inteligência, representada pelo compasso. A união perfeita destes dois instrumentos ou faculdades conduz ao homem a Verdade, representada pela letra G que em união com a estrela, se encontra entre o esquadro e o compasso.

A *lógica* é o caminho que nos conduz a essa Verdade, enquanto, por meio do *silogismo* ou união dos dois discursos ou juízos, sacando dos mesmos uma determinada conclusão, forma aquela *cadeia* ou concatenação inteligente que, como a cadeia de união de nossos templos, parte do Ocidente simbólico para conduzir ao Oriente da Realidade, ou seja a uma perfeita compreensão dos Princípios que governam as coisas visíveis.

A INTUIÇÃO

Sem dúvida, o poder da Inteligência e da Razão se acham constantemente relacionados com o desenvolvimento da faculdade de abstração, sendo seus limites individuais os mesmos limites alcançados no indivíduo por essa faculdade.

A aritmética e a geometria, sobre as quais o Companheiro há de exercitar-se com o auxílio da lógica, se referem principalmente a disciplina das idéias abstratas e universais, só por meio das quais podemos chegar ao relacionamento da Verdade que forma a meta de nossas aspirações filosóficas.

Neste caminho e mediante seu exercício chegamos a um ponto no qual os instrumentos ordinários da Inteligência *cessa de servir-nos*. Aqui muitos se desorientam, e vendo inúteis os meios de que se serviram proveitosamente para alcançar este estado se retiram decepcionados, na crença de que não é possível prosseguir adiante.

Efetivamente, todas as *regras* usadas até agora se confundem as línguas em certo ponto da construção da Torre de Babel, de acordo com a lenda bíblica, já que é certo que nenhuma medida humana pode alcançar e medir o infinito. Assim, se considera este limite, marcado pela mesma Aritmética e a Geometria, como o *non plus ultra* do conhecimento humano, e se põe aqui as barreiras entre o conhecível e o incognoscível.

Porém onde não chega a razão alcança o poder da Inteligência, a faculdade destinada no homem a formar a mística escada que une a Terra com o Céu. uma nova faculdade tem que manifestar-se e desenvolver-se aqui, constituindo o sexto grau na evolução da Inteligência: a faculdade da intuição. Enquanto todos os esforços cumpridos até agora procedem *de baixo para cima*, a Intuição vem de *cima para baixo*, como uma nova luz ou compreensão sintética e imediata, que conduz a superar os limites fixados por Hércules da Inteligência Racional: discernindo esta Luz pode assim lograr e estabelecer-se no sexto grau da mística escada, adquirindo uma nova consciência *da realidade* de si mesmo e de todas as coisas.

Em outras palavras, o poente simbólico entre a Geometria e a Gnosés, significadas pela letra G, pode e deve franquear-se por meio do Gênio individual, que nos guia neste caminho, e que Dante em seu poema imortalizou como Beatriz, ou seja *a intuição* da Realidade Supra-sensível e por onde beatífica, que guia ao homem aonde cessa o poder da Razão simbolizado por Virgílio, uma vez que temos chegados com esta ao extremo limite que a Inteligência Racional pode alcançar.

AS CINCO ORDENS DE ARQUITETURA

As cinco ordens de arquitetura estudados pelos antigos construtores, caracterizados por suas colunas, segundo aparecem na ilustração, podem servir como uma representação material dos cinco estados da inteligência, dos que acabamos de falar.

Estas colunas se distinguem principalmente pelos capitais, ou seja por sua *capacidade sustentadora* do edifício mental que as coroa, na que se demonstra uma constante evolução, até um limite que não pode superar-se sem destruir as Leis ou regras da Harmonia e da Beleza.

O Toscano e o Dórico - os dois mais sólidos e simples - mostram a Inteligência rudimentária baseada sobre as percepções e a memória das mesmas, que o homem tem em comum com os

animais. O Jônico indica os conceitos concretos elaborados sobre os primeiros, o Coríntio e o Composto, as idéias gerais e abstratas que provem das idéias mais particulares e concretas, expressando respectivamente a imaginação, o juízo e a compreensão.

Enquanto o edifício simbólico, construído pelos esforços da Inteligência Individual, sua forma afeta melhor a imagem da Pirâmide da qual já falamos, que apoia sua base tetragonal sobre a observação do mundo fenomenico, e desde o estudo dos fatos, por meio dos quais chega a formar-se seus conceitos, passa a inferir e reconhecer as Leis que os governam, e por estas os Princípios fundamentais e primordiais, representados pelas ciências matemáticas, que nos introduzem no domínio da *Metafísica*, quer dizer, na compreensão da Realidade Transcendente simbolizada no ponto que constitui o Vértice da Pirâmide, o Oriente e a Origem primeira de toda Verdade, como de toda Realidade.

A Pirâmide truncada, símbolo dos conhecimentos puramente fenomenicos.

A Torre de Babel, símbolo dos esforços mal dirigidos fenomenico.

Passamos assim desde o domínio das ciências naturais, que constituem a parte inferior da Pirâmide da Gnose, ao das ciências físicas e matemáticas que informam sua parte média, e destas as ciências metafísicas por meio das quais se constituem sua parte superior, e sem as quais cairia truncada com a Torre de Babel, exemplo típico de toda construção que não se acha dirigida pela Sabedoria que provem do conhecimento das Causas e do discernimento do Real.

O PENTAGRAMA

No podemos deixar o estudo simbólico do número cinco sem examinar também o pentágono que, em união com estrela de cinco pontas ou *pentagrama*, o expressa geometricamente.

O pentagrama é uma figura muito usada pela Natureza em suas construções minerais e orgânicas: tem face pentagonal várias espécies de cristais, e também afetam estas forma muitas folhas e células vegetais e animais. A mesma rosa primitiva forma um pentágono, com suas cinco pétalas, como podemos ver no símbolo da Rosa na Cruz.

A solidez do conjunto desta figura geométrica a fez também eleger mais de uma vez pelos construtores de fortes, pois seus ângulos obtusos oferecem mais resistência que os de uma construção quadrada.

A mesma Estrela Flamejante sai da sombra de um pentágono que a circunscreve e que representa mui bem as forças latentes da Natureza e a região obscura da mente que constitui o subconsciente na qual se destaca brilhante e luminosa, segundo expressa a pura luz da Consciência.

Unindo-se dois ou três de seus vértices dividimos o pentágono, respectivamente, num triângulo e um quadrilátero ou em três triângulos. A primeira figura mostra a união do ternário com o quaternário e apresenta analogia com o avental maçônico; a segunda é outro emblema do ternário ou trindade.

A SECÃO ÁUREA

A união do pentágono e do pentagrama tem também importância enquanto a proporção existente entre o lado do pentágono e a linha que une seus vértices alternados (delimitando o pentagrama) nos

da com exatidão essa *seção áurea*, conhecida pela matemática desde os tempos mais antigos, sobre a qual se fundava o cânon estético de várias civilizações, como aparece na escultura e arquitetura tanto grega como egípcia, e nas obras dos grandes mestres do renascimento.

Essa proporção constante, que a estrela de cinco pontas põem igualmente em evidência (sendo a proporção da distância entre duas de suas pontas e cada uma das cinco linhas que servem para traçá-la), se acha indicada matematicamente pela fórmula:

$$\frac{\sqrt{5} + 1}{2} = 1,618$$

Tal proporção áurea é tal que, quando se divide uma linha segundo a mesma em duas partes desiguais, corresponde a proporção entre estas, como a proporção entre a maior e a linha inteira. Um corpo humano perfeito parece obedecer-lhe, sendo a seção áurea determinada, pelo que se refere a altura, pelo umbigo; a mesma proporção pode observar-se, de diferente maneira, na relação entre suas diferentes partes.

Daqui a importância que davam ao pentagrama, entre outros, os pitagóricos, sendo a estrela de cinco pontas o emblema de sua escola (por meio do qual seus discípulos também acostumavam reconhecer-se), e a importância que igualmente tem não só entre os arquitetos e artistas dos séculos passados, senão também como emblema secreto das fraternidades construtoras de todos os tempos, especialmente medievais, pois nesse símbolo esta escondido um dos mais apreciados *segredos* da Arte.

E também na Arte Real da Vida, que deve ensinar-nos a Maçonaria moderna e futura, esta seção e proporção áurea, que obedece a Lei do Pentagrama, nos indica a *áurea medida* e o *justo meio* que devemos buscar em todas nossas atividades e relações, para que em nossa existência se manifeste toda a Beleza e Harmonia que se encontra em seu Plano Divino.

O NÚMERO SEIS

Com seu ponto central, emblema da consciência e da faculdade da intuição que nasce no *centro* da Inteligência, o pentagrama mostra o passo do número cinco ao número seis, nascendo este número (como a sexta das cinco primeiras da mesma maneira que a vida nasce e evolui (a semelhança da rosa disposta no meio da cruz) no reino dos quatro elementos que concorrem a formar os corpos inorgânicos.

Com o número seis ingressamos, pois, no domínio da razão humana, ou seja da Inteligência que atua sobre a base dos cinco sentidos e das cinco primeiras faculdades no uso de uma faculdade superior, ou seja da Inteligência que atua sobre a base dos cinco sentidos e das cinco faculdades no uso de uma faculdade superior a mesma razão, e que, a diferencia desta, se manifesta diretamente desde o íntimo de nossa própria consciência.

6 G

Como emblema da inteligência limitada do homem e de sua bipolaridade que a converte facilmente em escrava da ilusão dos sentidos, o número cinco que a representa, mostra a queda do homem no

poder de tal ilusão, aquela *queda* que se acha simbolizada na lenda da serpente relatada no terceiro capítulo da Gêneses.

י ה ך ה ה

Em contraposição, o número seis representa sua regeneração ou redenção, com o nascimento nele, em manifestação ativa, de um princípio superior a sua inteligência ordinária, sobre a qual não tem poder a ilusão ou *tentação* dos sentidos, adquirindo, com o desenvolvimento da tal princípio, o discernimento entre o real e o ilusório, que o conduz a progredir constantemente na senda da Verdade e da Virtude, libertando-se assim por completo do erro e do vício, de toda escravidão exterior e do mal em todas suas formas.

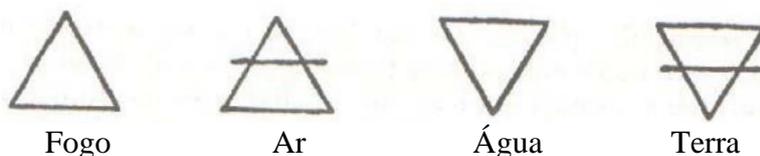
Este número seis é a mesma letra G que se acha no Centro do Pentagrama. Também da forma exterior dos dois signos o evidencia e não se pode dizer com segurança qual dos dois foi mais original e primitivo; só deve notar-se que a cifra que nós usamos para o número seis num princípio significou (e todavia significa na Índia, de onde se derivou) o número sete.

Podemos ver neste símbolo o arco evolutivo que une o ponto superior (imagem da Essência Divina) com o círculo de sua própria manifestação para cima, estabelecendo-se numa disposição receptiva (representada pela linha horizontal da letra G) para expressá-la ou refleti-la.

É igualmente digna de nota a semelhança que há entre a letra *gama* do alfabeto grego com a cifra 6 do árabe e com a letra hebraica *vo* que também tem o valor numérico seis. Tal letra representa mui bem um *esquadro* no que se unem uma perpendicular ao *nível* exatamente segundo o significado que tem estes no grau de Companheiro.

O HEXAGRAMA

O estudo do número seis nos leva ao conhecimento do hexagrama ou estrela de seis pontas, formada por dois triângulos entrelaçados, que constitui um símbolo familiar aos ocultistas, geralmente conhecido sob o nome de Selo de Salomão ou “signo do Macrocosmo”, em contraposição com a estrela de cinco pontas, chamada *pentagrama* ou “signo do microcosmo”.



A estrela de cinco pontas, que acabamos de estudar se refere, pois, mais particularmente ao homem, chamado *microcosmo* ou “mundo pequeno” pelos antigos filósofos, enquanto a de seis pontas, que atualmente vamos considerar, é analogamente o símbolo do Universo, chamado também *Macrocosmo* ou “grande mundo”, sendo uma fiel representação de sua gênese e geometria.

Os dois triângulos se representam ordinariamente como branco ou vermelho o de cima e negro ou azul o de baixo, indicando respectivamente a força ascendente e descendente, o princípio masculino ou ativo do *enxofre*, e o princípio feminino e passivo do *sal*, e as duas astes verticais, dirigidas em sentidos opostos, que produzem a elevação *centrifuga* expressa pelo Fogo e o ar, e a gravidade *centrípeta* manifesta especialmente na Água e na Terra.

Deste símbolo fundamental se derivam quatro signos para cada um dos quatro elementos:

O *fogo* se acha representado pelo triângulo ascendente do enxofre; o *ar* é o mesmo triângulo cortado ou temperado pela linha horizontal da *água*, representada pelo triângulo com a ponta para baixo, e a *terra* vem a ser água secada pela linha horizontal do fogo.



Entrelaçando uma suástica no meio dos dois triângulos, como aparece no gravado, se faz mais evidente a relação dos dois Princípios, simbolizados pelos mesmos, com os quatro elementos. Outra correlação do hexagrama com a cruz se acha representada no símbolo indicado a direita, usado como emblema distintivo da Ordem Martinista.



O hexagrama expressa muito bem o princípio de analogia e correspondência universal formulado no axioma hermético: “o que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima”, representando neste caso os dois triângulos o mundo divino e mundo material, enquanto que no centro dos dois a estrela vem a representar o mundo subjetivo ou interior do homem, intermédio e veículo para a manifestação de um com o outro (1).

(1) Ver o “Manual do Aprendiz” para a descrição dos três mundos: Objetivo ou fenomenico, Subjetivo ou interior, Divino ou transcendente.

Esta particularidade faz especialmente fácil sua construção geométrica, com o auxílio do compasso, e por esta mesma razão pode subdividir-se em seis triângulos equiláteros, cujo ângulo chamado *Sextil*, é o ângulo que se abre (ou deverá de abrir-se) o *compasso*, como emblema maçônico, por ser esse ângulo um símbolo universal da Harmonia. Quando estes seis ângulos se acham *retos*, essas mesmas três linhas cruzadas e perpendiculares indicaram as 6 direções do espaço.

Também pode subdividir-se o hexágono segundo as duas linhas que constituem a base dos dois triângulos do hexagrama, resultando assim o quadrilongo de nossas Lojas maçônicas, compreendido entre dois triângulos.

O hexágono é uma figura muito usada na arquitetura, tanto pelo homem como pela Natureza, sendo a figura harmônica por excelência, a que se produz mais naturalmente do círculo, como o demonstram as mesmas células das colmeias. Por esta razão tomam esta forma, na arquitetura orgânica, muitas células vegetais e animais; porém sobre tudo a obedecem os minerais; como pode observar-se especialmente nos cristais e nos agregados moleculares.

O CUBO

O cubo se relaciona, por suas duas faces, com o número seis - o segundo entre os cinco sólidos regulares -, que tanta importância tem no simbolismo maçônico por ser o único entre estes que, pelo paralelismo e a retidão de suas faces, perpendiculares as seis direções do espaço, pode utilmente aproveitar-se na construção

O Aprendiz, como o Companheiro, devem igualmente dirigir seus esforços para produzir ou por em evidência aquele cubo perfeito, idêntico a *pedra filosofal*, por meio da qual se realiza o Magistério, ou seja a perfeição individual, que conduz ao homem a um estado evolutivo mais adiantado que o estado humano ordinário. Por esta razão, o cubo perfeito, ou seja a *perfeição* da Grande Obra maçônica representa ao Mestre, melhor que ao Companheiro.

Sem dúvida, sendo esta perfeição cúbica um estado melhor isolado, com relação a humanidade ordinária o Companheiro (em que se considere como *ideal*) se conformará em seu estado atual com o que mais se adapta e melhor pode obter-se de sua pedra pessoal e limitada, aproveitando-a em toda sua extensão; porém polindo todas as suas faces, para que venham *lisas e paralelas* e possam ser assim da maior utilidade no Edifício Social ao que esta destinada e de onde tem que encher uma função particular. Só quando seja inteiramente experto em seu trabalho, pode aspirar a *perfeição cúbica*, que fará dele algo mais que um simples companheiro de seus irmãos.

Porem, sem dúvida, sempre representa o cubo o Ideal da perfeição humana, enquanto se apresente com absoluta *igualdade, retidão e paralelismo* tetragonal nas três dimensões da vida material, moral e espiritual, enquanto em geral a primeira, que corresponde a longitude, prevalece no estado e atividade ordinários da humanidade.

A estas mesmas três dimensões se refere o uso de nossa “régua de vinte e quatro polegadas” por meio da qual devem medir-se proporcionalmente a *longitude, largura e altura* da pedra, segundo o lugar particular do edifício que tem que ocupar. A primeira deve ser suficiente para que possa o indivíduo encher todas as obrigações inerentes a seu estado ou posição; a segunda deve assegurar sua estabilidade, ao mesmo tempo que a do edifício em que se coloca; e a terceira fazer com que seus esforços contribuam a elevar o meio em que se encontra segundo a elevação que logra alcançar, buscando seu contato íntimo e individual com a Suprema Realidade.

Enquanto ao número fixo de vinte e quatro polegadas, alusão evidente as vinte quatro horas do dia, mostra que estas devem igualmente aproveitar-se segundo as mesmas dimensões da pedra, dividindo oportunamente o tempo dedicado ao trabalho (longitude da pedra), ao descanso (latitude) e o consagrado a cultura e a elevação espiritual, necessária para que a pedra individual possa contribuir a sua própria elevação e a do edifício social.

Representando ao homem dentro de um cubo, podemos formar-mos uma idéia das três dimensões nas quais a individualidade se desenvolve em sua atividade cotidiana: a longitude corresponde ao alcance de suas mãos; a largura de seus pés, que asseguram a cada passo *estabilidade e equilíbrio*, e a altura ao de sua cabeça, que mostra a elevação de sua visão.

O alcance de suas mãos determinará a qualidade e perfeição de seu trabalho e sua utilidade como força construtora no meio em que atua; o alcance dos pés determinará seu progresso e a efetividade e valor de seus esforços; o alcance da cabeça seu Ideal e a capacidade de realizá-lo.

Estendendo num mesmo plano as seis faces do cubo nos apresenta outra vez o símbolo da Cruz, como perfeita medida da extensão do homem, ou seja de suas faculdades e poderes e de suas capacidades ativas e realizadoras, indicadas pelas duas dimensões verticais, em união com a horizontal.

O *homem na cruz* vem a ser, por conseguinte, aquele que realiza em si mesmo e em sua existência cúbica perfeição, que, como temos dito, se identifica com o Magistério. É, pois, um símbolo iniciático antiquíssimo e da maior importância, em que mui poucos o entendem em sua verdadeira significação.

O TEMPLO MAÇONICO

O estudo do hexágono e do cubo nos conduz outra vez (1) ao templo simbólico de nossos trabalhos em seu duplo aspecto de representação do Universo e do homem.

(1) Ver sobre este tema também o que temos dito no “Manual do Aprendiz”.

Como o Universo aparece geralmente a nossa observação em forma esférica ou circular, podemos pensar que esta forma seria muito mais adaptada para representá-lo. Efetivamente, muitos Templos antigos são circulares ou se aproximam a tais ou melhor, como por exemplo, vários hipogeus ou templos subterrâneos da Índia, assim escavados para representar o *ovo de Brahma*, outro símbolo do mundo.

Também a cúpula hemisférico de muitas igrejas e catedrais é uma evidente alusão a abóbada celeste e patenteia que esta simbólica representação foi o motivo dominante em todas as construções deste gênero. Enquanto a forma de cruz das basílicas, tão pouco se distancia deste simbolismo, por representar a mesma - os quatro braços da Divindade Criadora, por meio dos quais o Universo se constrói.

No que se refere mais particularmente ao Templo Maçônico, cuja forma mais apropriada é a de um duplo cubo, representa uma quadratura do Universo, da mesma maneira que na pedra cúbica representa ao homem, exatamente como um planisfério simboliza perfeitamente o globo terrestre e a disposição respectiva das terras e dos mares.

Mais ainda, podemos dizer que o pavimento da Loja corresponde exatamente ao planisfério, enquanto indica a superfície da terra. Seguindo esta analogia se considerou dito pavimento como uma perfeita imagem geográfica do mundo conhecido pelos antigos, quer dizer, o mundo circum-mediterrâneo, pondo-se as duas colunas sobre o estreito de Gibraltar, exatamente onde teriam que estar as de Hércules. Grécia teria assim o lugar privilegiada da área (talvez disputando-o com a Itália Meridional ou Magna Grécia) e a Síria, com os países que rodeiam ao Oriente.

Porém dita representação não é menos interessante e simbólica se tomar-mos o planisfério inteiro, pondo as duas colunas no extremo ocidente, sobre as duas Américas e a área no Egito ou na Síria,

origem de nossos mistérios. Enquanto ao Oriente, se acha compreendido entre Austrália, China, Japão e o Oceano Pacífico.

Analogamente, o teto da Loja é uma representação da abóbada estrelada do Céu, como o demonstram os doze signos zodiacais representados nos dois lados Norte e Sul, sobre outras tantas colunas. Estas colunas, que *unem a terra com o céu* na Arquitetura Cósmica, são emblemáticas dos doze tipos zodiacais, por meio dos quais, no ser do homem se realiza esta união.

Assim, pois, enquanto o pavimento da Loja representa a superfície do globo terrestre e seu teto a da esfera côncava do céu, suas paredes estão formadas pelos mesmos maçons. As simbólicas colunas que sustentam o Templo e que se apoiam, com seus embasamentos, sobre a terra da vida material, enquanto seus capitéis se levantam livres no céu, representam o titânico esforço do *iniciado* convertido em Obreiro da Inteligência Universal, para compreender e realizar seus planos sobre a terra.

O TEMPLO DA VIDA

O Templo Maçônico não é simplesmente uma imagem do Universo, senão também uma representação do Templo da Vida Individual, que cada um de nós, por seus esforços, levanta em si mesmo para a *glória* ou expressão do Supremo Princípio ou Grande Arquiteto.

Esta glória do Grande Arquiteto, que cada Maçom deve esforçar-se constantemente em encarnar, é outro significado da letra G, não menos importante que os sete sentidos de que temos falado ao interpretar o significado da cerimônia de recepção.

E nos conduz mui próximo da interpretação que os maçons anglosaxões dão a esta mesma letra, quer dizer *God* ou Deus.

Nós somos outras tantas manifestações da Vida Divina, que busca constantemente *uma sempre mais perfeita expressão de si mesma* em nossa consciência e personalidade, em tudo o que somos e fazemos. Por esta razão, toda nossa vida e atividade é um *esforço construtor* que, uma vez bem dirigido, se resolve num conjunto harmônico que revela uma arquitetura particular, que bem pode chamar-se Templo, individualmente levantado a Glória do Divino Princípio que mora “nos céus” de nosso ser, e do que somos ao mesmo tempo construtores, sacerdotes e devotos.

Esta alegoria que considera ao ser humano e a sua vida e atividade como um Templo, é antiquíssima. Encontramos particulares referências sobre a mesma nos Evangelhos, cujo conjunto pode considerar-se como a mais explícita declaração de tudo o que se acha expressado, em forma mais obscura e de difícil interpretação, nos livros do Antigo Testamento, e nas Escrituras de outras religiões, já que todas indistintamente tem um valor simbólico.

Jesus fala muitas vezes de seu corpo como de um Templo, e promete reconstruí-lo em três dias depois de sua destruição, São Paulo faz referência a esse mesmo Templo em sua primeira epístola aos Coríntios (3-16) nos termos seguintes: “Não sabeis que sois o Templo de Deus, e que o Espírito de Deus mora em vós?”.

Tal palavras mostram como este simbolismo do Templo, considerando como tal ao homem mesmo, devia ser então bastante conhecido e difundido, e é de crer que São Paulo falou dele a iniciados, melhor que aos profanos, como de coisas que eles podiam entender perfeitamente.

Reconhece pois o Companheiro esta gloriosa qualidade de sua vida individual que, qualquer que seja sua aparência exterior, nunca pode chegar a ser indigna ou mesquinha, uma vez que a reconheça como direta expressão do Único Princípio do Universo Estrutura do Cosmo, como o é também, em diferentes graus, a vida de toda coisa e de todo ser.

OS CINCO PRINCÍPIOS DO HOMEM

O estudo que de nós mesmos devemos fazer em nosso grau de Companheiros nos conduz a reconhecer em nós cinco princípios distintos que concorrem a formar a complexa Arquitetura de nosso ser.

Estes cinco princípios construtivos do homem podem muito bem simbolizar-se nas três partes constitutivas de toda coluna: base, fuste e capitel, e o pedestal e a arquitrave ou cornijamento que completam a arquitetura de um edifício.

Começando de baixo acima, o *pedestal* que se apoia sobre a terra da vida material, representa evidentemente nosso corpo físico visível, a manifestação exterior ou cortical de nosso ser, por meio do qual nos consideramos como seres orgânicos, dotados de vida e de razão.

A *base* que descansa sobre aquela aparece como um simples *duplo* ou duplicado do corpo, feito de maneira que pode sustentar o fuste da coluna que constitui a expressão *personal* de nossa individualidade inteligente. A base corresponde, portanto, ao duplo do corpo ou “alma sensível”, chamado também *corpo astral* pelos teósofos e ocultistas e *periespirito* pelos espiritas.

Enquanto o corpo é o órgão da ação, a Alma sensível é o instrumento interior da sensação e da emoção que recebe e transforma em sensações as impressões exteriores e reflete em *emoção* ou “movimento interior” todo impulso ativo e evolutivo.

O *fuste* da Coluna constitui com razão a parte mais desenvolvida no edifício de nossa arquitetura individual por ser a que no estado evolutivo humano predomina por sua importância e valor. Representa, pois nossa *Mente* ou *Inteligência*, assento da individualidade e origem da personalidade, ou seja o princípio presente, no que vivemos nossa vida interior, elaborando ou preparando no mesmo os planos de nossa atividade ou construção externa.

Nosso “eu” é o *oco central* da Coluna, que tem que ser individualmente perfurado em toda a extensão da mesma, para que possa estabelecer aquela perfeita comunicação de cima abaixo e de baixo acima que caracteriza a evolução superior do homem, e faz do fuste da coluna a verdadeira Arvore da Vida do que nos fala simbolicamente o Gêneses, e sobre o qual nos reservamos dizer algo mais noutra volume desta série. (1)

(1). V. o Man. do *Mestre Secreto* e do *Cavaleiro Rosacruz*.

Efetivamente, a Coluna Individual do iniciado deve ser *oca*, e neste se distingue das colunas profanas nas que predomina a inércia obscura e subconsciente de sua massa material. Por meio dos toques, pode o Maçom assegurar-se desta qualidade interior que produz uma *ressonância* correspondente, com a que se distingue ao iniciado do profano, incapaz de “ressoar” ou *responder* ao toque simbólico da Verdade.

Quanto melhor e mais desbloqueado seja o oco interior, melhor será em correspondência a qualidade do *metal* em que se transforma a pedra, e mais clara e harmônica a ressonância emitida.

Porque a verdadeira coluna do Companheiro é *metálica*, e precisamente de bronze (o metal que melhor conserva sua pureza interior), e não de pedra, como a do Aprendiz.

Sobre toda coluna deve haver, ademais, um *capitel*, de uma qualquer das cinco ordens, devendo, naturalmente, o fuste da coluna estar em harmonia com o tipo de capitel que se acha destinado a suportar. O capitel corresponde, por conseqüência, ao princípio que coroa transcendendo e completando nossa Inteligência ordinária manifestando-se nesta como a luz da Intuição.

Este Princípio, que corresponde ao *Nous* platônico e ao *Daimon* socrático, é nossa Alma Espiritual, origem do Gênio individual que o Companheiro deve esforçar-se em buscar em sua última viagem e que determina a beleza e perfeição do capitel da coluna e da ordem ou grau evolutivo ao que pertence.

Dito princípio é o “Cristos” ou ”Crestos” dos iniciados gnósticos, do que nos fala São Paulo como algo que há de *crescer* e manifestar-se individualmente em nós, fazendo-nos (com seu batismo do Fogo e do Espírito Santo) *crístãos* no sentido iniciático da Palavra. Por meio do mesmo nos relacionar-mos com o *arquitrave*, ou seja o Espírito, ou Princípio Universal da Vida, ou Quinto e Supremo Princípio impessoal do homem, do qual sua Coluna individual há de ser uma sempre mais clara, perfeita e gloriosa expressão.

NOSSA ARQUITETURA INDIVIDUAL

A Vida em si mesma (a vida orgânica em suas diferentes manifestações) pode e deve considerar-se como uma imensa Obra de Construção, que continuamente se levanta sobre a matéria bruta ou inerte, com a cooperação de todas as inteligências, de que todos os seres conscientes ou inconscientes, cada um dos quais busca uma expressão apropriada a sua natureza interior que deve elevar-se constantemente, na mesma medida desta.

O Universo é uma imensa construção na que infinidade de obreiros trabalham sob as ordens e seguindo os *planos* de um mesmo Grande Arquiteto.

Nossa arquitetura orgânica é uma expressão particular desta Obra Construtora que se manifesta universalmente, segundo os mesmos princípios, nas formas mais diferentes da vida vegetal, animal e humana, em distintas raças ou ordens apropriadas para as distintas categorias de seres.

Nossa arquitetura vital se distingue da dos animais, com os quais oferece mais pontos de contato por sua posição vertical, que também a acerca a dos vegetais, pois como nestes, o progresso ou crescimento individual procede verticalmente, ou seja em sentido oposto a força da gravidade da terra, por que se refere a constituição e ao crescimento material; e a lei de gravidade dos instintos, erros, vícios e paixões, enquanto a constituição moral e ao crescimento espiritual.

Assim como as plantas crescem e se elevam na direção do zênite, assim também nos devemos crescer e elevar-nos segundo nosso zênite espiritual. O *prumo* é assim um dos utensílios indispensáveis na arquitetura individual, pois sem ele, ou seja sem o Ideal elevado sobre o qual fixar nossa mira, a construção não ficaria a prumo, curvando-se até a mais estrita obediência e passiva escravidão aos instintos, paixões e necessidades materiais que caracterizam aos animais.

A diferença deste, que são como plantas que se *libertaram* da imobilidade vegetal - pois o impulso fundamental da vida vegetal é para o crescimento e a expansão, enquanto nos animais se aumenta a dupla capacidade de sentir e mover-se - para dirigir-se horizontalmente levando para adiante a

cabeça que corresponde as “raízes” vegetais, o homem se volta novamente a linha vertical, porém *como uma planta invertida*, elevando para cima a raiz que, como centro unificador e diretor da existência individual, se transformou em “cabeça”.

E assim como a planta tem que sustentar constantemente o esforço de seu crescimento por uma contínua produção interior de novas camadas concêntricas e a paralela extensão de seus ramos em suficiente amplitude, assim também nosso crescimento individual se faz efetivo na medida em que chegamos a realizar nossos ideais e manifestá-lo na vida, por meio da mais *fecunda atividade* de todas as nossas faculdades produtivas.

Desta maneira, por seus próprios esforços ativos nossa construção orgânica e moral cresce e alcança a suficiente amplitude, que lhe permite elevar-se alcançando o *nível* que corresponde a efetividade de tais esforços.

Nossa Arquitetura Individual é, pois, uma construção complexa que se exerce igualmente no campo da matéria orgânica, onde tem seu pedestal e na estrutura interior onde tem seu fuste para elevar-se para o céu que constitui o zênite de todos os esforços e aspirações: crescemos na medida da elevação destas e da efetividade daqueles, cooperando com a natureza exterior e com as Leis de nossa estrutura orgânica e espiritual para que o Templo que levantamos diariamente seja digno e perfeita expressão do Espírito que em nos mora para fazer manifesta sua Glória.

OS INSTRUMENTOS DA CONSTRUÇÃO

Para toda construção se necessita de instrumentos adequados. Sem dúvida, dado o caráter especial de nossa arquitetura individual, tal instrumentos se buscam, como nos ensina, *no interior* da mesma. Efetivamente, as colunas de bronze que caracterizam o grau de Companheiro, estão *ocas* para conter os instrumentos da construção e guarda-los junto com o salário que constitui a recompensa de seus esforços. Portanto, tampouco a recompensa ou salário deve buscar-se no resultado exterior, senão melhor que aquele *crescimento interior*, a raiz da qual o resultado exterior tem que amadurecer inevitavelmente, como o fruto no ramo quando chega a estação oportuna.

Estes instrumentos são os mesmos que adquiriu o Companheiro, o conhecimento e o uso, no curso de suas viagens, instrumentos mentais e espirituais que só podem encontrar-se e desenvolver-se no oco de sua coluna individual. Ao malho, o cinzel, a régua, a alavanca, o compasso e o esquadro só se agregar o prumo e o nível, dos quais já temos aprendido a simbólica função, além disso uma trolha, uma espada, uma prancheta para traçar e uma corda com nós. Um total de doze instrumentos ou faculdades cuidadosamente guardados no interior das colunas, como o verdadeiro tesouro individual do Obreiro.

A *trolha* é o instrumento construtor que o obreiro perfeito terá constantemente em sua mão direita, como o objeto de fixar ou estabelecer em seu lugar definitivo, por meio de *cimento ou argamassa*, as pedras elegidas e oportunamente elaboradas para a construção, depois de haver-se assegurado (com o auxílio do prumo e do nível) que sua disposição seja justa e perfeita. Representa, portanto, o espírito de união e solidariedade e aquela benevolência iluminada, com os quais teremos que fixar as pedras do simbólico edifício que levantamos por meio de nossos esforços individuais e coletivos. Espírito que se faz tanto mais necessário quanto menos perfeitas são as pedras ou materiais com os que temos que contar para a construção.

Enquanto a *espada*, se trata da arma de vigilância por cujo meio o Iniciado tem que defender-se de toda intrusão violenta do mundo profano nos augustos trabalhos da Ordem. Este instrumento deve

ter-se com a mão esquerda, por achar-se a direita ocupada constantemente com a trolha no labor ativa da construção; além disso, a mão esquerda simboliza a faculdade passiva do pensamento, com a qual unicamente pode relacionar-se o uso maçônico de uma arma que poderia aparecer fora de seu lugar numa Instituição eminentemente pacífica como a Maçonaria.

Também a espada é para o maçom uma faculdade, indicando seu *discernimento*, ou seja, a capacidade de *penetrar* dentro das aparências e reconhecer a Realidade, o coração e a natureza mais íntima e profunda de todas as coisas. É o pensamento iluminado e o Poder da Verdade, com o que se vence, se destroi e se dissolve a ilusão em cada um de seus aspectos; é o místico instrumento que tem sido dado em sua quinta viagem, enquanto contemplava a Estrela da Individualidade, diante do qual todo fantasma e toda sombra desaparecem como por encanto.

A *prancheta para traçar* é um utensílio em cujo uso se revela o Mestre, e com o qual traça os planos da Construção. Sem dúvida, o Companheiro deve conhecê-lo e adestrar-se no uso que lhe corresponde, pois só assim se fará capaz de interpretar esses planos e cooperar com inteligência a sua realização; em que sem chegar a dominá-la completamente, deve exercitar-se nos princípios daquela Geometria que explica a *gênese* individual e universal, desenvolvendo o Gênio iniciático que conduz a sublimidade da Gnoses. E isto não pode fazer-se sem a *prancheta* simbólica que, por sua natureza delicada, deve guardar com especial cuidado no tesouro de seus instrumentos ou potencialidades latentes.

Finalmente, a *corda com os nós*, tem, como o círculo mágico, a dupla função de isolar aos Iniciados das influências profanas e de estreitar mais intimamente o laço de união invisível exteriormente que os une *no interior*, por meio de seus mesmos ideais e aspirações. Perfeitamente tensa, serve ademais aos maçons para assegurar a *retidão* das paredes de sua simbólica construção.

Porém em seu significado mais verdadeiro e profundo, representa nossa própria *consciência interior*, ou seja a capacidade de relacionar todas as imagens e concepções mentais, as idéias interiores e as percepções exteriores, o mundo dos sentidos com o domínio da Suprema Realidade, nossa própria personalidade com a Individualidade que na mesma se expressa, o que *permanece* eternamente com o que constantemente *aparece*.

É algo assim como o “fio de Ariadne” da Intuição que nos dá o sentido da Unidade, nos põe em harmonia com o Plano Divino, e nos permite dirigir justamente todos nossos passos no labirinto da vida, fazendo ao mesmo tempo harmônica e feliz construção da existência.

AS TRÊS JANELAS

Enquanto o Templo não tem no grau de Aprendiz nenhuma janela, significando-se com isto que a luz ha de se buscar unicamente *no interior*, o companheiro reconhece e utiliza no mesmo três janelas que se abrem respectivamente ao Oriente, ao Ocidente e ao Meio dia e servem, segundo nos diz, para iluminar aos obreiros quando vêm ao trabalho, enquanto trabalham e quando se retiram.

Estas janelas se referem, evidentemente, a Luz que o Companheiro, depois de havê-la buscado em seu foro interno em seu estado de Aprendiz, se acha agora em grau de perceber, e as novas capacidades intelectivas que se desenvolveram nele, e que o permitem agora sentar-se na região clara do Sul, podendo suportar a plena luz do Sol e julgar as coisas com maior profundidade.

A janela do Oriente representa seu conhecimento metafísico da Realidade do universo e dos Princípios e Leis que o governam, constituindo o fundamento geométrico-genético da “realidade

objetiva”. Esta se percebe e reconhece pela janela do Ocidente, símbolo da ciência física, do conhecimento e da experiência exterior das coisas. Enquanto a janela do Meio-dia, se refere, como é evidente, a seu próprio mundo interior, a sua consciência e inteligência, por meio das quais trabalha, elaborando e relacionando interiormente os materiais e conhecimentos obtidos do exterior em harmonia com os *planos* (Princípios e Leis) reconhecidos através da janela do Oriente.

As três janelas denotam, por consequência, três distintos gêneros de experiência que podem considerar-se como três mundos distintos: o Mundo Divino, ou experiência da *realidade transcendente*, o Mundo Interior ou experiência da *realidade subjetiva*, e o Mundo Exterior ou experiência da realidade objetiva, segundo os quais o Companheiro tem que *Orientar* o Templo de sua vida individual, para que seja constantemente iluminado em seus três lados ou gêneros de atividade, quando ingressa no Templo, enquanto trabalha nele, e quando se retira.

O ingresso no Templo corresponde, pois, a capacidade de abstrair-se das coisas e imagens exteriores, concentrando sua atenção na Realidade Transcendente que constitui o Mundo Divino. A janela através da qual se percebe esta simbólica Luz do Oriente, ou seja, da origem das coisas, se acha dentro de nos mesmo “eu”, ao Oriente ou origem de nossa vida e de nosso ser. A percepção desta Luz, ou seja o impulso vital de nosso Ser Espiritual, é a que marca ou assinala o início da atividade maçônica.

O *trabalho* é a mesma atividade interior de nossa Inteligência, iluminada pelo desenvolvimento (Meio dia) de suas faculdades mentais: a lógica e a memória, a percepção e o juízo, a compreensão e o discernimento, relacionando os Princípios com suas expressões visíveis e as Causas com os Efeitos. E quando o sol se acerca ao Ocidente, que dizer, quando a Realidade nos apresenta unicamente em sua aparência exterior, é quando *saímos* de nosso íntimo Santuário, para enfrentarmos com o mundo da matéria.

As horas que transcorrem entre o meio dia e o por do sol, são portanto as que caracterizam o mais proveitoso e fecundo trabalho do Companheiro, quando podem colocar-se em seus lugares os materiais preparados pelos Aprendizes nas horas da manhã. Ou seja, simbolicamente, tirar proveito das luzes, experiências e conhecimentos adquiridos, aplicando-os construtivamente.

Neste trabalho se esforça o Companheiro em “ajudar os Mestres”, posto que até que não haja adquirido a capacidade de sentar-se ao Oriente, *estabelecendo-se* no estado de consciência superior que caracteriza o Magistério, deve forçosamente limitar-se a aplicação dos planos ou ensinamentos que recebe, empenhando-se por meio das mesmas em alcançar a perfeição. E se dedica a esta tarefa com *alegria fervor e liberdade*, caracterizando esta atitude mental todo esforço efetivo sobre a senda do Progresso.

AS LETRAS DO ALFABETO

Há as cinco primeiras letras do alfabeto, estudadas pelo Aprendiz, o Companheiro se acha em condição de agregar as sete seguintes que se referem mais particularmente a simbologia seu grau. A sexta letra do alfabeto latino não tem seu correspondente no grego clássico, em que o teve no primitivo, fazendo-se conservado na numeração com o nome de *digama*. Sua forma é de um *duplo esquadro* (ou “duplo gama”, como o diz a palavra grega); por esta razão se refere mais especialmente ao segundo grau e, em relação com a letra precedente, indica os dois passos que o Companheiro tem que aumentar a marcha do primeiro grau, para indicar seu progresso com respeito ao Aprendiz.

A letra hebraica *vau* que lhe corresponde, com o valor fonético de *ú*, ou *v*, significa “unha, garra, gancho”, e mostra (como temos dito a propósito do tetragrama) o Verbo ou Terceiro elemento primordial (o *Mercúrio* derivado do Enxofre e do Sal) que reproduz a Unidade Fundamental e a faz fecunda e criadora. Ademais se relaciona com o número 6 e com o hexagrama.

Da letra G já temos falado amplamente; no alfabeto latino é uma manifesta modificação da letra C (1). Porém sua forma mostra uma inegável relação (em que não de origem) com a letra grega *theta*, e a correspondente hebraica e fenícia, que ocupa o nono lugar em tais alfabetos, representando, respectivamente, o hieróglifo do Sal e a cruz no círculo, que dizer, o mundo manifestado nos limites do espaço.

(1) No primitivo alfabeto latino a letra C tinha o mesmo valor do grego *gamma* e do fenício guimel, ou seja, de G. Porém, confundindo-se os dois sons guturais, se usou com frequência em lugar de K, até que o substituiu completamente. Então, para distinguir a gutural sonora da tênue, se modificou essa letra e se pôs em lugar da Z que já não se usava. Reintroduzida esta última, para transcrever palavras gregas (junto com X e Y), se pôs ao final do alfabeto, como esta atualmente.

O lugar da letra G se acha ocupado em grego e fenício pela Z e em hebraico pela letra correspondente *zain*. Esta última tem o nome de arma e a forma particular de uma espada flamígera, da qual pode muito bem haver-se derivado nossa cifra para o número sete; nesta cifra, assim como na letra Z podemos ver uma imagem dos últimos passos do Companheiro.

A oitava letra, H, nos dá uma imagem bastante clara das duas colunas com o *nível* que representa o simbólico *passé* de uma a outra. Em seu nome hebraico e fenício significa também “sebe, recinto”, levando a nossa mente a representação de um Templo formado por dois *esquadros* e o hieróglifo da Loja, como especialmente o evidencia a forma fenícia da letra.

A nona letra latina corresponde a décima nos demais alfabetos a nossa cifra 1 (assim como o *alef* árabe) com o significado de Unidade em geral e Princípio Criador em particular. Representa também a unidade de consciência ou seja nosso *eu*, do que tem o valor na língua inglesa: em sua forma minúscula (i) pode ver-se o Princípio Divino em nós, representado pelo ponto, que se acha separado em nossa consciência ordinária, enquanto a fórmula maiúscula (I) mostra a perfeita união do “eu” inferior com o “eu” superior, ou seja, da *individualidade* com a *personalidade*, que se alcança com o Magistério. Recorde-se a este propósito o que temos dito com referência ao oco das colunas, com o qual este símbolo tem manifesta relação.

Seu nome hebraico significa “mão”, particularmente uma mão levantada, correspondendo ao Princípio Divino ou Ideal, inspirador e criador da vida, *signo de reconhecimento* do Iniciado em geral e do Companheiro em particular.

Enquanto a décima letra latina (J), derivada da precedente, acentua ainda mais com sua cauda de expressão da individualidade na personalidade, que corresponde a sua parte inferior. Também pode representar a *alavanca* que em união com a *régua*, indicada pela letra I, leva o Companheiro em sua terceira viagem.

A décima primeira letra (K) mostra a união da *régua* e do *esquadro* aprendida pelo mesmo Companheiro em sua quarta viagem, por meio da qual se realiza uma *reta elevação* ou perfeita edificação. Seu nome hebraico significa “palma” da mão, referindo-se mais particularmente a posição da mão direita no signo do Companheiro.

A mesma referência a respeito da disposição das duas mãos neste signo podemos vê-la na forma hebraica da décima segunda letra, cujo nome tem o significado de “agulhão” e representa o estímulo ou *incentivo ideal* do Iniciado que o impulsiona a progredir na forma indicada.

Finalmente, a letra L em sua forma latina, grega e fenícia representa, respectivamente, um esquadro e um compasso, os dois instrumentos por meio dos quais se efetua o traspasse ou exaltação ao terceiro grau maçônico.

QUARTA PARTE

APLICAÇÃO MORAL E OPERATIVA DA DOCTRINA SIMBOLICA DESTES GRAUS

O grau de Companheiro é um grau essencialmente *operativo* enquanto se refere a Religião do Trabalho, de uma maneira mais especial que os outros graus, indicando a necessidade daquele para todo o ser humano, como condição indispensável e *meio* de seu progresso.

O Aprendiz tem que *aprender* com o fim de efetuar um trabalho útil, efetivo e construtivo. Só quando sabe trabalhar pode esperar que se lhe admita no segundo grau e se lhe reconheça como Obreiro do Progresso e da Liberdade e portanto *companheiro* de todos os que, como ele, trabalham pela Glória do Grande Arquiteto, ou seja em harmonia com seus planos (os que se esforçam reconhecer intimamente) para levar a cabo a Grande Obra de Construção Individual e Social que constitui o objeto de nossa Ordem.

Os Maçons não são, pois, filósofos que se perdem em absurdas investigações, e em estéreis utopias: para o verdadeiro maçom, todo estudo deve ter um fim efetivamente *prático e construtivo*, todo Ideal um valor vital e operativo que deve realizar-se com sua aplicação. Este esforço de aplicar e realizar o Ideal na vida prática é a característica e o objeto fundamental do grau de Companheiro, como mostra seu próprio signo de reconhecimento.

Nunca se converterá o Companheiro em Mestre, no verdadeiro sentido da palavra, até que não se haja feito digno deste trabalho, como resultado de sua atividade e de seus estudos, fazendo adquirido a experiência e as capacidades que só podem conduzi-lo para adiante e fazer dele *algo mais* que um companheiro: o primeiro entre seus semelhantes, que sabe instruí-los e dirigi-los por sua compreensão mais profunda e elevada.

A RELIGIÃO DO TRABALHO

O Maçom deve considerar o trabalho de uma maneira completamente diferente de como o considera o homem vulgar: para este o trabalho é uma necessidade e quase uma escravidão, um jugo que pesa sobre ele pela força das circunstâncias, ao que deve sujeitar-se para viver. Enquanto o homem ordinário *trabalha para viver* escravo de suas necessidades e de seus desejos, o Maçom deve *viver para trabalhar*, que dizer, para fazer uma obra ou um labor, expressando o Ideal que faz dele um *artista* diferenciando-lhe do artífice.

O espírito com o qual o homem ordinário considera o trabalho se acha pois, expresso na maldição bíblica: “Do suor de seu rosto comerás o pão”. Esta maldição, personificada simbolicamente na Bíblia, quando se interpreta com o esquadro da Razão e o compasso da Compreensão representa simplesmente a voz ou expressão impessoal da lei sob cujo o efeito ou causalidade se coloca o homem por si mesmo, escolhendo trabalhar como escravo da Ilusão exterior para satisfazer seus instintos, necessidades, desejos e paixões, a raiz de sua desobediência a voz da Realidade, a única que pode indicar-lhe a senda da Liberdade.

Longe de ser uma maldição, o trabalho é para o Maçom o primeiro e fundamental objeto da existência terrena, fonte de todos os Bens e de todas as Bem-dizeres. O avental branco que se usa, como distintivo de sua qualidade, representa o novo espírito com o qual deve dedicar-se a seu próprio trabalho ou atividade, na qualidade de Obreiro da Inteligência Universal, com a que tem o privilégio e a honra de cooperar, interpretando e realizando seus planos na medida de sua compreensão e habilidade.

Estes *planos* são as idéias ou Ideais Construtores que se manifestam em sua Inteligência para realizar-se em sua vida, e, segundo adquire a capacidade de expressá-los, se *liberta* automaticamente de toda escravidão exterior, por ser a verdadeira Liberdade, *obediência* ao que de mais elevado há em nossa alma e em nosso ser. O homem é, pois, escravo, segundo obedece a seus impulsos inferiores e a ilusão exterior; e se faz livre em proporção com sua capacidade de elevar-se sobre os primeiros por meio da Virtude, e sobre a segunda por meio da Verdade.

A cor branca do avental é um símbolo da *pureza* das intenções com os quais se dispõem a Obra, já não com o único fim de satisfazer seu egoísmo ou suas necessidades, ou seja mirando a utilidade pessoal que pode sacar de sua atividade, senão principalmente com o objeto de buscar a glória ou expressão da mesma Inteligência construtora, ou Grande Arquiteto do Universo em sua própria atividade, qualquer que seja. Este intento superior, expresso pelo branco, é o que caracteriza ao Maçom e o diferencia do profano.

A qualidade de Maçom não se adquire, pois, por meio de um reconhecimento exterior, pagando determinados direitos e sofrendo determinadas cerimônias, ou pertencendo fielmente a determinado Corpo ou Obediência. Este é só o *símbolo* do Maçom. Enquanto a qualidade verdadeira ha de ser individualmente realizada com seus próprios esforços por cada Maçom, *aplicando* as qualidades exteriormente recebidas ou reconhecidas. Por conseqüência, o homem que obra maçonicamente, conformando-se com sua vida e atividade aos mesmos Princípios e Ideais que a Maçonaria ensina simbolicamente a seus adeptos, é muito mais digno do apelativo de Maçom, em que nunca foi exteriormente iniciado ou recebido em nossa Instituição, que aquele que limita dita dignidade ao nome e a uma observância puramente formais.

“Nobreza Obrigada”. Cumpra, pois, seu dever, todo Maçom que quer ser digno deste nome e cuide de exaltá-lo e enobrecê-lo constantemente em sua atividade e em sua vida.

NOSSA ARTE: SACERDOTAL E REAL

Conheça o Maçom o caráter sacerdotal e real de sua Arte, aquela *Ars Régia*, da qual os mesmos reis podem vangloriar-se de ser adeptos, por quanto constitui talvez o maior lustre e o melhor distintivo da verdadeira realeza. Saiba o Maçom que esta qualidade, bem entendida e realizada, o faz “igual aos reis” “um verdadeiro Melquizedeque ou Rei de Justiça, “sacerdote do Altíssimo”, o seja Iniciado e Ministro do Poder Supremo (1).

(1) Veja as referências a este Bíblico personagem, no Gêneses XV, 17-20, Salmo CX, 4 e Hebreus V, VI, VII.

Em que na época atual o triunfo dos ideais democráticos haja relegado a condição de rei a um puro formalismo exterior, ou simples relíquia do passado, a *qualidade real* que se encerra em tal nome, uma vez seja individualmente realizada, será sempre o privilégio mais apreciável e a característica de toda Individualidade Superior.

Rei é pois, quem *rege*, ou seja o contrário de escravo. Reger é dominar, “exercer autoridade e domínio”, autoridade e domínio que não de ser *retos, justos e perfeitos*, ou seja o domínio do superior sobre o inferior. As palavras *regra e retitude* tem mesma etimologia que rei: reinar é pois obrar retamente, ou seja conforme a uma regra superior. O atributo *zedeck* “justiça, retitude” agregado ao hebraico *melek* “rei” para formar o nome de Melquezideck, significa “o Rei por excelência” enquanto tal qualidade o caracteriza como tal.

É interessante também notar que se agrega o título de Rei de Salem, quer dizer: “Rei de Integridade, Paz e Perfeição”, qualidades estas que encarna o verdadeiro Adepto da Arte Real, sacerdote ou ministro da Suprema Realidade.

Cada um de nós, cada Maçom e cada homem, pode ser, por própria eleição, *rei* ou *escravo* em seu próprio domínio individual, segundo conforme sua conduta a Regra da Retitude, convertendo-se em *sacerdote* do mais elevado Ideal que intimamente se revela e que tem o poder de levar em sua vida o reino da justiça, da paz e da perfeição.

A este mesmo reino individual se refere Jesus quando nos disse, em seu Sermão da Montanha (Mateus VI, 24-33):

“Ninguém pode servir a dois senhores; Com efeito, ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus (a Realidade) e a Mammon (a Ilusão, o dinheiro).

“Portanto os digo: Não os oprimeis por vossa vida, pelo que haveis de comer nem por vosso corpo, que haveis de vestir: não é a vida mais que o alimento, e o corpo que o vestido? ...

“Porque os gentios (*profanos* ou pagãos no sentido de escravos da ilusão) buscam todas estas coisas; que vosso Pai celeste (o Princípio de vida em nós) sabe que todas estas coisas tem necessidade.

“Mas busca primeiro o *Reino de Deus e sua Justiça* (ou retitude), e todas estas coisas lhe serão agregadas”.

Esta há de ser, pois, a atitude do Verdadeiro Maçom ou Obreiro do Grande Arquiteto, buscando primeiro (em seu esforço para executar planos) *sua Glória* ou expressão, e por onde, seu Reino: o reino da Real em sua consciência individual, o reino da Retidão e da Justiça em sua vida. Assim se converterá ele também num verdadeiro *Melquezideck*, “Rei de Salem, Sacerdote do Altíssimo”.

“VIVER PARA TRABALHAR”

Viver para trabalhar é aqui o ideal característico e distintivo do Maçom. Fazer de sua vida o meio e a oportunidade para a realização de um Ideal superior, para uma obra ou atividade construtiva em benefício de seus semelhantes.

Buscar *primeiro* o trabalho ou obra por si mesmo, como oportunidade para expressar, exercer e desenvolver seus talentos numa atividade útil para os demais, e enquanto ao salário esperá-lo como “as coisas acrescidas” ao Reino da Retidão e do Princípio Ideal em sua consciência e em seus pensamentos, palavras e ações, com o firme reconhecimento de que “Nele esta a força” e que, por

onde, “O estabelecera” tudo o que há de ser estabelecido para a Perfeição tanto interior como exterior de seu Reino ou Templo.

Construtor e Sacerdote de um Templo Ideal, Rei ou *reitor* responsável de um Reino de Justiça e Retidão, o Companheiro Maçom nunca deve esquecer este glorioso privilégio, que o converte em *artista* da inteligência Universal, e em Obreiro da Liberdade e do Progresso, cooperando com o mesmo Grande Arquiteto, para a expressão dos planos que constituem a Grande Obra Universal da Criação.

Criar não tem, pois, o sentido de produzir *ex-nihilo* que o deram etmológicamente os teólogos para justificar suas teorias, senão que significa fundamentalmente, “fazer, manifestar ou expressar” (da raiz indo-europeu KR, de onde vem o sanscrito *karoti* “fazer” e *Karma* “ação”) *desde o interior a do exterior*, desde o reino da Realidade Invisível ao da Aparência Visível.

Nesta Obra ou atividade criadora manifestada em todo o Universo, o Iniciado nos Mistérios da Construção é a vez *interprete e cooperador*, segundo se deixa guiar por seu Ideal Construtivo que a Inteligência Universal expressa diretamente nele e que constitui sua *parte e responsabilidade* no Grande Plano da Manifestação, que obra constantemente em todos os reinos da vida material e moral, individual e social.

Todo indivíduo, assim como toda a sociedade e o Universo em seu conjunto, é um Templo levantado a Glória ou expressão de tal Inteligência; e é privilégio do Maçom ser *cooperador* consciente e voluntário de tal Inteligência, em vez de deixar-se guiar pelas ilusões exteriores que o fariam escravo das considerações materiais, pronunciando sobre si mesmo a bíblica maldição que conduz aos homens a ‘trabalhar para viver’.

Viver para trabalhar, é fazer do trabalho uma religião, um privilégio e uma gloriosa oportunidade: eis aqui, pois, o Magno Ideal que a Maçonaria revela a seus adeptos, como um dos principais (e, talvez o mais importante) de seus místicos segredos. Reconhecer no Trabalho a fonte de todos os bens e o remédio para todos os males; um Manancial de paz, alegria e felicidade, objeto em lugar de ser meio necessário para a vida e um dever que pesa sobre o homem vulgar como maldição, exaltando-se e enobrecendo-o em sua qualidade de cooperação consciente, inteligente e voluntário com o mesmo Grande Arquiteto do Universo. Eis aqui o mérito maior e a mais sublime entre as finalidades de nossa Augusta Instituição. O descanso, seja o descanso depois do trabalho diário, como também o descanso desejado de uma vida ociosa, resultado de certo número de anos de atividade, cessa de ser para o maçom uma finalidade e se converte na conseqüência de seu trabalho e o meio de reparar suas forças e preparar-se para um novo dia de mais iluminação, fecunda e elevada atividade, segundo o exemplo do mesmo Grande Arquiteto.

OS CINCO SENTIDOS

A especial importância que tem os cinco sentidos no grau de Companheiro não se deve unicamente ao fato de que se referem ao número *cinco*. Efetivamente, se o considerarmos, na união com as faculdades ativas, como *instrumentos de trabalho* e meios pelos quais se realiza a vida consciente e voluntária do homem veremos por que razão se estudam especialmente neste grau.

São, pois os sentidos, as *janelas* pelas quais o Templo de nosso ser e de nossa vida individual se abre no mundo exterior e se relaciona com o mesmo. Destas janelas o Obreiro do Progresso e da Liberdade deve aprender a fazer uso inteligente e construtor para que, em vez de ser como o são

para o homem vulgar, as cadeias que o atam ao poder da Ilusão, se convertam em úteis instrumentos de atividade e, por meio do discernimento, em meio de constante progresso moral e espiritual.

Nosso Templo, no qual se abrem, é uma maravilha de construção elevada por nossa vida individual e pelo impulso evolutivo da natureza, a Glória do Princípio Divino que mora em nós, que nos guia e ilumina, para que manifestemos aquela *perfeição* na que fomos criados, como princípios espirituais “a sua imagem e semelhança”.

Nossos sentidos são *instrumentos* desta mesma construção, a que as impressões constantemente recebidas contribuem diariamente. Ainda mais, a arquitetura de nosso organismo físico, e também de nossa mente, deve considerar-se, no processo evolutivo no que se originou, começando pelas formas mais rudimentárias da vida, como o *resultado*, ou a acumulação e concentração, de todas as impressões recebidas do exterior, assim como das relações ou impulsos que procedem de nosso interior.

Por conseguinte, é de importância vital para o companheiro aprender o uso mais *reto e judicioso* de cada um destes instrumentos exteriores da construção orgânica, em união com os instrumentos interiores que se acham no oco da simbólica coluna da que temos falado precedentemente.

A VISÃO

Por sua importância construtora, devemos considerar a vista com preferência aos demais sentidos, estando estes mais ou menos subordinados as impressões daquela. Por conseqüência, quem se acha privado do dom de ver a luz do dia, nunca poderá ser um verdadeiro maçom ou construtor iluminado na Grande Obra da vida individual e social.

Assim como a Maçonaria Simbólica se acha intimamente relacionada com a faculdade de *ver a Luz* interior do Real, e dirigir segundo esta percepção suas construções ou atividade mentais, assim também a obra de construção orgânica da vida em todas suas formas, se acha intimamente relacionada com esta faculdade de perceber a luz exterior, em que esta percepção pode ser, num principio, obscuro e subconsciente, como parece ser nos vegetais.

Entre os animais, assim como no homem, o particular desenvolvimento do órgão da vista, é um índice de sua maneira de ser e, respectivamente, de seus particulares instintos e de seu desenvolvimento mental e espiritual. A mesma cor de Íris denota a particular tonalidade da visão interior e, como é sabido, esta cor tem uma íntima relação com a do cabelo e a do pele. Segundo se modifica a visão interior das coisas, também se modifica em correspondência da vista física e, por reflexo natural, também se modificam os hábitos e as qualidades específicas da construção orgânica. Uma luz especial nos dá, sobre o sentido da vista, as palavras evangélicas: “Lâmpada do corpo é o olho; assim que, se teu olho for sincero, todo teu corpo será luminoso; mais se ter olho for mau, todo seu corpo será tenebroso. Assim que, se a luz que há em ti são trevas, quantas serão as mesmas trevas?” (Mateus VI, 22-23).

Efetivamente, podemos dizer que nossas capacidades, tanto físicas como mentais, nossa mesma vida e a constituição de nosso organismo se constroem e desenvolvem no mesmo sentido e segundo o caráter particular de nossa visão. Este não quer dizer que o somos dependa exclusivamente do que vemos exteriormente ou do que nos rodeia; a pesar de que o que vemos exteriormente esta muito longe de não ter importância, o valor construtivo e soberano da visão essencialmente firme em nossa particular maneira de ver as coisas, a que depende do que somos.

Há, pois, entre *o que vemos e o que somos*, uma constante ação e reação: *o que vemos*, influenciando nossa mente e nossa imaginação, determina em grande parte *o que somos*, o que pensamos e sentimos de nos mesmos; modifica igualmente nossa visão, tanto interior como exterior. Por esta razão, duas pessoas distintas enfrentadas com a as mesmas coisas, condições e circunstâncias, as verem e consideraram de uma maneira completamente diferente e esta visão e consideração interior fará que tais sejam para elas efetivamente.

Se a visão de uma pessoa é *enferma*, que dizer, fixa ou concentrada na enfermidade, seu corpo estará igualmente enfermo, e sua vida exterior refletirá igualmente, todo outro defeito de sua visão interna. Em compensação, a vista sã fará sãos igualmente o corpo e as condições da vida exterior. Não é pois, exagerado, dizer que *nossa visão é nossa lâmpada* e que segundo sua luz, nosso corpo e nossa vida estarão igualmente ou na luz, ou nas trevas.

ATITUDE POSITIVA E NEGATIVA

Respeito a relações e recíprocas influencia entre a visão exterior e a interior, prevalecerá esta ou aquela segundo seja positiva ou negativa a atitude do individuo. As pessoas *negativas* ou passivas, são as que se acham influenciadas mais fortemente pelo ambiente e as circunstâncias e por conseqüência chegam facilmente vítimas das condições, pessoas e coisas que as rodeiam: uma enfermidade contagiosa, e igualmente um vício ou outro contágio moral ou material, se transmitira mais facilmente entre esta classe de pessoas.

A atitude *positiva* da individualidade, em troca, faz a um sempre menos receptivo e influenciável desde o exterior e conduz, pelo contrário, a um domínio sempre mais completo e efetivo sobre o ambiente e as circunstâncias.

O caráter da atitude interior do individuo pode conhecer-se facilmente. Enquanto as pessoas negativas dão uma importância soberana as circunstâncias, e lançam a culpa as pessoas, coisas e condições que as rodeiam, lamentando-se constantemente o não ser de seu agrado, a personalidade na qual prevalece uma atitude positiva fará exatamente o contrário: nunca se lamentará ou lançara a culpa a nada de quanto o aconteça, senão melhor escusará a todos e a tudo, e em vez de ver as coisas como aparecem, se esforçará em ver e buscar constantemente nas mesmas a realização de seu mais alto Ideal.

Deste exemplo pode inferir-se claramente se a personalidade é negativa, naturalmente escrava das circunstâncias exteriores, e por onde do que se chama fatalidade ou destino, ou bem *livre*, segundo prevalece e domina a visão interior sobre o exterior.

Noutras palavras, a personalidade negativa obrará e regulará constantemente sua maneira de ser, suas considerações, palavras e ações, segundo as circunstâncias; enquanto a personalidade positiva obrará segundo seus princípios, convicções e crenças em qualquer condição ou circunstância.

O desenvolvimento positivo da Individualidade, que liberta ao homem das deficiências, erros e debilidades da personalidade é, pois, um dos fins principais da iniciação retamente entendida. Pode dizer-se que o grau iniciático efetivo de cada qual é o grau de liberdade individual conseguido pelo *eu* em relação com seus impulsos inferiores e as influencias exteriores. Nisto consiste aquela verdadeira *virtus* ou Força Interior (em sanscrito *virya*) que faz ao Iniciado soberanamente livre de todo vício interior e de todo vínculo exterior e, por onde, verdadeiramente *Rei* de seu próprio domínio individual.

Esforçando-se no domínio da visão, ou seja, exercitando-se em ver toda coisa, pessoa ou circunstância seu mais elevado ideal espiritual (note a derivação das palavras *idéia* e *ideal*, através do grego, da mesma raiz *vid* que significa em latim “ver” e em sanscrito “saber”), sem deixar nunca influenciar ou corromper por sua visão externa a visão interior, o Companheiro progredira por esta Senda e, corrigindo constantemente seus erros de perspectiva, ocasionados pelas mesmas influencias exteriores, se converterá num verdadeiro *vidente*, sinônimo de Iniciado no sentido mais pleno e profundo da palavra.

A VISÃO CONSTRUTORA

A atividade individual de cada qual é o campo mais apropriado para o exercício desta *visão espiritual* que, uma vez desenvolvida em toda sua plenitude, dá ao homem o domínio mais completo sobre as condições e circunstâncias externas.

Qualquer atividade, qualquer obra exterior, é, pois, *resultado* e *expressão* da visão interna: tudo o que o homem fez em todas as ordens da vida é o que primeiro realizou, ou se revelou em sua íntima visão. Toda arquitetura e todo Templo é a exteriorização ou realização de uma idéia ou visão anterior e interior.

O mesmo ocorre com a arquitetura vital de nosso organismo e a arquitetura moral e mental de nossa vida: segundo vemos, pensamos, determinamos e fazemos, e segundo a atitude da consciência, determinada pela visão, nossa vida e nossas circunstâncias tomam este ou aquele derrotero.

Nunca se fará bastante fincar o pé nesta importância da visão interna para a vida individual: apesar de que o homem se sinta ligado, condenado ou limitado pelas circunstâncias e as condições de sua vida, na realidade os limites e travas exteriores existem para ele unicamente na medida em que sua visão interior está ligada ou limitada por seus erros e pela incompleta ou imperfeita apreciação que possui das coisas.

Para quem entende e realiza o significado da visão, toda a vida, as circunstâncias e as condições se converteram em preciosas oportunidades para o exercício de uma visão construtora e inteligente, que porá em suas mãos o Cetro do Poder. Então todo limite exterior, todo laço ou trava caíram a seus pés e se converteram em meios e instrumentos de seu progresso.

Seja, pois, a mais inspirada visão construtora em tudo o que pensa e faz, objeto constante dos esforços do Companheiro.

A AUDIÇÃO

Paralelamente a visão, deve o homem constantemente exercitar e desenvolver o ouvido, com o objetivo de não ser mais escravo deste que daquele sentido, senão que o sirvam ambos para alcançar e desenvolver as mais elevadas possibilidades de seu ser e manifestá-las em sua existência.

Assim como o que vemos nos influencia no que somos e se reflete na dupla arquitetura exterior de nosso organismo e de nossa vida, o que ouvimos determina o que pensamos e cremos, sendo base de nossa Fé e confiança em todos seus aspectos, tanto positivos como negativos. Segundo o que vemos, *sabemos*: segundo o que ouvimos *conhecemos*, e da mesma maneira que nossa ciência efetiva depende de nosso discernimento individual e da faculdade de ver interior e exteriormente, assim também a soma de nossos conhecimentos depende de nosso individual entendimento sobre o que ouvimos, ou seja nos faz presente por meio da voz e do som tanto exterior como interiormente.

Há, pois, *vozes* de distintas natureza que constantemente chegam a nossos ouvidos e, segundo as escutamos, dirigem construtivamente ou destrutivamente o curso de nosso pensamentos, de nossas determinações, palavras e ações.

Da mesma maneira que há vozes exteriores que se apresentam a nossa compreensão ou incompreensão como simpáticas ou antipáticas, amigas ou inimigas, justas ou falsas, verdadeiras ou enganosas, também há uma *voz interior*, análoga a visão interior de que temos falado, que constitui em nos o *critério* de nosso conhecimento, e segundo o escutamos nos libertamos de cair em erro.

Assim como o Templo se determina e constrói por meio da visão, assim também a Loja se faz e realiza por meio do ouvido ou do entendimento. A Loja é o lugar onde se manifesta e se escuta o *logos*, o Verbo ou palavra: é pois *o lugar secreto da compreensão* que se encontra sobre a ara ou altar levando por nossos pensamentos no Templo íntimo do ser.

Cuidemo-nos das palavras que tocam a porta do Templo de nosso ser, para ingressar na Loja de nosso entendimento.

Assim como o Guarda templo deve de estar à porta de todo templo maçônico para examinar, por meio do ouvido inteligente a verdadeira qualidade dos que querem ingressar na Loja, assim também esta sempre o guardião interior em seu lugar, a porta do Santuário de nossa Consciência, para vigiar as palavras e pensamentos que queiram ingressar, para que se admitam unicamente palavras e pensamentos construtores. Só os pensamentos construtores conhecem a verdadeira palavra da verdade, e podem vibrar em harmonia com o Verbo Divino que brilha sobre a Ara de nosso ser.

Livremo-nos especialmente de escutar palavras de desarmonia e de discórdia que nos afastam daquela justa e perfeita *conexão* que constitui a base da sociedade, o *cimento* da compreensão que deve existir entre todas as pedras que compõe o simbólico edifício da humanidade, assim como o de nossa Augusta Instituição, semeando em nossos corações a cizânia da divisão.

Que o guardião Interior de nosso *critério* esta constantemente alerta, à porta de nossa consciência, para distinguir e separar o erro da verdade, assim como com o crivo sagrado se separam em Eleusis as benéficas sementes alimentícias do trigo, das tóxicas sementes adormecedoras da papoula!

LER E OUVIR

Ler e ouvir. O mesmo cuidado e critério que pomos em examinar e separar com o crivo do entendimento as palavras que escutamos, devemos aplicá-los em nossas leituras, elegendo-as oportunamente para que sejam efetivamente construtoras no Templo de nossa individualidade inteligente.

Devemos, pois, despejar todas as leituras inúteis, quer dizer, as que não sirvam de alento para nossa alma, nem de estímulo para nossa inteligência ou de necessária informação: as leituras que não respondem a uma destas três finalidades, nunca podem ter para nós e para nossa vida importância construtora, e é muito melhor eliminá-las de antemão que gastar nelas um tempo que podemos empregar mais utilmente em qualquer outra forma.

Isto se faz muito mais necessário hoje, com a impressão econômica e a larga circulação dos periódicos, que noutro tempo.

Por outro lado, de nada serve ler muito, pois o que realmente *sabemos e conhecemos* não depende do que lemos, senão do que pensamos. Nossas leituras devem servir-nos principalmente para “aprender a pensar”, e um livro ou qualquer leitura nos é útil na medida em que chegue este objeto fundamental. Assim é que, quando o temos lido, não somos exatamente os mesmos do que antes éramos, senão que nossa mente se abriu a uma nova compreensão e maior inteligência, e nos sentimos melhor dispostos e animados para enfrentar-mos com as tarefas e deveres de nossa vida diária.

Pelo contrário, são inúteis dissolventes todas aquelas leituras que nos afastam de nossos deveres e responsabilidades atuais e especialmente as que excitam as paixões animais, estimulam ao vício, adormecem as consciências ou exercem uma influência deprimente e mórbida sobre nossa imaginação. Nunca pode ser edificante a descrição do vício, da enfermidade, do crime e da perversidade, o exaltamento do que há em nós de mais baixo, negativo e inferior, ou que simplesmente debilite nossos mais altos ideais e nos afaste daquela exaltada visão construtora que faz possível nosso progresso.

Por conseguinte, se somo sábios, deveram ter o último lugar entre nossos livros as novelas e todo o que constitui pura literatura, limitando-nos a umas poucas realmente escolhidas. Em troca deveram estar preeminentes em nossa biblioteca as obras que elevam, enobrecem e fortificam o espírito, nos inspiram e iluminem nossa senda diária e contribuam em fazer-nos realmente *melhores*.

Tão pouco devemos esquecer que toda leitura em geral, e especialmente a leitura que se leva a cabo sem pensar, deixando que nossa mente e nossa imaginação sejam passivamente dominadas pelo o que lemos, é um incentivo para o desenvolvimento de nossa *atitude negativa*, por enquanto nos faz mais ou menos escravos do pensamento alheio. Por conseguinte, *ler sem pensar* é o que, sobre tudo, devemos constantemente evitar: muito melhor seria, se a leitura sabiamente disciplinada não fora um maravilhoso estimulante espiritual e um meio de progresso intelectual, *pensar sem ler*: ser *pobres* em conhecimentos adquiridos, porém *ricos* em originalidade, intuição e compreensão da Verdade.

Lemos, pois, se o desejamos, e sentimos essa necessidade; porém escolhendo com discernimento nossas leituras, assim como escolhemos nossos alimentos, e nunca simplesmente para encher nossa mente de pensamentos e pontos de vistas alheios.

Falando dos “pobres de espírito”, como dos que podem mais facilmente alcançar o Reino dos Céus (que é também o Reino da verdade) Jesus se referia, evidentemente a esta pobreza intelectual, simbolizada em nossa Instituição pelo *despojo dos metais*, mediante a qual se abre mais facilmente em nos o entendimento espiritual e a percepção direta da Verdade.

A VOZ INTERIOR

Quanto menos se fixa nossa atenção sobre as vozes exteriores e menos se deixa guiar por elas, tanto mais se faz receptiva a *Voz Interior*, chamada também a *Voz do Silêncio* por ser o silêncio dos sentidos, fixa a consciência no que esta dentro de nós, a condição necessária para sua manifestação. Esta voz, que provem de nosso próprio Espírito, ou seja, da parte mais elevada e real de nosso ser, não tem nada a ver com as vozes de diferente origem e natureza que uno pode escutar interiormente, e sua característica essencial é a que nos indica sempre *o melhor e o mais nobre e digno*, o que nos faz progredir, o que nos liberta e nos eleva.

Esta Voz não nos impõe nada, de uma maneira que pode chamar-se autocrática; não nos ata nem nos força sobre um determinado caminho, com severa inflexibilidade. Porém ao mesmo tempo, com a autoridade da Verdade, nos liberta da dúvida e da incerteza e nos indica com toda claridade o melhor caminho, a mais reta, justa e conveniente linha de ação em cada circunstancia; também nos ensina como soltar-nos dos laços que nos atam a nossas tendências inferiores, e como despejar nossa senda dos obstáculos que sobre a mesma se encontrem. Se acha sempre presente em nossa consciência, em que só podemos ouvi-la quando nos pomos em condição de receptividade, cessando de escutar as vozes exteriores e calando nossos mesmos pensamentos. Assim como a agulha da bússola esta constantemente dirigida para o norte, assim também esta bússola de nosso ser se acha constantemente dirigida para o vértice de nossas mais elevadas possibilidades.

“Escutar esta voz”, é para o Companheiro uma necessidade vital, por ser Guia mais seguro sobre o qual pode uno contar em qualquer momento e em toda circunstância. A espada apontada sobre o peito, no decurso da quinta viagem, precisamente indica esta necessidade vital.

É a voz do Gênio Individual que se acha no centro da mística Estrela de nosso ser: o Princípio no que temos nosso *Gêneses* como seres conscientes e individualizados e cuja missão é conduzir-nos a plenitude *Gnoses*, a íntima realização da Verdade.

O TATO

Por meio do tato o Maçom reconhece as asperezas da pedra bruta ou semi-lavrada e se acha assim em condição de retificá-las, conseguindo a perfeito alisamento que fará ressaltar e porá em evidência seu tetrágono de pureza.

Porém o tato do Maçom iniciado nos secretos mistérios de sua Arte, não pode limitar-se a esta observação superficial: por meio do toque, com o que os maçons dos diferentes graus se reconhecem, se acha em condição de penetrar com sua inteligência até o fundo das coisas, e assim reconhecer a *qualidade interior* de toda pedra com a qual se acha em contato, qualidade que passará constantemente inadvertida pelo profano.

Conhecer as qualidades interior das coisas, penetrar mais além de sua aparência é, pois, o fim e objeto real deste sentido que, em que pareça menos nobre que seus refinados irmãos, não é por isso menos importante que eles enquanto nos permite *pormos em contato* com as demais coisas e estabelecer uma íntima relação com as que nos rodeiam.

Um tato refinado é uma qualidade necessária para todo verdadeiro maçom; por esta razão, quando teriam que dedicar-se às suas mais rudes tarefas, nossos predecessores operativos protegiam suas mãos com as luvas simbólicas que também com o hoje em dia se presenteavam ao neófito, no primeiro dia de sua iniciação, para que conserve, com a pureza das mãos, a pureza de seus intentos, qualquer seja o gênero de trabalho em que as ocupe e qualquer que sejam as circunstâncias.

Um tato refinado, tanto moral com materialmente, é pois, o distintivo de toda natureza superior e se revela na forma das mãos, e particularmente das dedos que atentamente examinados, nos dão úteis indicações sobre a inteligência e qualidades morais de seu possuidor. *A falta de tato*, ou um tato grosseiro é, pelo contrário, característica das naturezas vulgares. Reconhecendo por meio deste sentido, as íntimas qualidades das pessoas com as quais nos achamos em contato, podemos guiar-nos mais sabiamente em nossas relações com elas.

Atuar com o tato é coisa de maior importância, pois disso depende o êxito ou o fracasso em determinadas circunstâncias. Porém, sobre tudo, deve servir-nos o tato para evitar que nossas próprias asperezas possam ferir a nossos semelhantes; por esta razão o maçom prudente põe todo seu empenho em eliminá-las. Só assim pode estar seguro de não lastimar a nada.

Conhecendo melhor, em sua íntima natureza, a nossos semelhantes, ademais de ter um guia em todos nossos atos, se faz mais fácil *vibrar em simpatia* com eles e estabelecer aqueles laços de fraternidade e amizade mediante os quais nos manifestamos como seus verdadeiros companheiros. Estamos também em condição de ajudá-los efetivamente, sempre que seja útil e necessário.

Em que não seja dado ao Companheiro realizar as possibilidades mais elevadas deste sentido, se lhe concede em troca o conhecimento que, por meio do tato, lhe é possível expressar seus sentimentos e aquela solidariedade que se revela mediante o contato de duas mãos que estreitam materialmente o laço de simpatia e a benevolência recíproca que as une: *assim como o ouvido é o meio pelo qual adquire e se estabelece a Fé, com a vista se realiza a Esperança, e pelo tato se revela o Amor.*

Seja, portanto, sua mão direita, constantemente inspirada pelo que de mais nobre há em seu coração, enquanto a esquerda se levanta a altura de seu mais alto Ideal, para que em todo contato se manifeste e se expanda a *chama interior* que caracteriza sua qualidade de verdadeiro Companheiro, para quantos reconhece como *irmãos*.

O GOSTO

Por meio do gosto, em sua condição normal e natural, se reconhece a qualidade nutritiva e assimilável dos alimentos, e seu conseguinte utilidade na Obra de Construção de nosso organismo material, obra que não se acaba até o último dia da existência terrenal. É pois, necessário, que o Maçom aprenda o uso devido deste sentido, de que depende em grande parte a saúde e pureza de seu Templo orgânico e vivente.

Uma ofensa a este sentido (que em nosso Templo material tem o ofício de Guarda-templo) assim como a seu próprio Templo, faz quem avaliza brutalmente o alimento pela garganta, tragando-o avidamente, antes que seja devidamente preparado na *Sala de passos perdidos* da boca, para ingressar em tal Templo.

Todo bocado de alimento deve, pois, permanecer placidamente em tal Sala o tempo necessário para despojar-se de sua qualidade profana e adquirir a de verdadeiro *construtor* no Templo em qual deseja ingressar.

Portanto, o alimento há de ser devidamente ensalivado, dissolvendo-se inteiramente suas consistência externa, assim como se dissolve a do candidato no Quarto de Reflexão, para adquirir aquela perfeita fluidez que lhe permite passar *como iniciado* e tomar parte construtivamente no labor do organismo.

Esta é a única maneira por meio da qual o Templo que mostra vida orgânica levanta a Glória do Grande Arquiteto, seja construído com pedras perfeitamente lavradas, e possa converter-se num mais perfeito veículo de nossa Individualidade, em meio de um toque adequado, de cada uma de suas partículas.

Nunca esqueça, pois, o Companheiro, sua categoria e responsabilidade de *construtor* consciente do Templo de sua vida material, e não dispense tão facilmente, como o faz o profano, o Guarda-templo de seu dever e ofício, desde o momento em que se abrem e até que não se encerrem os trabalhos

diários de alimentação. Se é a razão pela qual muitos templos chegam ineptos para as funções as quais estão destinados e caem prematuramente em ruínas.

Sem dúvida, a função do gosto não se limita a vigilância que deve exercer sobre nossos alimentos materiais, senão que, como a dos precedentes sentidos, tem também um aspecto moral e espiritual que o Companheiro deve tomar em devida consideração.

Nosso gosto deve estender-se, pois, a tudo o que o ingressa no Templo de nossa vida interior, a tudo o que elegemos para nossa vida exterior, a tudo o que fazemos, como expressão de nossa Generalidade Individual, e a tudo o que é objeto de nossa atenção ou atividade. E não há de ser, como não deve sê-lo no Templo orgânico, um gosto superficial, senão que deve penetrar na íntima constituição de cada coisa e fazê-la perfeitamente assimilável por nosso ser.

Assim como toda construção material revela o gosto particular do arquiteto, assim também nosso organismo revela nossos gostos alimentícios, e nossa vida e nossas obras patenteiam o gosto espiritual de nossa Individualidade.

O OLFATO

O olfato se acha estreitamente relacionado com o gosto, cujas funções comparte. Podemos dizer que é o Guardião Exterior de nosso Templo orgânico, enquanto ao primeiro melhor lhe compete a função e o privilégio de Guarda Interior: o olfato, pois, muitas vezes, nos faz eleger ou rechaçar os alimentos antes de degustá-los, advertindo-nos com antemão de sua qualidade inapta para a função eminentemente construtora a qual unicamente hão de ser destinados.

Igualmente nos indica o grau de pureza, e respirabilidade do ambiente em que nos encontramos, e nos adverte dos venenos que podem falar-se nos eflúvios atmosféricos e que atentam a saúde e eficiência funcional do organismo.

Como o ar que respiramos tem uma especial influência sobre a parte mais sutil e delicada de nosso organismo, sobre o sistema nervoso e Etérico, e, por onde, sobre nossa inteligência, enquanto afeta seu poder de expressão, sua claridade ou sua torpeza e morbidez, é assim, de extrema importância que tenhamos em conta suas advertências, evitando todo ambiente impuro.

Em tal sentido deve particularmente combater-se a atitude daqueles irmãos que, em vez de encontrar em nossas reuniões simbólicas uma oportunidade para dominar seus vícios, prostituem o lugar sagrado em que se encontram com a nicotina que o faz mais ou menos irrespirável para os demais e para si mesmo, afastando aquela *elevação* que ali deveria reinar constantemente. Pelo contrário deve gabar-se a costume, que se vá estendendo cada vez mais, de perfumar sobriamente com incenso o lugar durante as reuniões, pois este odor, além de ser agradável, tende a elevar os pensamentos e a atitude espiritual dos presentes e favorece a concentração da mente e sua claridade, enquanto confere ao ambiente uma tonalidade superior, predispondo aos irmãos a uma atitude mais conforme com as finalidades da Ordem.

Como os demais sentidos, tem o olfato também um aspecto moral e espiritual, que não devemos descuidar.

O *odor* representa, pois, o que cada ser e cada coisa manifesta ou expressa a seu redor no ambiente que o rodeia: toda forma orgânica faz manifesto, por meio do odor que desprende, seu próprio estado de vida ou de morte, sua condição de saúde ou enfermidade, sua alegria e sua tristeza.

Igualmente há *odor* de vício e de virtude (é conhecido o odor de santidade), odor de verdade e de erro, odor de bondade e de maldade, odor de serenidade e de inquietude, de paz e de luta, de harmonia e de desarmonia.

Por conseguinte, o Companheiro terá o dever de refinar seu olfato espiritual, para estar em condições de reconhecer a qualidade e natureza do ambiente em que se encontra e do ar que respira, introduzindo-o em seu próprio Templo Individual.

Porém, sobre tudo, tem de vigiar seu próprio odor, pois este manifesta o que ele é. Por seu próprio odor, refletido em todas suas ações, se conhecerá melhor a si mesmo, e terá assim um auxílio mui oportuno para responder a pergunta: Quem somos?, que tem particular importância para seu grau.

É sabido que as diferentes raças humanas se distinguem entre si por seu odor, e todos sabem, ademais, como os cães e outros animais podem distinguir por meio do odor a diferentes indivíduos da espécie humana, e também, quando menos em parte, suas atitudes. Nem todos sabem sem dúvida, que nossas mesmas emoções podem manifestar-se fisicamente por meio de um odor característico, e é por esse odor que o medo, por exemplo, irrita e excita a certos animais, predispondo a quem o expele a ser assaltado por estes.

Ainda mais, cada pensamento, cada atitude da mente, o mesmo que cada individualidade, tem seu próprio odor, em que raramente se acha perceptível fisicamente; porém, nosso olfato mental no faz a miúdo capazes de reconhece-los, e assim como se explicam certos casos de telepatia e pressentimentos. Este nos faz ver ainda mais a importância de cuidar nosso odor, que facilmente pode trair-nos, dado que não pode a menos de revelar o que interiormente, e especialmente em nosso ser subconsciente, somos.

NOSSOS TALENTOS

Todos indistintamente temos *talentos* ou faculdades pelas quais há de se expressar nosso ser interior e revelar-se, numa forma sempre mais plena e perfeita, nossa Individualidade. Algumas destas faculdades são evidentes ou ativas, outras se encontram num estado latente ou potencial, e esperam a ocasião de manifestar-se e revelar-se a Luz em atividade produtiva.

Tarefa fundamental da existência é o uso de nossas faculdades e capacidades atuais; por meio do uso estas se desenvolvem e se fazem sempre mais perfeitas e eficientes, e se manifestam progressivamente as que se encontram em nos em estado todavia latente, das que não temos ainda conhecimento e consciência.

Devemos fixar bem nossa atenção sobre o fato de estas faculdades ou talentos se desenvolvem e multiplicam pelo uso. A este uso precisamente alude a parábola que se encontra no capítulo XXV de Mateus e no capítulo XIX de Lucas.

Cada um de nós é como aqueles servos que receberam de seu dono um cinco, os outro dois e o último um talento, “cada qual conforme a sua faculdade” para que fizera dos mesmos um uso adequado, do que deviam dar-lhe conta a seu regresso. O primeiro e o segundo empregaram seus talentos e os redobram, recebendo depois os elogios de seu senhor, que o disse a cada um deles: “Bem, bom servo e fiel; sobre pouco hás sido fiel, sobre muito te porá”.

Enquanto ao último, temerosos da cólera de seu senhor por si haverá perdido, escondeu o talento recebido na terra, e seu dono, como castigo retomou ao seu regresso, para dá-lo ao que já tinha dez.

Assim é de nós: temos recebido de nosso dono (o Princípio da Vida que mora em nós) a um, cinco, o outro dois e outro um só talento. Porém, qualquer que seja o número e a qualidade destas faculdades e potencialidades íntimas que temos recebido desde o nascimento, como herança de um passado do que temos perdido a memória, todas indistintamente nos não sido entregadas *para o uso*: se as usamos, crescerão e se multiplicarão, desenvolvendo-se em nós as que se encontram todavia latentes, e receberemos os elogios de nosso Senhor que representa nosso próprio Ser interior, o mesmo que a Lei Causativa da vida. Porém se fazemos como aquele servo, que havendo recebido um só talento (por não ser capaz de usar mais) o escondeu na terra, ou seja, descuidamos fazer o melhor uso de todas nossas faculdades, esta se atrofiam, e será como se não as tivéssemos.

O *número* dos Talentos mostra evidentemente o grau de desenvolvimento de nossa inteligência e de suas possibilidades, que caem escondidas na terra do esquecido se não fazemos delas um uso constante, porém que nos dará, ao contrário, o poder e a capacidade de adquirir outras novas e mais preciosas.

Não pode tão pouco o número cinco deixar de referir-se aos cinco sentidos que desenvolvem a Inteligência na plenitude simbolicamente indicada no grau de Companheiro e representados pelas cinco pontas da Estrela.

A primeira destas faculdades é a consciência: por meio dela podem desenvolver-se todas as demais; da consciência se desenvolve a percepção ou capacidade de ver e compreender. São as duas faculdades elementares, das quais o servo com dois talentos desenvolveu outras duas: a memória e a imaginação.

O homem com cinco talentos, que corresponde ao Companheiro Maçom, possui, além destas quatro faculdades elementares, o juízo ou razão, simbolizado no estudo da *lógica* (pois com as quatro primeiras não se pode conhecer mais que a *gramática*), por meio da qual se acha no grau de adquirir novos e mais preciosos talentos, que se desenvolvem desde o *centro* causativo da Estrela a sua periferia operativa.

Estará assim em condição de desenvolver plenamente também a compreensão e a intuição, e por meio destas se fará forte também na *retórica*, que é a arte de expressar o pensamento em genialidade criadora e construtora.

A intenção esotérica da parábola dos talentos se faz, pois, claramente manifesta, por meio dos números 5 e 10 que, respectivamente, representam a plenitude *potencial e operativa* das faculdades do homem, e maçonicamente o Companheiro que realiza suas possibilidades com Mestre Perfeito. Os homens de um e de dois talentos evidentemente representam ao profano e ao aprendiz, demonstrando o segundo a capacidade de progredir que permanece todavia latente no primeiro.

Como aplicação operativa da parábola dos talentos, se deve ademais fazer fincar pé sobre o ponto que toda nossa vida tem com objeto especial, seu uso e seu desenvolvimento; que para este objeto cada circunstância é sempre, naquele momento, para nós, a *oficina* mais apropriada; e que, no fim, todas as dificuldades nas que um pode encontrar-se num momento dado, tem por causa a falta de uso de algum talento todavia oculto na terra potencial de nosso ser, para cujo desenvolvimento essa dificuldade representa a oportunidade, e por cujo o desenvolvimento e uso unicamente pode essa dificuldade solucionar-se.

A auto-cultura ou cultura de um mesmo, em suas múltiplas acepções será por conseguinte objeto dos esforços do Companheiro, com o fim de desenvolver suas faculdades e potencialidades latentes que, como temos dito, devem manifestar-se progressivamente da letra G que constitui o centro de sua Estrela individual.

A auto-cultura se baseia, pois, sobre o reconhecimento de que em nós se encontra, em estado latente, o germe de todas as possibilidades e que devemos empenhar por *adquirir consciência delas* para que se convertam em poderes ativos e qualidades operativas em nossa vida. O uso de uma determinada faculdade, pressupõe naturalmente um primeiro grau de consciência da mesma, patenteado no desejo ou vontade de expressá-la; e o esforço para o uso, ativa e exterioriza este desejo potencial. Por sua vez, todo uso contribui ao maior desenvolvimento da consciência da faculdade, que desta maneira se expressa em nós *desde o interior ao exterior*, e se faz evidente por seus efeitos, ou produtos visíveis da atividade da mesma faculdade; persistindo no uso, tal faculdade se possui de uma maneira sempre mais plena e completa e, com seu amadurecimento, abre o caminho para a expressão de novas faculdades, e das possibilidades que naturalmente germinam delas.

Por conseguinte a Auto-cultura é uma ciência e uma arte que se aplica na vida, e pode dizer-se que é idêntica, praticamente, a Ciência e a Arte Real que nossa Instituição nos revela por meio dos símbolos da construção.

Cultivar-se a si mesmo, desenvolver as faculdades, potencialidades e poderes que se encontram em estado latente em nosso ser, é uma tarefa que compete ao Maçom em todos os graus, e a mesma iniciação pode considerar-se como *ingresso* na consciência de uma determinada faculdade ou poder. Há pois, efetivamente, uma distinta *iniciação* por cada uma das faculdades e potencialidades latentes em nosso ser, por meio das quais nos convertemos em *aprendizes* daquela mesma faculdade; progredindo no uso dela passamos do grau de aprendiz ao de companheiro e, uma vez que dominamos por completo, somos mestres daquela faculdade, que se converteu num *poder* que se exerce em nossa vida.

A EXPRESSÃO DOS TALENTOS

Toda nossa vida e todo nosso ser são também uma progressiva manifestação desde dentro para fora, ou seja, a potencialidade espiritual latente, a capacidade ativa e consciente, e desta a atividade exterior que faz evidente uma faculdade ou poder, traduzindo-o em efeitos visíveis.

Esta é a Lei Soberana que preside a todo desenvolvimento, a todo o que em nossa vida pode manifestar-se e que nunca é obra da causalidade, senão sempre expressão de uma atividade ou estado de consciência íntima, o efeito visível de uma Causa Invisível que se acha em nosso ser. Nada vem por si mesmo, senão que todo se produz ou é atraído desde dentro, por efeito de um correspondente estado de consciência, ou maneira e condição de ser.

Assim se expressam em nós nossos *talentos*: uma aspiração indefinida é o primeiro impulso com o que tocam a *porta* de nossa consciência, manifestando-se, uma vez reconhecidos, numa aspiração ou um desejo determinado e preciso. Este desejo produz o esforço e ambos reforçam e fazem sempre mais clara a *consciência* do talento, por meio do qual chega o mesmo a possuir-se num estado todavia rudimentar e, por meio do uso, se desenvolverá depois em toda plenitude.

De nada serve, pois esperar *passivamente* algo do exterior; unicamente podemos fazê-lo segundo este “algo” que se estabelece em nossa mesma consciência, como talento, faculdade ou poder ativo,

que realiza em nós interiormente a condição necessária para sua manifestação exterior. De nada serve resignar-se inativamente a condições ou necessidades exteriores que não sejam de nosso agrado: o que devemos fazer é buscar *dentro* na expressão do talento correspondente, a capacidade, a força e o poder, por cujo o meio podemos atrair para nós o que desejamos e libertar-nos das condições que nos limitam e demais coisas indesejáveis. Em vez de obstáculos e dificuldades, devemos considerar a estas como *oportunidades* para a expressão dos talentos correspondentes, que só podem desenvolver-se e converter-se em poderes ativos com o uso que os faz da latência a potência.

Não se refere esta Lei unicamente as qualidades interiores, senão também se aplica as coisas e condições externas.

Qualquer coisa que podemos desejar, qualquer condição ou circunstância, tem sua raiz e o poder ativo que pode atraí-la ou manifestá-la ao redor de nós num *talento* correspondente de que devemos adquirir a consciência, a expressão e o uso. E no processo de manifestar tal talento cresceremos em harmonia com as possibilidades que o mesmo nos concede.

A riqueza, as honras, e a satisfação de uma determinada ambição ou desejo, não podem lograr-se senão na medida em que um se esforça no desenvolvimento e o uso de *seus próprios* talentos, pois todo - todo indistintamente - deve manifestar-se primeiro dentro, como consciência e atividade, depois do qual podemos esperar ver sua expressão exterior nas condições desejadas, formadas e atraídas para nos por aquele determinado estado de consciência ou condição interior que, por haver-se *estabelecido*, como potencial ativo, se faz fecundo e produtivo.

Tudo o que podemos desejar, querer ou ambicionar deve ser, por conseguinte, o primeiro impulso *iniciador* para a expressão de nossos talentos individuais no trabalho ou atividade particulares que se acham mais adequados a sua plena manifestação.

Com o que acabamos de ver sobre os sentidos e talentos estamos agora em melhores condições de compreender a Religião do Trabalho, sobre a qual especialmente deve concentrar-se a atenção do Companheiro, para o uso operativo dos princípios adquiridos com o estudo.

NOSSA ATIVIDADE

Nossa atividade ha de ser a que melhor expresse nossos talentos individuais e nos revele nossas mais elevadas e melhores possibilidades.

Para cada ser humano, e especialmente para quem aspire a progredir, ha algo em que pode esforçar-se melhor que em toda outra coisa, algo que ele pode fazer melhor que os demais, e no qual pode, por conseguinte, ter mais êxito e fortuna. Não é esta, pois, uma deusa cega, qual se figuram os homens vulgares, e a venda que cobre os olhos é, em realidade, uma imagem da ignorância dos que não conhecem a Lei justa e perfeita que governa a todo ser e a toda coisa, tanto as que nos parecem mais importantes, como as que consideramos insignificantes.

Tenha pois o Companheiro, um Alto Ideal de sua atividade e aspire sem medo para ele, para o que melhor encha suas aspirações e desejos. Porém saiba também que seu poder de logra-lo estriba primeiro em que, por meio de tal atividade se proponha, como coisa fundamental, *ser melhor e mais útil para seus semelhantes*; e segundo, que é igualmente necessário que se faça digno dele, possuindo a capacidade e estando em condições de fazer devidamente todas as obrigações que se relacionam com essa particular atividade.

Sem dúvida, qualquer pode ser esta atividade ideal, conforme a suas mais elevadas aspirações, não deve este conduzi-lo a desprezar sua atual ocupação seja qual for o gênero da mesma, ou descuidar seus atuais deveres. Tão pouco há de conduzi-lo a recusar ligeiramente uma particular atividade ou trabalho que se lhe apresente e que possa fazer utilmente.

Ao contrário, nosso trabalho atual, e aquele que espontaneamente se nos oferece, em que se nos apareça inteiramente distinto do que havemos desejado, devemos considerá-lo como o meio e a oportunidade que se nos deparam para desenvolver os talentos de que mais necessitamos na atualidade, e ao mesmo tempo como o único, mais direito e melhor caminho que pode conduzir-nos a realização de nosso Ideal, apesar de que não vemos na atualidade sua razão de ser.

Sem deixar de aspirar constantemente para o melhor e mais elevado, segundo indica o *compasso* de sua inteligência, seja ao mesmo tempo *régua* prática do Eclesiastes (IX-10) : “Tudo o que vem a mão para fazer, faça, segundo tuas forças”. Tudo quanto nos apresenta, em qualquer momento é, pois, *nossa oportunidade* para aquele dia, e nunca deve o Companheiro descuidar das oportunidades, por ser estas os meios para desenvolver e multiplicar com o uso, indistintamente, todos os talentos que possuímos ou necessitamos.

Qualquer coisa que façamos, devemos realizá-la “segundo nossas forças”, quer dizer, *o melhor que podemos*. Pois sua utilidade direta, o simbólico e melhor salário que podemos sacar de nosso esforço, é *nosso próprio desenvolvimento* na direção do trabalho oferecido a nossa oportunidade. Quem se encontra temporariamente desocupado, faça-se estas duas perguntas:

O que de melhor posso fazer? em que posso *usar* meus talentos atuais e *desenvolver* minhas possibilidades latentes?

O que é que posso fazer *agora* que seja mais útil para meus semelhantes e as pessoas que me rodeiam?

Fixe sua mira ali onde se concentram todas as aspirações mais profundas de sua alma, e disponha-se *agora mesmo* a proceder neste caminho. Faça este trabalho “segundo suas forças”, o melhor que pode, cessando de preocupar-se por suas necessidades imediatas ou longínquas, e concentrando *toda* sua atenção no esforço ou atividade, pois a solução de seu problema não pode encontrar-se senão no uso atual de seus talentos.

ALEGRIA, FERVOR, LIBERDADE

Qualquer seja sua obra ou atividade, o Companheiro deve fazê-los *com alegria, fervor e liberdade*. Eis aqui três condições que não devem esquecer-se nunca, pois do contrário viveremos constantemente desfraldados de nosso melhor salário. Segundo posso o Companheiro afastar de si toda preocupação relativa a seu salário material, concentrando toda a atenção na obra, e fazendo-a à *Glória* do Grande Arquiteto, ou seja com expressão de seu ser mais elevado e de suas internas faculdades, e como *cooperação* com o mesmo Princípio Construtor do Universo e do Ser, como individual entrega para expressão de um dos *planos perfeitos* dessa Grande Inteligência: qualquer que seja a natureza humilde ou elevada de sua obra, melhor saberá cumprir com sua tarefa, e se encontrará capaz de fazer frente a todas suas necessidades e deveres, dado que o G.: A.: *jamaiz* esquece de seus fiéis obreiros.

A *alegria* é uma expressão natural de nossa alma, uma luz que se faz interiormente afastando de si toda sombra e iluminando nosso mundo interior, um raio de sol que penetra na estância mais íntima de nosso ser.

E que melhor expansão e alegria pode existir em nossa alma, que aquela que acompanha a expressão de nossas faculdades mais elevadas? O trabalho feito a Glória do Grande Arquiteto, é pois, Fonte inesgotável da Paz, verdadeiro Gozo e Alegria, remédio soberano para toda forma de tristeza, melancolia e enfermidade moral.

O *fervor* nasce do empenho da atenção que pomos na obra: é um fogo que se ascende em nós, um calor que invade toda nossa alma e afasta o cansaço, a preguiça e o aborrecimento, como o benéfico calor que se produz em nosso organismo por sua harmônica atividade.

Qual o melhor fervor pode, pois, produzir-se em nós que aquele que produz naturalmente do conhecimento e da realização interior de que estamos cooperando com o mesmo Grande Arquiteto do Universo para a expressão de um de seus planos? Como pode haver um entusiasmo são, equilibrado, sereno e imperturbável, que afasta de si toda preocupação moral e material, senão fazendo do mesmo trabalho a mais prática entre as religiões?

Este reconhecimento nos liberta igualmente de toda forma de escravidão, interior como exterior, econômica como moral: nos dá aquele perfeita e soberana *liberdade* que não nos seria possível conquistar efetivamente de outra maneira.

Seja nossa atividade pessoal independente, ou sujeita as ordens de um patrão ou superior, qual é na realidade nosso verdadeiro Chefe, Mestre e Superior, senão o mesmo Grande Arquiteto do Universo, nosso Pai e o Princípio de Vida que mora em nós? Que outra liberdade mais absoluta das preocupações materiais podemos conseguir, fora da que se realiza por meio do reconhecimento profundo de nossa alma que, ao trabalhar sob suas ordens e *para a expressão de seu Plano Perfeito* no mundo, tem que prover-nos de tudo o que necessitamos para nosso mesmo trabalho, assim como para a ávida material, exigindo-nos só por Nele a *confiança mais completa, absoluta, serena e imperturbável?*

A afirmação que nasce da união das duas palavras sagradas do Aprendiz e do Companheiro, complemento, este, necessário da primeira, *estabelecerá* em nós aquele perfeito estado de consciência que nasce da Fé e da Esperança que se unem em uma só Força Onipotente e Invencível, sendo o ato de fé da Religião do Trabalho que todo verdadeiro Maçom deve esforçar-se por realizar e fazer efetivo em sua vida.

OS "TALENTOS" MATERIAIS

Além dos *talentos espirituais* ou interiores, ha que considerar os *talentos materiais* ou exteriores com os quais pode um ser dotado pelas circunstâncias e que, como os primeiros, o foram confiados unicamente *para o uso*, sendo por conseguinte o uso inteligente e sábio dos mesmos, feito com toda justiça e equidade, a primeira condição para que possa só conservar sua possessão, e para que se lhe multipliquem.

O que não se usa, acaba por perder-se, ainda com o direito de tê-lo. Unicamente o uso sábio e inteligente pode garantir uma possessão, qualquer que seja sua natureza espiritual, moral ou material.

Esta Lei Soberana nos explica a razão espiritual e a perfeita justiça dos chamados “golpes de fortuna”, pelos quais chega um a perder quanto tinha - bens, possessões, posição social, honra e dinheiro -, da mesma maneira que se atrofiam as faculdades ou talentos interiores que não se exercem: sempre ha, pois, uma profunda razão e uma finalidade fundamental benéfica, que se escapa a observação superficial, revelando-se a uma mais atenta consideração de toda coisa e acontecimento.

Em todo sucesso de nossa vida, em todo o que se verifica em redor de nós, ha *uma lógica oculta* que se nos revela na medida em que penetramos através da aparência e reconhecemos *o lado interior* das coisas. Pois, como temos dito, toda coisa exterior tem uma raiz interna, da que se produz e se manifesta exteriormente: secando-se e desaparecendo a raiz, a árvore também tem que secar-se e morrer, com todas seus ramos, folhas, flores e frutos.

Igualmente a semente que se desenvolve em nosso ser íntimo, por mínima que seja, pode desenvolver-se e produzir a árvore maior e esplendida. Cada talento é uma tal semente, ima potencialidade interior ou ideal de infinitas possibilidades concretas.

Faça, pois, o Maçom, o uso mais sábio dos talentos materiais, dos quais é atualmente possuidor: profissão, posição, riqueza, posses, oportunidades. Seja um, sejam dois ou cinco *talentos*, faça cada qual o melhor uso que pode dos mesmos, desde o ponto de vista mais elevado, para que redunde em benefício tanto de si mesmo como de seus semelhantes. Pois deles deve dar conta a Quem se lhes confiou e segundo seu uso pode conserva-los e multiplica-los, e igualmente perde-los.

Tudo o que um possui, seja qual for seu título para tal posse, há de servir para o bem de todos, sendo útil para coletividade, o ambiente e a sociedade em que se encontra. O mesmo deve ocorrer com seus talentos interiores como com os exteriores. Isto pode e deve entender o Companheiro muito melhor que o Aprendiz, por ser menos escravo que este do egoísmo e da ignorância profanos. Este é o mais verdadeiro *comunismo* que a Maçonaria quer realizar, por meio de seu poder espiritual, e que não deve confundir-se com a interpretação profana de tal palavra, entendida e realizada geralmente por meios exclusivamente materiais: não se despoje a nada do que possui, senão unicamente aprenda a despojar-se do egoísmo (que é a *terra* na que o servo infiel temeroso sepultou seu único talento) e fazer assim o uso mais sábio, inteligente e proveitoso de todos os talentos de que lhe dotaram a Natureza e a Vida, por seu próprio mérito e pelas circunstâncias.

DEVERES DO COMPANHEIRO

A qualidade de Companheiro é, como temos dito, a *confirmação* da de Aprendiz; neste segundo grau se faz portanto mais íntimo seu nexo com a Instituição, da que compreende melhor as finalidades e, por conseguinte, lhe compete uma melhor e mais fiel observância de seus deveres de Maçom.

Deve especialmente distinguir-se, e ser um modelo para os Aprendizes, por sua assiduidade e exatidão nos trabalhos da Loja a que pertence, não permitindo que nenhuma razão profana seja tão forte de impedir-lhe sua constante e fiel assistência nas conquistas, afastando-se deste *primeiro e mais elementar* dever para a Instituição.

A efetividade e o valor dos trabalhos de uma Loja depende, em primeiro lugar, da fidelidade e assídua assistência de todos seus membros: quem transgrida este primeiro dever, negando a Oficina a que pertence a cooperação de sua presença nas conquistas, que, se por si só é suficiente a

demonstrar sua boa vontade, quando falta sem grave motivo, demonstra da mesma maneira que é indigno de pertencer a sua Loja, e a Instituição.

A Maçonaria é, pois, *a resultante* do esforço coletivo e cooperativo de todos seus membros indistintamente, que se agregam em Lojas segundo suas recíprocas afinidades ideais, para poder assim levar a cabo um labor comum. Cada *membro* deve ser tal em toda a extensão do término, levando constantemente, segundo suas forças, a função que lhe compete, como o membro de um organismo, que cessaria de ser tal quando a atividade e presença de alguma de suas partes se suspendera por intervalos regulares ou irregulares.

Dada a importância da fiel assistência nos trabalhos, *nunca* deveria conceder-se o aumento de salário ao Aprendiz que não demonstre esta primeira e necessária condição para ser um bom maçom, pois nunca pode converter-se em tal, quem não cumpre com tal dever elementar. O salário efetivo e desejável para todo maçom é, pois, *a verdadeira compreensão da Arte* em sua profunda essência e em suas finalidades universais, e esta compreensão (que é o *segredo* real da Instituição) não se consegue senão como prêmio ou *salário* da fidelidade e da perseverança individuais.

O interesse das conquistas é igualmente a resultante do interesse individual de seus membros em concorrer fielmente as mesmas, primeiro com sua pontual assistência, e segundo com a cooperação ou entrega ideal, de acordo com suas capacidades, interesses e atividades. As conquistas se farão sempre mais interessantes quando todos os membros de uma oficina concorram regularmente e levem o tributo de seus talentos, fomentando-se as discussões serenas e construtivas, num ambiente de perfeita tolerância e cordialidade.

Pois em que não seja pelas discussões que pode chegar-se a Verdade, com a convicção pessoal de cada um dos que escutam, estas servem para estimular a pensar e refletir e a opinião individual, serenamente expressa por cada um dos presentes com perfeita tolerância da opinião dos demais, constitui uma ótima *matéria prima* para o trabalho pessoal dos ouvintes.

Por outro lado, não é indispensável possuir uma inteligência brilhante e uma clara penetração para ser um bom maçom e levar uma contribuição apreciável e efetiva as conquistas. A *presença silenciosa* de quem está animado por um verdadeiro espírito de fraternidade e cooperação, assim como pelo desejo de progredir na compreensão das finalidades da Ordem e converter-se num bom maçom, não deve considerar-se por nenhum motivo como menos valiosa e desejável que aquela cooperação intelectual mais brilhante, porém não sempre igualmente sólida em sua base moral e filosófica. Esta última é, pois, a que *faz* ao verdadeiro maçom, e a melhor inteligência de nada serve quando falta este sólido fundamento sobre o qual unicamente pode ser edificada essa preciosa qualidade.

O pensamento em si mesmo (especialmente se baseia sobre uma profunda convicção fraternal) é uma força poderosa, sobre tudo se acha convenientemente expressa num verbo exterior adequado. E o Companheiro que, em vez de esforçar-se em brilhar diante de seus irmãos por seus conhecimentos e dotes intelectuais, põe todo seu empenho em converter-se *interiormente* num bom maçom, assistindo a todas as conquistas e levando constantemente a cooperação de sua boa vontade, será sempre *uma sólida coluna* de sua Loja e da Ordem.

ATIVIDADE MAÇONICA

A pontual e fiel assistência aos trabalhos simbólicos que se realizam na Instituição, constitui a primeira e fundamental atividade maçônica. Não pode, pois, considerar-se maçonicamente *desperto*

ou ativo quem limite sua atividade maçônica ao envio regular da contribuição que a Loja a que pertença haja fixado para seus membros, evadindo o primeiro e mais essencial dever de sua presença nas conquistas da Oficina da que se fez membro.

Em nenhum lugar, e especialmente em nossa Ordem e na condição de maçom, como o indica este mesmo nome, pode só *receber* senão na medida em que *da*. Primeiro precisa dar, depois pode só esperar da Lei o prêmio ou salário correspondente, a condição de que não se preocupe demasiado do que pode ou deve receber, dado que, de outra maneira, pudera defraudar-se a si mesmo da compensação merecida.

Todo Maçom deve, pois, preocupar-se unicamente *do que pode e deve dar*, e pelo que se refere a seu salário ou *resultado* de seus esforços, seja pessoalmente ou como obra realizada, deve deixá-lo por inteiro a Lei de Compensação.

O Companheiro deve especialmente ocupar-se em cumprir seu dever de dar a Instituição o tributo de sua atividade e de seus talentos individuais, pois nisto especialmente consiste seu trabalho de *ajudar aos Mestres*: o Caminho que conduz ao Magistério é precisamente o desenvolvimento da qualidade e capacidade de dar os melhores esforços e a constante colaboração de uma boa vontade, para fazer uma eficiente obra construtora.

Quanto mais se desenvolve na capacidade de dar, tanto mais se acerca o Companheiro à qualidade de Mestre, em que se realiza a plenitude maçônica, exaltando-se no Magistério as capacidades ativas e os *talentos* operativos que no segundo grau simbólico devem de ser reconhecidos e expressados. Pelo contrário, quem na Maçonaria se esforça unicamente em *sacar* algum benefício, seja de ordem moral, intelectual ou material, cairá para sempre em estado de Aprendiz e, ademais, dificilmente conseguirá efetivamente o que busca, especialmente se trata de vantagens e proveito pessoais. Aqui, como em todos os campos, antes de poder receber algo precisa haver aprendido a *dar* o melhor possível e o mais desinteressado que se possa.

Se toda a atividade de um Maçom deve realizar-se à Glória do Grande Arquiteto, com maior razão há de ser nossa atividade dentro da Instituição, na qual devemos estar constantemente animados e inflamados pelos ideais elevados e as sublimes finalidades da Ordem, fazendo-nos dignos públicos, obreiros e militares fiéis em sua pacífica e construtora batalha no Progresso da Liberdade e do Bem da humanidade.

Os trabalhos maçônicos devem ter por fim essencial *ascender* esta chama de entusiasmo benéfico e construtor, que caracteriza ao verdadeiro maçom, por meio do conhecimento dos Ideais e finalidades da Instituição. Por isto é necessário que os trabalhos se façam com *fidelidade e fervor* verdadeiramente religiosos.

Em que a Maçonaria não seja uma religião, quanto menos no sentido ordinário da palavra, não deve por isto praticar-se menos *religiosamente*. O Maçom deve compenetrar-se do caráter realmente sagrado da Ordem, e a primeira condição para que isto possa realizar-se será uma constante observância religiosa do dever de pontual e assídua assistência as conquistas.

A eficiência da atividade maçônica se achará constantemente diminuída toda vez que seus membros falem à pontual assistência, não estando presentes à hora em que se fixou abrir os trabalhos; ademais, todos os membros de uma Oficina deveriam estar presentes desde a abertura até o término dos mesmos, permitindo-se unicamente aos visitantes ingressar a Loja depois que os trabalhos se acham abertos, o mesmo que cobrir o Templo (se o desejam), antes do término ritual.

Em toda atividade coletiva é, pois, necessária, uma *disciplina* a que todos os que participam da mesma devem submeter-se, senão se quer que sejam estéreos os esforços e pobres os resultados. Esta disciplina é a que representa simbolicamente a *régua*, segundo a qual deve guiar-se e proceder cada maçom, e que aqui consiste em que todos estejam presentes *precisamente à hora indicada*, cumprindo ademais cada qual fielmente com seu particular dever, tarefa ou missão. Assim os *companheiros* que compõe uma Loja serão realmente tais na obra comum de fazer sempre mais efetiva e fecunda a atividade da mesma e da Ordem.

COOPERAÇÃO

Elemento inseparável de toda atividade maçônica é, ademais, o espírito de *cooperação*, que sobre tudo deve caracterizar a qualidade de Companheiro. Em que faça também uma obra individual que a cada maçom lhe incube levar a cabo, de acordo com sua particular compreensão dos ideais e objetivos da Instituição, a Obra da Maçonaria é essencialmente *coletiva*, e precisamente faz possível e resulta realmente efetivamente por meio da individual e universal cooperação de seus membros, unidos em seu coração pela fidelidade a esses ideais.

Cooperar é “obrar unicamente”, ou seja - trabalhar *em unidade* - de espírito, de intentos, de finalidades e de esforços. Isto não significa que deva de fazer uma absoluta uniformidade no ponto de vista e na visão individual das inteligências - ou seja, a unidade planejada e imposta de fora e caracterizada pela unilateralidade e o fanatismo - senão melhor aquela unidade que se realiza por meio da *elevação* dos pontos de vista individuais e limitados, e por a superação destas limitações.

A *cooperação maçônica* há de ser, sobre tudo, o resultado natural de tratar de elevar nossa mira ideal para *os planos perfeitos* do G.: A.:, cooperando à realização desses planos, segundo sejam individualmente compreendidos, precisamente como o mostra o *signo* do Companheiro. Melhor que imposta de fora, tem que ser, quanto menos até, que seja possível, espontaneamente aceita, desejada e reconhecida de dentro, como aquilo que nos põe em harmonia com o Plano e nos depara o privilégio de cooperar para sua realização.

Os pontos de vista são pois, mais divergentes enquanto sejam imperfeitos e afastados do que é espiritualmente *verdadeiro e real*; se acercam e se unificam quando este seja o objetivo essencial da busca e do esforço. Buscando o ideal e o real, encontramos a Unidade; buscando a *perfeição* de nosso próprio ideal encontraremos a unidade com o ideal também de nossos companheiros e irmãos. Esta é a *cooperação iluminada* que se faz efetiva por meio da cooperação, e que se realiza por meio da fé, da Esperança e do Amor.

Encontramos um exemplo desta cooperação ideal na simbólica Construção do Templo na que se resumem e unificam todas as aspirações maçônicas. O Plano desta fábrica alegórica não pode ser-nos dado senão pela mesma Inteligência Criadora que planejou todo o universo em seu conjunto, e estabeleceu as leis que regem a existência, atividade e evolução de cada ser, de cada átomo e de cada coisa. Se nos pomos interiormente em harmonia com esta Inteligência (nosso *primeiro dever* na iniciação como aprendizes) encontraremos também *nosso lugar* neste Plano, e também adquiriremos o conhecimento daquela parte do mesmo Plano que particularmente nos concerne.

Identificando pelo momento a construção desse Templo com a atividade maçônica, sabemos que empenhamos com participar na mesma por meio do trabalho que logramos fazer sobre nossa própria *pedra individual*, “desbastando-a e acertando-a a uma forma em relação com seu destino”. Unicamente quantas pedras individuais hajam sido assim *trabalhadas* (retificadas pelo que se refere

as seus ângulos e arestas, alisados com relação a suas faces), podem tomar um lugar estável e cumprir com sua finalidade construtora no edifício ao que naturalmente pertencem, e com o qual assim se identificam. As pedras que tomam *seu lugar* e mutuamente cooperam na estabilidade do edifício: eis aqui o verdadeiro sentido da *cooperação maçônica*.

Cada obreiro tem assinada uma tarefa particular que consiste, ao início, em “desbastar a pedra bruta, ajustando-a a uma forma em relação com seu destino”. Se trata aqui de um trabalho individual, feito por cada qual segundo sua visão particular e por meio de seus próprios esforços, no que tem que desenvolver-se, e manifestar-se livremente sua genialidade artística.

Cada qual trabalha sua pedra segundo seu próprio Ideal e visão particular, que não é outra coisa que o modelo e as justas medidas que lhe foram assinadas pelo Arquiteto, que ele aceitou livremente por estar conforme com sua especialidade ou faculdade de visão individual.

Todas as pedras lavradas se transportam assim da Construção, onde há Obreiros expertos e Mestres Construtores que conhecem perfeitamente o Plano do Arquiteto ou a parte do mesmo que particularmente lhes concerne e que se encontra em condição de por cada pedra no lugar previamente determinado. Assim o edifício se levanta *com a cooperação de todos*, e se acham as vezes expressos o Plano Geral do Arquiteto e a habilidade e genialidade individual de cada obreiro, igualmente fatores necessários e indispensáveis de sua atual realização.

OBRA INDIVIDUAL E COLETIVA

Existe naturalmente uma íntima relação entre a obra individual e a coletiva, dado que a perfeição desta última apoia: primeiro, no maior grau de perfeição e eficiência que se alcance nos esforços individuais; e, segundo, na mais sábia, perfeita e eficiente coordenação de todos os esforços, utilizando da melhor maneira os talentos e as capacidades individuais.

O simbólico trabalho da pedra que a cada qual é atribuído - ou seja, o desempenho da tarefa a cada qual corresponde na obra coletiva, representada pelo Templo onde se eleva a Glória do Princípio da Vida e da mesma Inteligência Construtora -, será tanto melhor enquanto em cada esforço isolado haja uma clara e perfeita visão do conjunto da Obra, e a percepção de sua *essencial* Unidade. O sentido desta *unidade* é precisamente aquele que unicamente pode *unificar* os esforços que a Sabedoria impessoalmente planeja e dirige, e a Força executa, para a Beleza, Harmonia e Satisfação sejam manifestas na própria perfeição do resultado.

A percepção da Unidade da Obra é o que eleva e coordena as visões individuais, em cada uma das quais tem que refletir-se, em um de seus infinitos aspectos, a própria visão da Inteligência Diretora, Ideal ou Plano Divino que preside à obra. Unicamente assim, quando cada obreiro se esforça em “desbastar sua pedra” de acordo com sua mais elevada visão ideal e sua percepção íntima da *unidade* desse Ideal que dirige e anima a todos os obreiros, será a Sabedoria a que *orienta* construtivamente a todos os obreiros, manifestando-se Força e Ardor nos trabalhos, a raiz dessa mesma *orientação*.¹ Eficiência e Harmonia no resultado, no que se encarna *objetivamente* o Ideal *transcendente*, que se há realizado e reconhecido *subjetivamente*.

¹ Com relação a este ponto, uma paralelo interessante e sugestivo nos oferece a corrente elétrica, que é a Força que se faz manifesta num fio, como conseqüência da Unidade de orientação de todas suas moléculas.

Em outras palavras, para que haja verdadeira e eficiente *cooperação* numa obra, deve de haver um Ideal, Plano ou Visão que inspire e dirija as mesma; e para que essa obra seja *maçônica* se necessita, ademais, como primeira condição, que esse mesmo Ideal, Plano ou Visão seja realmente *sábio*, ou seja expressão dessa Sabedoria que Minerva simboliza em nossos templos, a que se devem todas as obras grandes, formosas e duradouras em todos os campos da vida e da atividade humana.

A segunda condição é que esse Ideal, Plano ou Visão guie tanto individual como coletivamente aos obreiros, de maneira que, como consequência da orientação que recebem, se transforme em Força *operativa* no campo da ação e da vida prática (o Ocidente, onde a mesma Força simbolicamente reside) para que cada um trabalhe para sua realização.

Terceira condição é que a Força trabalhe constantemente em harmonia com a Sabedoria, *executando seus planos*, ou seja, que a Orientação recebida acompanhe toda a obra, sendo unicamente em virtude de tal cooperação da Vontade com a Inteligência, da Prática com a Teoria e do Material com o Ideal, que a mesma obra resultará formosa e harmônica em seu conjunto e em cada uma de suas partes ou elementos.

Sabedoria, Força, Beleza: eis aqui os três princípios diretivos, a trindade operativa, que respectivamente faz *possível, eficiente e satisfatória* toda atividade cooperativa, e em geral toda obra humana - os três critérios que permitem a melhor coordenação hierárquica das vontades e das inteligências, dos esforços e das atividades, dos planos e de sua realização. Quando esses três elementos sejam reconhecidos como ideais diretivos de todas as sociedades e atividades humanas, destronando-se o domínio, hoje todavia importante, dos critérios e considerações materiais, desapareceram todos os conflitos, se solucionaram felizmente as dificuldades, e a paz, a prosperidade, o progresso e a felicidade reinarão entre os homens.

É necessário começar, por conseguinte, por reconhecer este ideal, e ajustar-nos ao mesmo no íntimo de nosso coração, e nos acercarmos assim ao dia de seu pleno reconhecimento e realização exterior. Sendo este princípio o que governa todo o universo, é inevitável também seu reconhecimento e triunfo na vida e na atividade dos homens.

OBRA SOCIAL DA MAÇONARIA

Este conceito da cooperação maçônica é o que faz possível a Obra Social da Instituição, cuja exata natureza e cuja base, que é a perfeita liberdade individual, não pode ser compreendidas pelos *profanos*, em virtude desta mesma qualidade que os afasta do Templo Simbólico de seus Mistérios, cuja porta só pode abrir-nos nosso grau de *compreensão*.

A raiz de sua natureza eminentemente *orientadora*, a Obra Social que explica a Maçonaria não pode ser nunca *dirigida* - segundo se entende no mundo profano -, por nenhum particularmente de seus membros, seja qual fora seu grau maçônico e o posto, cargo ou responsabilidade que se lhe haja conferido.

Cada maçom tem que trabalhar individualmente, de acordo com sua própria visão ideal e sob sua exclusiva responsabilidade, oferecendo-lhe a Instituição o campo no que pode afinar, forjar com outros HH.: - dado que a todos os unem os laços da amizade e da solidariedade - os ideais e os planos de uma determinada atividade exterior, que deve constituir, de acordo com sua própria interpretação, *sua parte* no Plano do G.: A.:, a pedra particular no Templo que a Maçonaria levanta constantemente, por meio de toda sua obra, ao *progresso* da sociedade e da humanidade.

O reconhecimento de um Grande Arquiteto e de seu Plano Perfeito para a Humanidade, e o esforço individual para a compreensão e realização deste Plano, serão, por conseguinte, a *base* de toda atividade social realizada pela Maçonaria em seu conjunto, e de toda verdadeira Obra ou Ação Maçônica. Não pode ser *maçônica* nenhuma atividade cuja base se afaste de tais princípios.

Além de ser *impessoal*, no sentido em que cada obreiro deve esforçar-se em compreender e realizar impessoalmente a porção do plano que lhe foi individualmente atribuído pelo Grande Arquiteto, a Obra Social da Maçonaria deve distinguir-se por seu caráter universalmente *construtor*.

Assim pois, não pode ser maçonicamente nenhuma obra ou atividade demolidora, dissolvente ou destrutora ou que tenda a dividir o conjunto da Sociedade e da Humanidade; e os maçons devem distinguir-se por fazer onde quer, obra construtiva, espargindo constantemente o cimento da Tolerância, da Fraternidade e da Solidariedade entre todas as pedras e fragmentos que concorrem a formar o vasto Edifício Social e Humano - homens individualmente e seus diferentes agrupamentos.

Sendo construtora, a Obra e Atividade da Maçonaria será sempre pacífica, seja no interior de uma determinada Nação ou Sociedade, seja no que concerne as relações entre raças, povos e nações. Mais que internacional, a Obra Social da Maçonaria há de ser *universal*, pois não deve limitar-se a que se estreitam mútuos vínculos entre nações, senão que, considerando toda Humanidade *como um só organismo*, deve esforçar-se em que desapareçam por completo os prejuízos e barreiras ilusórias que as dividem.

Combatendo o erro e o obscurantismo com a Luz da Verdade, e a escravidão dos povos e das massas por meio da iluminação individual, a Obra de nossa Instituição será constantemente *libertadora e elevadora*, sem ser instigadora ou favorecedora de nenhuma forma de violência, por ser estas contrárias a seus princípios de Liberdade e Fraternidade e a suas finalidades de pacifismo construtor.

A liberdade deve, pois, conseguir-se *libertando* aos indivíduos e aos povos dos erros, vícios e ilusões que os escravizam, por meio de um ensinamento, uma prensa e uma educação mais iluminadas, difundidas e eficientes. Por esta razão é especialmente necessário que, como o místico *sal* da terra ou a benéfica *levedura* evangélica, a Maçonaria estenda a Orientação Elevadora de seus Princípios, que tem por fundamento a Verdade e a Virtude no campo da Educação pública e privada.

Sua influência e obra pacífica e construtiva não deve limitar-se, por um mal entendido sentimento do dever ou espírito patriótico, dentro das fronteiras de um país determinado, pois nenhum dever pode estar por cima do dever fundamental de *humanidade* e nenhum patriotismo verdadeiro em contraste com a Verdade da Unidade Espiritual e Moral da Família Humana. Além de afastar as possibilidades de guerras de qualquer natureza, e favorecer as mais harmônicas e justas relações, os Maçons individualmente, aplicaram todo seu poder e influência em diminuir os horrores de toda conflagração civil ou internacional.

No campo profissional e político, a Maçonaria deve estender a influência de sua Obra constantemente moralizadora, por meio da orientação de seus Princípios que são os que devem governar aos povos como aos indivíduos, indicando a cada qual a Senda do Bem, da Retidão e da Justiça, elevando a compreensão do dever e da responsabilidade individual, como membros privilegiados daquele imenso organismo, constituído pela Humanidade em seu conjunto, para cujo bem estar, progresso e elevação deve esforçar-se em cooperar.

COMO DEVEM RESOLVER-SE OS CONFLITOS

Também no campo industrial, comercial e econômico, a Maçonaria fará que se estenda aquelas benéficas idéias inovadoras que realizem uma verdadeira e melhor *cooperação* entre as diferentes classes e indivíduos interessados com o objetivo de que cada qual se eleve sobre a visão estreita e limitada de um egoísmo ilusório, igualmente contrário ao bem individual e coletivo, fazendo-se reconhecer que cada qual consegue seu mais real e melhor benefício, quando mais se preocupa com melhor e mais útil para os demais e coopera com todos seus esforços para lograr o Bem da coletividade em geral e de seus indivíduos em particular.

Assim como anti-humana e suicida, para a humanidade em seu conjunto, é a luta fratricida entre os povos, assim igualmente *anti-social* é a chamada “luta social” entre os dois termos *complementares* melhor que antitéticos - porque são necessários e indispensáveis um para outro -, de *capital e trabalho*, que melhor deveriam considerar-se, respectivamente, como o *poder diretivo* e a *capacidade produtiva*. A Lei verdadeira da vida, ainda desde um ponto de vista puramente Biológico, e o fator principal do progresso individual como social, é pois, a *Cooperação*, em cujo o espírito bem entendido não há problema nem conflito que não possa resolver-se construtivamente.

No espírito de cooperação, pode, pois, resolver-se da maneira mais satisfatória para ambos os lados, e mais útil para a sociedade, esse conflito entre capital e trabalho que, em qualquer de suas formas, aparece constantemente como uma ameaça e uma força destruidora do Bem e a Riqueza individual e social: tudo pode e deve compor-se harmônica e *serenamente*, no espírito da solidariedade maçônica e *humana*, por meio de uma melhor compreensão e uma maior *boa vontade* entre as partes em conflito e contra seus mútuos interesses.

Desta maneira se acharam igualmente resolvidos os problemas da interrupção forçosa, originado por uma pretendida secasses de trabalho, da superprodução e da desocupação dado que na realidade a Sociedade necessita a cooperação de todos os membros que a integram, e o que faz falta é uma melhor compreensão desta necessidade, esforçando-se os que podem em dar trabalho a todos os que o necessitam, cooperando igualmente a seu próprio interesse e ao bem da Sociedade, a qual receberá o duplo benefício da utilidade de muitos de seus membros forçosamente inativos, que em vez de ser para os demais uma carga e uma fonte de dificuldades, se farão cooperadores na riqueza, prosperidade e bem estar de todos.

Isto diminuirá, por conseqüência, a necessidade de Instituições e Obras de Beneficentes e fará mais úteis e eficientes as que existem. Pois em que os maçons particularmente e a Sociedade em geral, tenham o dever de cooperar para a ajuda e o sustento dos que se achem desprovidos do necessário, o cumprimento mais efetivo deste dever não consiste em obras piedosas que, ao oferecer um remédio, sirvam muitas vezes para *estender* o mal que precisamente desejam combater; senão em processar para atividade construtiva aos indivíduos que necessitem uma ajuda e as mesmas Instituições de Benefícios, cujo principal finalidade deveria ser a de educar para o trabalho e procurá-lo.

Finalmente deve cessar a luta e a oposição entre a Maçonaria e a Religião, que foi lamentável prerrogativa dos países dominados pelo catolicismo, e que tem sua origem numa fundamental *incompreensão*. Já que, melhor que ser opostas e antagonicas em suas finalidades, Maçonaria e Religião estão feitas para compenetrar-se, cooperar e beneficiar-se mutuamente, pois a Verdadeira Maçonaria e a Verdadeira Religião formam ambas *os dois aspectos inseparáveis* de uma mesma coisa, as duas colunas igualmente necessárias do Templo Espiritual da Humanidade.

Que sejam por ambos lados os ataques e as calúnias e que, elevando-se e compreendendo-se reciprocamente, se unam fraternalmente em sua finalidade comum, cooperando igualmente no Nome, a Glória e sob os Auspícios de um mesmo Ser e Poder Supremo, em cujo Infinito Amor ha lugar para todos quantos elaboram com desinteresses por seus Ideais, que são todos indistintamente seus *filhos*, e portanto *irmãos*.

O homem de Fé sincera, seja Maçom ou membro fiel de uma determinada confissão religiosa (e especialmente se reúne em si as duas qualidades), será sempre um fiel e desejável *Companheiro* para seus irmãos, praticando a Maçonaria com fervor *religioso* e realizando na Religião sua *finalidade maçônica* ou construtiva.

CONCLUSÃO

Nos temos nos esforçado em dar nestas páginas ao Companheiro Maçom uma idéia, a mais clara possível, do que significam os *símbolos*, *cerimônias* e *instrumentos* que se relacionam com seu grau, e da Doutrina Iniciática que se deriva da interpretação dos mesmos.

Estamos muito longe de crer que com ele os símbolos disse tudo o que tinham que dizer: muito todavia pode dizer-se e deduzir-se sobre o tema efetivamente *inesgotável* da interpretação iniciática e filosófica do Simbolismo Maçônico. Nosso objetivo fundamental foi e é, pois, o de *fazer pensar* e refletir individualmente, por ser esta a única maneira com a qual pode só acercar-se à verdade.

Noutras palavras, não desejamos que quem nos leia considere nossa interpretação como *definitiva*, como algo que deve unicamente estudar-se e aprender, como se faz com os livros de textos nas escolas. O livro do texto da Maçonaria é e será para sempre *seu simbolismo*, que cada maçom deve esforçar-se em estudar e interpretar *individualmente*. Assim, pois, com nossa obra, queremos unicamente oferecer um guia aos que queiram indicar-se em sua compreensão, para que, estudando e reflexionando sobre o dito, possa cada qual chegar, por seus próprios esforços, mais além do sentido imediato de nossas palavras, e descobrir-se assim aquele Segredo Maçônico que é o *tesouro* que se guarda como *salário* dentro do oco misterioso das duas colunas.

Comparando o conteúdo do presente volume com o de nosso precedente “Manual do Aprendiz”, se convencerá o leitor de que a Doutrina Maçonaria é uma *progressiva* revelação da Verdade e que, em que se encontra já toda *potencialmente* expressa no primeiro, em cada grau maçônico encontramos uma nova, mais profunda, e mais adiantada etapa, de sua revelação. Isto se fará patente também nos próximos “Manuais”, que formam em seu conjunto distintos tomos de uma única Obra, constituindo cada qual a introdução necessária para poder entender e compreender o seguinte.

Na progressiva revelação cada grau e etapa é igualmente importante: nisto consiste a *igualdade* fundamental entre todos os graus maçônicos, igualdade que deve seguir reinando soberana na Maçonaria, apesar da necessária graduação das etapas de esforço e realização.

O Aprendiz que realiza perfeitamente seu grau é assim, *espiritualmente*, o igual do Companheiro, e este o igual do Mestre; já que cada grau há igualmente um aprendizado ou estado incipiente, um estado ativo e operativo de companheiro, e um estado de perfeição ou magistério.

Assim pois, o Maçom *verdadeiramente* sábio não será nunca o que se propõe escalar todos os graus no mais curto tempo possível, senão pelo contrário, quem concentre todos seus esforços para entender e realizar perfeitamente aquele grau ou etapa na qual atualmente se encontra, sendo esta a maneira mais efetiva para alcançar um *progresso* verdadeiro. A larga permanência num grau será

assim, para ele, a oportunidade e o privilégio para melhor realizar as possibilidades daquele grau, que por nenhum motivo não de conceituar-se inferiores às dos graus superiores.

Melhor que aspirar a um grau superior, deve só *fazer-se superior* a seu próprio grau, sendo esta superioridade íntima a base real de toda superioridade efetiva. E isto não se aplica unicamente a Maçonaria, senão também a vida em todos seus aspectos, da qual aquela é uma fiel e profunda representação simbólica: em qualquer carreira, estado ou condição, será sábio quem, melhor que aspirar a um melhoramento ou promoção *exterior*, se esforce em alcançar o máximo proveito no estado ou condição atual em que se encontre, até que chegue a *superar interiormente* seu próprio estado, e por conseguinte mais capaz de assumir de uma maneira eficiente as maiores responsabilidades que se lhe ofereçam.

A Maçonaria é, pois, uma Ciência e uma Arte que deve constantemente *aplicar-se* na vida: entendam isto o Companheiro e o Maçom de qualquer grau. Assim levará nossa Augusta Instituição sua missão vital para todo ser humano, e se converterá em meio poderoso de Progresso e Elevação Social.

INDICE

Prefácio à Segunda Edição
 Prefácio à Terceira Edição
 Ao Companheiro

PRIMEIRA PARTE

O Desenvolvimento Histórico da Maçonaria Moderna
 A “Grande Loja” de Londres
 Primeiros Dirigentes
 A “Constituição” de Anderson
 Deveres Maçônicos
 A “Essência” da Maçonaria Moderna
 Multiplicação das Lojas
 O Desenvolvimento na Inglaterra
 A Maçonaria na França
 Primeiros Anátemas
 O Exórdio na Itália
 Na Península Ibérica
 Na Alemanha e Áustria
 Nos Demais Países da Europa
 Na América
 A Maçonaria na Primeira Metade do Século XIX
 Novas Perseguições
 Os “Carbonari”
 Extensão da Maçonaria no Novo Continente
 A Segunda Metade do Século
 A Maçonaria Anglo-saxã
 A Maçonaria Européia
 Ásia e África
 Na América Latina
 O Domínio Mundial da Maçonaria

SEGUNDA PARTE

O significado da cerimônia de recepção
 O Mestre Construtor
 Exame do Candidato
 Preparação
 O Pensamento
 A Consciência
 A Inteligência
 A Vontade
 O Livre Arbítrio
 As Cinco Viagens
 A Primeira Viagem
 A Segunda Viagem
 A Terceira Viagem
 A Quarta Viagem
 A Retrogradação
 As Espadas Sobre o Peito
 Os Cinco Degraus
 A Estrela Flamejante
 A Letra “G”
 Geometria - Gênio - Gnose
 Gravitação - Graça - Gozo
 A Tentação
 O Juramento
 O Coração Arrancado
 Consagração
 A Colocação do Avental
 A Marcha e o Signo
 A Palavra de Passe
 A Palavra Sagrada

TERCEIRA PARTE

Filosofia Iniciática do Grau de Companheiro
 O Número Quatro
 O Tetagrama
 Os Quatro Elementos
 O Quaternário
 O Quadrado
 A Pirâmide
 A Quintaessência
 A Origem da Vida
 Os Cinco Tatvas
 A Rosa e a Cruz
 Os Cinco Sentidos
 A Inteligência
 A Razão
 A Intuição

As Cinco Ordens da Arquitetura
O Pentágono
A seção Áurea
O Número Seis
O Hexagrama
O Cubo
O Templo Maçônico
O Templo da Vida
Os Cinco Princípios do Homem
Nossa Arquitetura Individual
Os Instrumentos da Construção
As Três Janelas
As Letras do Alfabeto

QUARTA PARTE

Aplicação Moral e Operativa da Doutrina Simbólica deste Grau
A Religião e o Trabalho
Nossa Arte”Sacerdotal e Real
“Viver para Trabalhar”
Os Cinco Sentidos
A Vista
Atitude Positiva e Negativa
A Visão Construtora
O Ouvido
Ler e Escutar
A Voz Interior
O Tato
O Gosto
O Olfato
Nossos Talentos
A auto-cultura
A Expressão dos Talentos
Nossa Atividade
Alegria, Fervor, Liberdade
Os “Talentos” Materiais
Deveres do Companheiro
Atividade Maçônica
Cooperação
Obra Individual e Coletiva
Obra Social da Maçonaria
Como Devem Resolver-se os Conflitos
Conclusão

FIM